

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Georgine Botelho Tostes

**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR MARCOS WALDEMAR
DE FREITAS REIS E MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE ITAIPU:
O que acontece nesse caminho?**

**Niterói
2025**

Georgine Botelho Tostes

**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR MARCOS WALDEMAR
DE FREITAS REIS E MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE ITAIPU:
O que acontece nesse caminho?**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal Fluminense como requisito para
obtenção do título de Mestre em
Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Vidal Pérez

Niterói
2025

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

T716e Tostes, Georgine Botelho
 Escola Municipal Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis e
Museu de Arqueologia de Itaipu : O que acontece nesse caminho?
/ Georgine Botelho Tostes. - 2025.
 111 f.: il.

 Orientador: Carmen Lúcia Vidal Pérez.
 Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Faculdade de Educação, Niterói, 2025.

 1. Escola. 2. Museu. 3. Cotidiano. 4. Aprendizagem. 5.
Produção intelectual. I. Pérez, Carmen Lúcia Vidal,
orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Faculdade de
Educação. III. Título.

CDD - XXX

Georgine Botelho Tostes

**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR MARCOS WALDEMAR DE
FREITAS REIS E MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE ITAIPU:
O que acontece nesse caminho?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Vidal Pérez
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. José Valter Pereira
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof.^a Dr.^a Mairce da Silva Araujo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof.^a Dr.^a Minna Gondim Marques Rodrigues
Fundação Municipal de Educação (FME)

Dedico essa travessia aos meus filhos,
Gabriel e Yan, pois eles trouxeram para a
minha viagem, chamada vida, uma
aprendizagem que não tem fim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, “Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”, pela oportunidade reencarnatória, onde caminhar, mesmo que, às vezes, por estradas turbulentas, me deu a oportunidade de viver novas histórias e continuar me transformando.

Aos meus pais, que me permitiram essa nova existência, que foram exemplo de honestidade, determinação, respeito ao próximo e amor ao estudo.

À minha mãe, que, mesmo com o desencarne de meu pai, ficou. Ficou de uma maneira grandiosa. Foi minha parceira e minha fortaleza. Me incentivou nos estudos. Esteve lado a lado na criação dos meus filhos. Ela sempre foi incentivadora dos meus estudos.

Aos meus filhos, Gabriel e Yan. Com a chegada deles, em duas estações diferentes, descobri e pude sentir um amor que engrandece meus dias. Diferentes, em suas peculiaridades, são exemplos para mim e me fazem aprender sempre. Ensinarão-me mais que eu a eles. A caminhada com eles trouxe mais sentido à minha vida!

Aos meus irmãos, Magdala, Rita, Marco e Rute, que partilham comigo esta vida em seus momentos alegres e tristes. Cada qual no seu caminho, mas sempre nos encontrando nos portos que a vida proporciona.

Às amigas, e aos poucos amigos, que caminharam comigo. Algumas bem de perto, outras nem tanto, mas todas/todos presentes com palavras e gestos que estão em minha bagagem para sempre.

À Universidade Federal Fluminense, desde a graduação até aqui, como referência, estação de embarque e desembarque, de muito aprendizado e crescimento como pessoa e profissional.

À professora Carmen Pérez e ao professor Walter Filé, que me permitiram ingressar no mestrado, bem como me acompanharam durante todo esse percurso, me questionando e me fazendo trilhar caminhos, de muitos desafios para mim, para terminar essa etapa.

Aos grupos de estudo, “Laboratório de estudos e aprontos multimídia: relações étnico-raciais na cultura digital” (LEAM) e “Grupo de Estudos e Pesquisas Escola, Memória e Cotidiano” (GEPEMC), que nas leituras, conversas e trocas me mostraram

itinerários que não conhecia, e assim pude ver quanta diversidade de conhecimentos essa estrada pode oferecer quando compartilhamos a caminhada com pessoas tão generosas.

Às escolas, que foram estações de muitas paradas nessa caminhada. Paradas, às vezes, de turbulência, de tempestade, de aprendizado, de refazimento, de alegria e de mudanças. Muitos laços de amizade que fiz me acompanham até hoje. Às crianças e responsáveis que, muitas vezes, me disseram “O caminho é aquele, não esse como você acredita”!

A todas/todos as/os profissionais da Escola Municipal Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, que, nas conversas, nos embates e nas discussões nas Reuniões de Planejamento, nas parcerias, no refeitório, no balcão da cozinha, na Sala das Professoras, no pátio, nas caronas, nas festas e fora da escola, foram os ‘outdoors’ do caminho, trazendo espanto, admiração e, algumas vezes, não foram tão interessantes assim.

Ao Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI) e seus funcionários, em especial Flávio, Eduardo, Michelle, Wanessa e Stélvio, pela parceria e ajuda durante todos esses anos do Programa de Educação Socioambiental (PESA).

Ao meu parceiro Bira, que reapareceu em meu caminho, depois de 35 anos, e me incentivou a continuar a caminhada, escutando minhas frustrações e choros, e ainda assim permaneceu.

À Maria Carolina, minha terapeuta, que tem me ajudado a romper com alguns percursos, descobrir outras estradas e ser autora do meu próprio caminhar.

A algumas pessoas que seguraram na minha mão em algumas travessias, que não posso deixar de citar. Elaine (amiga-irmã), Minna (amiga/incentivadora/parceira), Milena (amiga/parceira/coorientadora), Cristina Figueiredo(amiga/parceira), Mônica (sobrinha/filha), Laura (filha que a vida de emprestou), Marina (minha sogra/parceira), Lili e Fred (casal/amigo) e muitas outras pessoas que não caberiam nessa lista.

Às músicas, que desde criança, na hora de acordar, ouvindo a Rádio Relógio e a Rádio Globo, na década de 80, com as Bandas de Rock, Os Mineiros do Clube da Esquina, Os sambas e tantas outras, me faziam e fazem viver, com suas letras e melodias, essa jornada com emoções, reflexões e construção de mim mesma.

E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar

É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração

(Caminhos do Coração, 1982)

RESUMO

A pesquisa que fundamenta esta dissertação se inscreve na Linha de Pesquisa Estudos do Cotidiano e Educação Popular, tendo como ponto de partida a parceria de um trabalho de quinze anos entre a Escola Municipal Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis e o Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI). Nesse sentido, narra a experiência vivida junto às turmas de 5º Ano de Escolaridade, evidenciando a potência da construção de conhecimentos dentro e fora dos muros da escola, onde as experiências, com as aulas-campo, trazem um aprendizado coletivo. A pesquisa tem como campo teórico a conversa com os seguintes autores: Nóvoa, Pérez, Certeau, Benjamin, Garcia, Freire, Freinet. O percurso metodológico inicial parte do meu memorial de formação como professora pesquisadora, um revisitar à história do Programa de Educação Sócio Ambiental (PESA) e suas etapas, em direção às narrativas docentes e discentes e dos registros realizados pelas crianças através de imagens e diários de campo. A pesquisa constata a potência dos conhecimentos produzidos na relação da escola com PESA.

Palavras-chave: Escola; Museu; Cotidiano; Meio Ambiente; Aprendizagem.

ABSTRACT

The research that substantiated this dissertation is part of the Research Line Studies of Daily Life and Popular Education, having as its starting point the fifteen-year partnership between the Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis Municipal School and the Itaipu Archaeology Museum (MAI). In this way, it narrates the experience lived with the 5th grade classes, highlighting the power of knowledge construction inside and outside the school walls, where experiences, with field-classes, bring collective learning. The theoretical field of the research is the conversation with the following authors: Nóvoa, Pérez, Certeau, Benjamin, Garcia, Freire, Freinet. The initial methodological path starts from my training memorial as a teacher-researcher, a revisitation of the history of the Socio-Environmental Education Program (PESA) and its stages, towards the narratives of teachers and students and the records made by children through images and field diaries. The research verifies the power of the knowledge produced in the relationship between the school and PESA.

Keywords: Scholl; Museum; Daily life; Environment; Learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Contracapa do livro “Como Um Romance” de Daniel Pennac	27
Figura 2 - Mapa de localização da E. M. Marcos Waldemar de Freitas Reis e do Museu de Arqueologia de Itaipu (1)	30
Figura 3 - Mapa de localização da E. M. Marcos Waldemar de Freitas Reis e do Museu de Arqueologia de Itaipu (2)	31
Figura 4 - Atividade do PESA onde visualizamos a Laguna de Itaipu do Alto no Morro das Andorinhas.....	31
Figura 5 - Pátio do Museu de Arqueologia de Itaipu.....	33
Figura 6 - Michele apresentando etapas do projeto às crianças e às professoras....	41
Figura 7 - Eduardo, no interior do MAI, explicando sobre os objetos ali expostos	42
Figura 8 - Placa referente à Duna Grande	43
Figura 9 - Michele Explicando o que é a Duna Grande e os Sambaquis	43
Figura 10 - Capa do livro produzido por profissionais da UERJ/SG, profissionais no MAI e pela professora da E. M. Marcos Waldemar, Marcia Hippert, com as crianças	45
Figura 11 - Última página do livro com desenho feito por uma criança	46
Figura 12 - Eduardo e Michele explicando sobre as praias e a restinga	48
Figura 13 - Crianças brincando na tirolesa no quintal do morador do Morro das Andorinhas (Praça do Balanço).....	49
Figura 14 - Conversa com Marcos, o morador do Morro das Andorinhas	51
Figura 15 - Flávio explicando sobre a história da pesca e a diferença entre pesca artesanal e pesca industrial.....	53
Figura 16 - As crianças pescando no tanque de areia	54
Figura 17 - Aluna localizando no banner a profundidade em que vive o peixe que ela pescou no tanque de areia.....	54
Figura 18 - Pescador Mauro falando sobre sua vida e atividade pesqueira.....	55
Figura 19 - Pescador Mauro mostrando às crianças como se tece a rede de pesca	56
Figura 20 - Pescador Mauro ensinando a tecer a rede de pesca.....	56
Figura 21 - Crianças caminhando até o ponto de ônibus	58
Figura 22 - Crianças esperando no ponto de ônibus.....	58
Figura 23 - Crianças observando os lixos que as tartarugas comem ao confundi-los com alimentos	59

Figura 24 - Crianças acompanhando uma explicação sobre a poluição dos mares..	60
Figura 25 - As crianças visitando a BEM e explorando o lugar, olhando as estantes de livros	61
Figura 26 - Roda de Conversa e contação de história na BEM.....	62
Figura 27 - Desenho produzido pelo aluno Pablo dos Santos Almeida após a trilha do Caminho de Darwin	63
Figura 28 - Jaqueline Ribeiro mostrando às crianças a nascente d'água que existe no Caminho de Darwin e sua importância para o ecossistema local	64
Figura 29 - Pequeno museu, Núcleo de Darwin, com a história da passagem de Darwin por Niterói.....	65
Figura 30 - Outra sala do Núcleo de Darwin com animais, plantas e sedimentos de rochas do ecossistema local	65
Figura 31 - Mural produzido por professoras e alunos da escola.....	67
Figura 32 - Cartaz produzido pelas crianças do quarto ano de escolaridade.....	68
Figura 33 - Desenho produzido por Isabelly após participar da Trilha no Morro das Andorinhas	71
Figura 34 - Texto produzido por Isabelly ao final do ano letivo de 2023 sobre o PESA	72
Figura 35 - Confraternização no último dia do PESA, na praia, com Eduardo (setor educativo do MAI), Milena (professora do 5º ano de escolaridade), Flávio (Diretor do MAI) e Kamille (aluna do 5º ano de escolaridade).....	83
Figura 36 - Luiza Gravina (PIRP/UFF), desenvolvendo atividade com as crianças do 5º ano de escolaridade sobre o Planeta Terra e a Poluição	85
Figura 37 - Glauber Carvalho construindo com as crianças a evolução das leis abolicionistas e relacionando com o racismo que existe, até hoje, em nossa sociedade	87
Figura 38 - Wanessa conversando com as crianças sobre Museus.....	90
Figura 39 - Registro de uma crianças sobre o que gostaria de pesquisar no PESA .	90
Figura 40 - Registro de uma criança sobre uma visita ao MAI	91
Figura 41 - Crianças registrando, no diário de campo, enquanto visitam o acervo do MAI	92
Figura 42 - Crianças desenhando	93
Figura 43 - Registro em diário de campo sobre atividade realizada no MAI (1)	94
Figura 44 - Registro em diário de campo sobre atividade realizada no MAI (2)	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BEM	Biblioteca do Engenho do Mato
FFP/UERJ	Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
GEIA	Grupo de Estudos Interdisciplinares do Ambiente da Faculdade de Formação de Professores
GEPMC	Grupo de Estudos e Pesquisas Escola, Memória e Cotidiano (UFF)
INEA	Instituto Estadual do Meio Ambiente
LEAM	Laboratório de Estudos e Aprontos Multimídia: Relações Étnico-raciais na Cultura Digital (UFF)
MAI	Museu de Arqueologia de Itaipu
PESA	Programa de Educação Sócio Ambiental
PESET	Parque Estadual da Serra da Tiririca
PIRP	Programa de Residência Pedagógica
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UMEI	Unidade Municipal de Educação Infantil

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	NASCI PROFESSORA? NÃO. CAMINHANDO E EM CONSTRUÇÃO	19
2.1	O COMEÇO DO CAMINHO	19
2.2	DE MIRACEMA PARA NITERÓI.....	25
2.3	OUTRO CAMINHO.....	28
2.4	UM NOVO CAMINHO: O MAI VEM À ESCOLA	30
2.5	NO MESTRADO.....	35
3	MAI E ESCOLA. CAMINHANDO... ..	37
3.1	EU, AS CRIANÇAS E O MUSEU	37
3.1.1	<i>Sambaquis.....</i>	<i>42</i>
3.1.2	<i>A cada subida novas descobertas</i>	<i>46</i>
3.1.3	<i>Trilhando o Morro das Andorinhas Virtualmente</i>	<i>49</i>
3.1.4	<i>Conversa com o Sr. Marcos, morador do Morro das Andorinhas</i>	<i>51</i>
3.1.5	<i>No caminho do mar: Oficina “Fala, Peixe”.....</i>	<i>53</i>
3.1.6	<i>Uma aula sobre as tartarugas</i>	<i>57</i>
3.1.7	<i>Os livros da “BEM” e a aventura do conhecimento.....</i>	<i>60</i>
3.1.8	<i>No “Caminho de Darwin”</i>	<i>62</i>
3.1.9	<i>Revisitando o passado para construir um futuro</i>	<i>66</i>
4	PROFESSORA E PESQUISADORA. MESMO CAMINHO?.....	70
4.1	NAS CURVAS DO CAMINHO: MAI E ESCOLA, UMA PARCERIA?.....	80
5	CONCLUSÃO.....	97
	REFERÊNCIAS.....	101
	ANEXO A – POEMA	106
	ANEXO B - OFÍCIO	108
	ANEXO C – PEQUENO LIVRO SOBRE O MAI PRODUZIDO PELA ESTUDANTE BEATRIZ VERAS MONTEIRO	109

1 INTRODUÇÃO

Caminhar
Juntos por caminhos diferentes
E as estrelas lá no alto
Vão guiar nossos passos
Flores há
Espinhos também há
E a sombra do mistério
Revelar um universo...

(Caminhar, 2021)

Quando ingressei no mestrado não tinha a dimensão desse caminhar que seria a pesquisa. Novos conhecimentos e relações atravessaram-me, despertando em mim um novo olhar. Entre leituras diversas, encontrei em Nóvoa um norte para começar essa estrada, quando me diz:

Sem viagem não há conhecimento. E sempre que se bifurquem os caminhos à tua frente, segue por aquele que tiver sido menos percorrido. É isso que marcará a tua diferença como investigador. Sem coragem não há conhecimento (2015, p. 14).

Precisei de muita coragem para continuar a pesquisa. Tudo era novo para mim. Com formação acadêmica em Serviço Social, precisei de muita leitura e dedicação para escolher os trajetos que iria percorrer.

Planejando essa viagem, escolhi como ponto de partida minha história de vida. Busquei na memória: o lugar de nascimento, a família, as escolas por onde passei, as conversas, as músicas, as fotos, as leituras, as pessoas e experiências para que fossem meus guias nesse caminho. Foi um regresso difícil e prazeroso ao mesmo tempo. Mexer com o passado, algumas vezes, é enfrentar o próprio eu. Mas, ouvindo Nóvoa me coloquei ativa para continuar, quando me diz:

Sim, é preciso assumir riscos. Se passarmos a vida a evitá-los, renunciaremos à possibilidades de produzir algo interessante, com significado para nós e para os outros. O que importa, na ciência, é a capacidade de ver de outro modo. Se repetirmos o mesmo, encontraremos o mesmo. Sem transgressão não há descoberta, não há criação, não há ciência (2015, p. 15).

Assim, assumindo riscos que essa jornada me traria, segui em frente, transgredindo certezas que me foram colocadas como verdade. Revisitando o

passado, comecei a entender o meu presente que é onde me reconheço como *professorapesquisadora*¹.

Precisava agora eleger a metodologia que escolheria para escrever sobre essa estrada que escolhi trilhar. Como toda boa viagem, busco, através da narrativa, como *professorapesquisadora*, a companhia de Nóvoa, Garcia, Pérez, Certeau, Benjamin e Freire para discorrer sobre essa trajetória de aprendizado coletivo e participativo. Onde perguntar, vivenciar e modificar faz parte do dia-a-dia de todas / todos nós.

Depois de algumas leituras e participando das aulas, busco o diálogo com Pérez que me diz:

O ato de narrar é um ato de conhecimento... A narrativa da prática educativa transforma o ato em história: A história de uma experiência engendra aprendizagens: aprende quem conta, quem escuta, quem escreve, quem lê. Aprendem todos os que sabem o valor de restituir ao outro um saber que resulta da experiência (2017, p. 17).

Foi importante compreender que as experiências quando narradas transformam quem narra e quem escuta.

Na primeira parada dessa viagem, que é o primeiro capítulo, conto como foi e tem sido minha construção como professora. Alguém nasce professora/professor? Falo da minha trajetória de menina do interior, meu encontro com o museu e o que acontece hoje nessa minha construção como professora e como ser humano. Escuto, então: "Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática" (Freire, 1991. p. 58). Nasci e estou na escola desde sempre. Lembro-me de uma vez, em um passeio da escola onde estudei, em que fomos à Petrópolis e lá tive meu primeiro contato com museus. Busco nesse olhar para o passado entender como os acontecimentos que essas experiências com a escola e com uma família de professores e de um pai leitor me trouxeram até aqui. Nesse

¹ O uso desses termos - e tantos outros que ainda aparecerão neste texto - escritos desse modo (juntos, em itálico, entre aspas simples, muitas vezes pluralizados e invertidos quanto ao modo como 'normalmente aparecem') tem a ver com a compreensão que adquirimos nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos de que as necessárias dicotomias para o surgimento da Ciência moderna tem, hoje, para nós o sentido de limites ao que precisamos compreender quanto aos cotidianos. Nós os escrevemos assim para lembrar, permanentemente, que precisamos ir além das marcas hegemônicas que adquirimos em nossa formação.

[1] Inspirada por Esteban sobre o conceito de *professorapesquisadora*. In: Esteban, Maria Teresa; Zaccur, Edwiges (org.). *Professora pesquisadora: uma práxis em construção*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 120 p. p. 97-117.

espaço múltiplo e diverso, de conhecimento e relações, onde todos se transformam, me reconheço como ser em construção.

Olho para um tempo formativo, ou seja, a minha chegada na Escola Municipal Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, na Região Oceânica de Niterói, onde me encontro há 19 anos e onde realizo a pesquisa. Nesta escola fui: mãe de aluno, professora, secretária e gestora. Sinto-me privilegiada em fazer parte desse cotidiano escolar, constituído de profissionais comprometidos com a educação pública e com a comunidade escolar. Converso, mais uma vez, com Pérez quando diz:

Ao assumir teoricamente o cotidiano em sua complexidade, procuramos, através do exercício de um pensamento rizomático, mapear os fluxos que atravessam as relações que se produzem entre subjetividades e práticas, para captar nas dobras desse cotidiano movimentos de ruptura com discursos e práticas instituídas (2017, p. 17).

Buscando, a partir de um olhar teórico, observar melhor o lugar onde estou como *professorapesquisadora* e diante desse ziguezaguear que o caminho me proporcionou tive a oportunidade de acompanhar, desde 2010, o Programa de Educação Socioambiental (PESA) junto ao Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI). São quinze anos de idas e vindas, os trajetos e os lugares se modificaram, pessoas permaneceram e outras se foram, numa transformação permanente. Eu também me modifiquei.

Mas, como acontece em algumas viagens, tive momentos de angústia e dor. Um deles foi quando, em 2020, passamos pela Pandemia da COVID 19, nessa época eu era diretora, ficamos sem saber o que fazer diante do isolamento social, as internações e as mortes que abalaram o mundo com tanta dor. Quando voltamos à escola tivemos que buscar uma direção para aquele caminho que parecia ser, e foi para muitos, o fim da estrada. Mesmo assim, precisávamos continuar! Com o isolamento e a participação, de parte da escola, virtualmente, como realizaríamos o PESA? Uma atividade que precisava de visitas ao MAI, bem como participar de trilhas. Agendamos uma reunião com os profissionais do museu e alguns professores da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). No decorrer da reunião, o professor Douglas Pimentel nos informou que nunca havia visto um projeto de uma escola com um museu com uma durabilidade tão grande; na época o projeto tinha 10 anos. Esta informação me intrigou. Ele ainda perguntou se a escola tinha algum registro dessa atividade. Percebi

que estava ali diante de uma questão importante. Era preciso problematizar. Então, me reporto, novamente, em Pérez:

O exercício de problematizar o cotidiano e o desafio de reinventá-lo se traduz num estilo singular de pensar/praticar formação e investigação; nossa produção teórica está implicada em nossa própria experiência: ser, saber e *saberfazer* (2017, p. 16).

Foi quando, naquele momento do caminho, parei e fiquei pensando na seriedade daquele questionamento. Com o incômodo causado, comecei a olhar para a estrada percorrida até ali e a pensar qual o caminho seguir.

Parto, assim, para a segunda parada da minha viagem, o segundo capítulo, onde trago a pergunta que me intrigou nas aulas de mestrado: Professora e pesquisadora. Pode ser? Gostei de pensar e descobrir sobre esse assunto. Fui estimulada pelos meus pais, irmãos, alguns professores e amigos a continuar meus estudos e a buscar novos conhecimentos. Olhando essa etapa da minha caminhada, descobri que estou me constituindo como *professorapesquisadora*. Mesmo com algumas turbulências que a estrada apresentou, nesses anos de profissão, sempre busquei novos conhecimentos para fazer a travessia valer à pena. Fazer um passeio pelas etapas do PESA, pelas aulas-campo e pela história do projeto, perceber como ele se modificou e permaneceu nesse vínculo onde todos aprendem e se transformam foi um momento importante na pesquisa. Fico aqui com a fala de Prado e Soligo quando dizem:

[...] Assim, recordar pode ser compreendido como vitalizar, oxigenar, reavivar as memórias guardadas. É a 'arte' de pôr em movimento as ideias, impressões e conhecimentos disponíveis. E esse movimento é o que torna possível ao homem expor suas memórias, narrar suas histórias. Nós nos recordamos pela construção de narrativas que trazem à luz eventos passados, atualizados no presente e lançados às memórias futuras (2009, p. 5).

E foi nesse retornar às etapas do PESA que fui tentando entender o que aconteceu durante todos os esses anos para que a escola não registrasse esse movimento tão cheio de conhecimentos.

Sigo minha viagem, e bem perto do final preciso fazer mais uma parada. É no terceiro capítulo que me encontro com outros viajantes e, a partir das conversas com eles, na descrição da viagem através da lente de cada um, que me deparo com olhares diversos e, ao mesmo tempo, únicos, pois trazem memórias e observações

diferenciadas sobre essa história de 15 anos. Vozes, experiências e entrelaçamentos nessa estrada. Sobre essa escuta diversa do PESA, revisito o meu passado e os encontros que a vida me proporcionou. Já não sou mais a mesma e acredito que todos nos modificamos nessa trajetória. Fico atenta a fala de Certeau quando diz:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legitimidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo (2014, p. 176).

Ouvindo essas histórias, e tentando montar o quebra-cabeça desses olhares, revisito lugares e memórias para entender essa parceria entre escola e MAI. Cada conversa, cada relato, cada ponto de vista traz uma maneira de ver o projeto. Busco, então, através da pesquisa, descobrir porque a escola não tem um acervo sistematizado dessa longa caminhada.

2 NASCI PROFESSORA? NÃO. CAMINHANDO E EM CONSTRUÇÃO

Eu vi a mulher preparando
 Outra pessoa
 O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga
 A vida é amiga da arte
 É a parte que o Sol me ensinou
 O Sol que atravessa essa estrada que nunca passou
 (Força Estranha, 1994)

2.1 O COMEÇO DO CAMINHO

O caminho se faz caminhando, deste modo, para falar sobre o meu caminhar como *professorapesquisadora*, aciono os guardados da memória e entrelaço a narrativa da minha história de *vidaformação*. Como Prado e Soligo considero que:

[...] ao narrar as coisas lembradas, os acontecimentos passados assumem vários matizes e nos dobramos sobre a própria vida. Ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam (2009, p. 7).

Portanto, como em uma estrada, vou trazendo meu percurso formativo para construir essa pesquisa. Lembro-me da minha infância, da minha família, da minha casa. E como num sonho, viajo com a imaginação e me descubro na escola desde sempre.

Nossa! Onde estou? Está escuro aqui, mas consigo me mexer e dar umas cambalhotas! Que lugar aconchegante! Ouço algumas vozes e uma delas está bem perto e, às vezes, fala comigo. Também escuto o bater compassado do seu coração. Tudo está calmo! Quase sempre. Por vezes, sinto que quem me transporta sai do lugar onde está, caminha por um tempo e as batidas do seu coração ficam mais rápidas. Então começo a ouvir muitas vozes e o lugar onde estamos agora parece bem agitado, barulhento, alegre. Ouço vozes de muitas crianças!

O mundo está cheio de música. Há sons que não existem mais, que estão perdidos na memória. Meu amigo, Severino Antônio, poeta de voz mansa, sugeriu aos seus alunos que um passo primeiro para a poesia seria chamar do esquecimento os sons que um dia ouviram e que não se ouvem mais (Alves, 2005, p. 33).

Volto do meu sonho e percebo que, naquele dia, eu chegava à escola pela primeira vez! E depois muitas vezes ali estive nessa situação singular. A observação e a escuta dos lugares ressignificam o caminhar e a experiência de vida.

Passado algum tempo depois de sair da barriga, dessa mulher forte que me carregava, fui olhando, sentindo e escutando o mundo, os lugares, as pessoas e aprendendo coisas.

Em casa, nos dias de chuva, o quadro de feltro trazia para nós, filhos da professora, histórias como a dos Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho e da Branca de Neve. Enquanto a chuva caía lá fora, mamãe ou minhas irmãs mais velhas contavam as histórias com as imagens que eram colocadas uma a uma naquele quadro. Nossa mente viajava com as histórias. A chuva nunca foi um problema para nós. Sempre nos divertíamos com as histórias ou com os barquinhos de papel que confeccionávamos com as sobras dos papéis, que mamãe utilizava na confecção de suas aulas, e que eram lançados pela janela do quarto nas corredeiras feitas pela água da chuva que era derramada do telhado, e navegava até ser engolido pela enxurrada.

Mamãe tinha uma bolsa de palha trançada onde carregava seu caderno de plano e uma enorme régua de madeira que era colocada dentro da bolsa, mas que era vista por todos e que dava medo só de olhar. Ao mesmo tempo em que caminhava com aquele ar de 'brava', passava nas casas da vizinhança chamando todas as crianças para a escola. Chegava, então, na escola com a bolsa de palha com a régua e uma 'renca' (era assim que falava para dizer que muitas crianças iam com ela). Todo dia era a mesma coisa. Há pouco tempo nos encontramos com uma dessas crianças, um menino, que emocionado abraçou mamãe e nos disse o quanto era grato por essa atitude dela. Hoje ele é Assistente Social em Miracema.

Minha mãe era aquela professora durona e amorosa. A ela eram entregues crianças sobre quem diziam ter mais dificuldades de aprendizagens ou mau comportamento, ou as duas coisas. Antigamente era comum que as turmas fossem separadas entre os alunos mais 'fortes' e 'fracos'. E mamãe ficava com os chamados 'fracos'!

Depois que chegava em casa, após a escola, mamãe cuidava da 'janta' e verificava se tínhamos tomado banho. Então, sentava numa pequena mesa onde corrigia os cadernos que trazia para casa, planejava as aulas e usava um mimeógrafo para reproduzir algumas atividades. Ah! Aquele cheiro de álcool! Eu adorava sentir

aquele cheiro na hora que a mágica acontecia na produção de cópias, bem como na escola na hora que a professora entregava a tarefa. Era automático levar a folha de papel impressa ao nariz e fechar os olhos inalando o cheiro do álcool. Até hoje esse cheiro me transporta a esses momentos de vida escolar. O mundo de uma criança é o que seus olhos alcançam.

Como um caminhar dentro de um túnel nesse tempo da memória, recorro a Prado e Soligo quando destacam:

[...] o texto que relata fatos memoráveis, importantes para aquele que o produz, tendo em conta suas memórias. É uma marca, um sinal, um registro do que o autor considera essencial para si mesmo e que supõe ser essencial também para os seus ouvintes/leitores (2009, p. 6).

Considerando essas memórias que trazem um passado tão presente, narro a nossa casa, que era localizada na parte alta de um morro, ficava bem na curva, entre uma rua e outra. Subíamos e descíamos aquele morro pelo menos uma vez ao dia. Ele é feito de subidas e descidas pequenas, mas tem um pedaço que é bem íngreme. Papai nos disse uma vez que subir ziguezagueando era menos cansativo. Às vezes, ele subia assim. Quando estávamos indo e voltando da escola, com algumas colegas, tentávamos adivinhar, pelo cheiro, qual comida estava sendo feita em algumas casas. E esta brincadeira aumentava ainda mais a nossa fome. Trajeto feito de casas simples, algumas com janelas bem coladas na calçada e por vezes dávamos aquele espiada lá para dentro. Lembro que alguns vizinhos sentavam, com banquinho ou cadeira de sua preferência, na porta de casa onde a conversa acontecia por horas.

Quando chegava da escola, muitas vezes, encontrava meu pai na sala simples, de chão cimentado, onde todos os móveis eram de doação de alguém. Ali, sentado no sofá, que era de mola, mas de tão velho afundava quando ele sentava, ele ficava por horas ouvindo as músicas que gostava. Ele dizia “isso que é música”. Havia na sala um rádio vitrola, doado por meus padrinhos, daqueles que podia se colocar seis discos de vinil empilhados e ia caindo um a um trazendo aos nossos ouvidos as músicas de Nelson Gonçalves, Dilermando Reis, Ataulfo Alves, Orlando Silva, Emilinha Borba, Aguinaldo Raiol, Alcione, Beth Carvalho e outros. Como era bom, deitar no quarto ao lado, onde havia três camas, duas de solteiros e uma de ‘viúva’ (onde dormíamos, eu e minha irmã Rita). Deitada na cama, olhando as telhas de amianto, ao som daquelas músicas, por vezes eu adormecia e acordava, no meio da tarde, assustada, achando que estava perdendo a hora da escola.

Ele era um homem que não concluiu seus estudos, frequentou a escola somente até a 8ª Série. Deixou a mesma, ele dizia, porque uma professora havia desconfiado que ele estava ‘colando’. Sempre achei que havia algo a mais, no entanto nunca tive coragem de perguntar. Talvez fosse uma forma de dizer o quanto eram injustos com ele naquele lugar. Leitor e muito observador, conhecia de tudo um pouco. Adorava ler e escrever poesias, seu codinome era Poeta Misterioso. Caligrafia igual a dele eu nunca vi. Quando perguntei, uma vez, como conseguia escrever tão bonito e de maneira variada, ele me disse que quem mandava na caneta e no lápis era ele. Sempre entregava meu Boletim Escolar para ele assinar. Ele era misterioso mesmo! Algumas vezes ouvi dizer que ele fumava escondido. Não acreditei, mas fiquei com aquela dúvida que instiga a criança a investigar. Então, um dia, alguém gritou por ele lá no portão, falei com a pessoa que iria chamá-lo. Fui bem devagar, olhei pelo buraco da fechadura da casa, e qual foi minha surpresa ao ver meu pai com o cigarro entre os dedos, fumando escondido. Dei meia volta e ainda andando sorrateiramente voltei para o início do caminho e gritei meu pai, dizendo que tal pessoa estava chamando por ele. Papai morreu após uns quatro anos desse episódio de enfisema pulmonar. Ele nunca soube o que eu havia feito, mas essa cena ainda permanece viva dentro de mim. O cigarro levou meu pai de nós. Depois de sua morte, em 1985, meu irmão compartilhou com todos os conhecidos um poema que papai fez, após ter saído do coma, no ano de 1980, quando quase morreu (Anexo A - Poema). Papai brincava com as palavras, na fala, na poesia, na música, no manusear com destreza um dicionário. E conectando essas experiências do meu pai, tão vivas e fortes aos saberes que me construíram, destaco Larrosa:

[...] experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece. E ao passar nos forma e nos transforma... Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e ao modo como vamos dando sentido ao acontecer que nos acontece (2017, p. 26).

Anos depois, já adulta, entendi que a relação do papai com o cigarro era uma dependência. Morreu sem deixar de fumar. Essas marcas deixadas pela vida do papai com a escola, com a leitura e como poeta e a dedicação e desdobramento da mamãe, fizeram-me continuar os estudos e olhar para meus alunos com mais acolhimento.

Meus pais sempre foram incentivadores de nossos estudos. Não nos proibiram de trabalhar antes de terminarmos o 2º Grau, mas a condição era que continuássemos

a estudar. E assim, mesmo com todas as dificuldades, os cinco filhos conseguiram concluir a Universidade. Meu pai não conseguiu presenciar essa etapa das nossas vidas, mas mamãe sempre apoiou e comemorou cada conquista na nossa caminhada.

Essas memórias são fundamento da *professorapesquisadora* que sou. Trago aqui as palavras de Walter Benjamin quando elenca que:

[...] a memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas com o poder da morte (2012, p. 227)

Papai partiu, mas seu exemplo de leitor e escritor ainda vive em minha memória. E mamãe, mesmo com a demência senil, ainda é exemplo de dignidade, de força e determinação. Sou grata por ser filha deste casal.

Somos cinco irmãos e quatro são professores. Então, quando estávamos juntos, o assunto, geralmente, era escola. E assim fui crescendo e me construindo nesta realidade, onde a 'escola' era assunto de todo dia.

Nesse caminhar foi se desenhando minha história de vida e formação. Estudei todo o Primário - essa era a denominação dada ao Fundamental I, na década de 70 - na escola pública estadual em que mamãe trabalhava.

Lembro-me bem da minha professora da 3ª e da 4ª Série primária, tia Jurucê. Foi a primeira vez que participei de aula-passeio. Nesses dois anos visitei várias instituições, daquela cidade pequena, que eram bases da economia da cidade. Com a turma toda fui à Cooperativa Agropecuária para entender como eram produzidos os derivados do leite. Lembro-me de ver o leite em natura e depois cada etapa até virar manteiga, queijo e também ser colocado no saquinho plástico. Na época não existia leite em pó. Visitei a fábrica de macarrão. Fiquei olhando aquele 'varal' de macarrão, pendurado para secar, não sabia que era assim. Fui à fábrica de tijolos e cerâmicas. Ali presenciei aquela massa mole de barro virar telha e tijolos. E na manufatura do arroz? Vi o arroz entrar na máquina ainda com casca e sair ensacado branquinho. E a cachaça? Ah! A cachaça! Aquela que era vendida lá no bar da minha família, também. A cana entrava inteira na moenda, era fermentada (que cheiro ruim!) e depois de algum tempo se transformava numa espécie de álcool e era engarrafada. Mas, a aula-passeio que mais mexeu comigo foi quando visitamos a fábrica de tecido. Muitas máquinas trabalhando ao mesmo tempo. O rolo de algodão era transformado em linha, depois em tecido. Ali tinha muitas mulheres! Lembrei que minha mãe trabalhou

toda a juventude dela ali, antes de ser professora. Em suas pernas, ainda hoje, existem varizes ‘emboladas’, resultados de 13 anos em pé ‘tocando’ três teares das 6 às 18h da tarde. Essas aulas-passeio estão na minha memória até hoje.

Fiz da 6ª Série o Curso Normal (nomenclatura usada para o Curso de Formação de Professores) numa escola particular, com Bolsa de Estudos. No início, sentia-me um peixe fora d’água. Do lanche aos cadernos e roupas eu era o ‘patinho feio’. A maioria levava dinheiro para comprar o cachorro-quente da cantina, que cheirava deliciosamente tomando conta do ar da escola minutos antes dos recreios. Eu levava o pão com manteiga que um dia virou brinquedo nas mãos dos colegas, como uma bola, jogado no ar de mão em mão, e naquele dia eu fiquei sem lanchar. Não tive coragem de dizer que o pão com manteiga era meu.

Foi também nessa escola minha primeira experiência com museus. Na 7ª série a escola organizou um passeio à Petrópolis. Fomos visitar o Museu Imperial, a casa de Santos Dumont e o Hotel Cascatinha. Fiquei encantada com esses lugares! Tudo era diferente para mim. Uma casa enorme, como o Museu Imperial com muitas coisas antigas e até uma coroa (que ficava muito bem protegida). A casa de Santos Dumont, onde é preciso, às vezes, começar a subir com o pé direito e, às vezes, com o esquerdo. O chuveiro feito com um balde e uma cordinha que liberava a água. O Hotel Quitandinha havia sido um cassino, como era enorme e só pudemos visitar a parte externa e a recepção. Hoje ele funciona como hotel.

Essa ida a Petrópolis foi um passeio que despertou em mim muitas curiosidades. No entanto, a professora de história não contextualizou nada para a gente.

A escola particular era, de acordo com a visão dos moradores daquela cidadezinha, bem como para meus pais, a chance de ‘mudarmos de vida’ (conseguir alguma ascensão social). Eu não podia perder aquela oportunidade. Eu e minha irmã estudamos na escola particular até terminarmos o Curso Normal. Meu primeiro trabalho em educação foi nessa escola. A Diretora da Escola, conhecendo minha realidade familiar, quis colaborar com a mamãe financeiramente. Trabalhei ali por dois anos. Organizei a Biblioteca, trabalhei com mecanografia (mimeografando as tarefas das professoras), ajudando na Coordenação do Turno, principalmente na hora da entrada, recreio e hora da saída das crianças. Nesse período tive a oportunidade de trabalhar com as professoras que foram minhas professoras da Alfabetização à 4ª Série. Agora éramos colegas de trabalho.

2.2 DE MIRACEMA PARA NITERÓI

Eu já estou com o pé nessa estrada
Qualquer dia a gente se vê
Sei que nada será como antes amanhã...

(Nada Será como Antes, 1972)

Logo após o término do Curso Normal, vim morar em Niterói, cidade metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Mistura de medo e aventura me fizeram desbravar esse novo mundo que ainda não conhecia. Cidade grande! Prédios! Elevadores! Trânsito! Muita gente! Muitos movimentos! Muitos olhares! Quando a subida fica difícil é preciso ziguezaguear.

Nas idas e vindas, para lá e para cá na estrada, durante todos esses anos, as transformações dos lugares por onde passava, da cidade onde passei a morar, das pessoas e a minha transformação. Algumas casas desapareceram e deram lugar a prédios enormes. Ruas foram asfaltadas. Aquela árvore da esquina que trazia sombra nos dias quentes já não existe mais. Lugares mudam, pessoas mudam. Na estrada algumas cidades foram surgindo, outras crescendo, dando lugar a novas construções. Novas formas de pensar também. Junto com toda essa caminhada fui também me refazendo e construindo minha história. “Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio” (Certeau, 2014, p. 170). Desde a minha chegada em Niterói venho buscando esse lugar de ser e estar no mundo, modificando-me e vendo as transformações de lugares e pessoas ao meu redor.

Chegando em Niterói, comecei a procurar trabalho. Precisava me sustentar. Então, comecei a trabalhar em uma escola particular e fazia cursinho para tentar o vestibular. Queria o Curso de Serviço Social. Gostava do magistério, mas todos diziam que eu teria um péssimo salário, não valia à pena. Depois descobri que as duas profissões têm salários bem próximos.

Fiz o vestibular e passei. A faculdade pública foi uma conquista. Sempre digo que depois dessa experiência na Universidade Federal Fluminense (UFF) me reconheço completamente diferente. O Mundo passou a ter um outro significado para mim. Meus olhos passaram a enxergar novos caminhos, por vezes tristes e inconformados, com o que vislumbravam. A visão assistencialista, onde conseguiria ajudar muitas pessoas, modificou-se para um entendimento da sociedade capitalista cruel e com divisão de classes e exploração dos marginalizados. Foi um momento

muito difícil para mim. Pensei em deixar a faculdade, mas uma professora sentou comigo e numa conversa me disse que agora eu estava no caminho para contribuir, de alguma maneira, com os menos favorecidos.

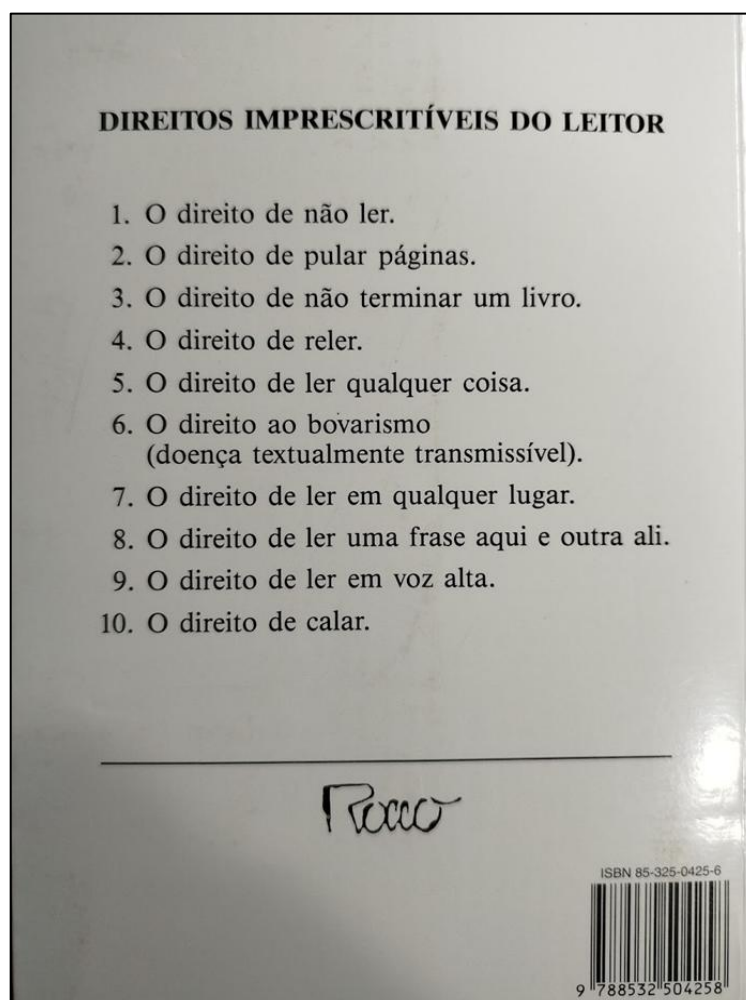
Em 1993, fiz o concurso para ser professora na Rede Municipal de Educação em Niterói, minha primeira turma tinha 43 crianças. Permaneci na mesma escola por 9 anos consecutivos. Terminei o Curso de Serviço Social, casei e tive dois filhos. Nessa escola fui: Professora, Coordenadora de Turno, Professora da Sala de Informática e Professora da Sala de Leitura.

A escola é um lugar privilegiado para relações. No zigue e zague do dia a dia, várias histórias se entrelaçam, trazendo experiências que transformam a todos que ali convivem. Nessa caminhada, encontro em Nóvoa um entrelace formativo sobre a docência:

O eixo de qualquer formação profissional é o contacto com a profissão, o conhecimento e a socialização num determinado universo profissional. Não é possível formar médicos sem a presença de outros médicos e sem a vivência das instituições de saúde. Do mesmo modo, não é possível formar professores sem a presença de outros professores e sem a vivência das instituições escolares (2017, p. 1122).

Trabalhei com muitos e diferentes professores, com alunos de várias idades. Para todos entreguei o que na vida fui aprendendo a amar: a leitura. Então tentava levar, para os momentos em que estávamos juntos, o prazer pela leitura. Com Daniel Pennac, por exemplo, aprendi sobre os Direitos Imprescritíveis do Leitor:

Figura 1 - Contracapa do livro “Como Um Romance” de Daniel Pennac



Fonte: Acervo da Pesquisa (2025)

A partir dessa experiência literária, me reconheço uma professora-leitora que procura mostrar a leitura como prazer e para conhecer. Então lancei-me a buscar caminhos e possibilidades de aprendizado. Foi quando em 2001 retornei à UFF, dessa vez para fazer uma especialização em Literatura Infantil. Neste mesmo ano, também fui convocada para a segunda matrícula. Pois é, fiz outro concurso para a Rede Municipal de Educação de Niterói.

A partir dessa experiência e desse novo caminho, passo a ser uma professora contadora de histórias. Todos os anos, a partir daí, as salas de aula onde trabalho têm uma caixa de livros, gibis e revistas, que as crianças levam emprestado e leem sem que exista uma cobrança, com testes e provas. Existe uma conversa e relato da experiência sobre a leitura no momento em que se realiza a troca desses exemplares. Depois, as próprias crianças dizem uma para outra: - *Esse aqui é muito legal!*, ou: -

Não gostei desse não! Alguns oferecem para a caixa algum exemplar que tem em casa e que querem dividir com o grupo. Essa troca se estende por todo o ano letivo.

Com esse prazer pela leitura acredito que buscarão novos conhecimentos e descobrirão novos caminhos.

2.3 OUTRO CAMINHO

Só eu sei
As esquinas por que passei, ei, ei, ei
Só eu sei
Só eu sei.

(Esquinas, 1984)

Nessas mudanças de lugar, aconteceu que, em 2004, precisei mudar de residência. Da casa onde moro, posso ver a Pedra do Elefante². Às vezes, a imaginação toma conta, e acho que o ‘elefante’ vai se levantar e com sua enorme tromba vai fazer jorrar a água salgada do mar por todo o lugar. A “Serrinha”, que atravesso todos os dias para ir à escola, tem uma pista dupla, mas sem acostamento, que em algumas situações, como chuva ou ultrapassagem indevida, dá medo de atravessar. No entanto a mata que a envolve, que é parte da Serra da Tiririca, é constituída de muitas árvores de várias espécies e lá de cima, no mirante, conseguimos ter uma visão privilegiada de toda a Praia de Itaipuaçu³.

Nos dois primeiros anos, trabalhei com a Educação Infantil, em Itaipu, Região Oceânica de Niterói, pois era mais próxima de Itaipuaçu. Trabalhar com crianças de 02 a 05 anos de idade me mostrou o lado lúdico e tão importante para as crianças de qualquer idade. Como Secretária Escolar, quanto trabalho! Nesse período, vivi muitas situações que traziam tristeza e revolta, uma delas era quando o responsável procurava vaga e não tínhamos. Conhecia a história de muitos deles no momento da matrícula. Isso me ensinou a respeitar, ainda mais, essas pessoas que buscam a

² “O fantástico Alto Mourão também é conhecido por Pedra do Elefante, pois, para quem olha de Itaipuaçu, se vê perfeitamente a cabeça de um elefante. É o ponto mais alto Parque Estadual da Serra da Tiririca e da cidade de Niterói, com 412 metros e se localiza entre as praias de Itaipuaçu e Itacoatiara” (Carioca Adventure, 2014).

³ “Uma das praias mais compridas de Maricá que faz divisa com o município de Niterói. Em sua extremidade direita existe a Pedra do elefante cujo formato lembra a cabeça de um elefante com a tromba entrando no mar. É uma praia de areia grossa com muitas conchas, mar de águas limpas e transparentes, mas bravo e, por isso, perigoso” (Praias-360, 2025).

escola para suas crianças e também a ter um olhar mais acolhedor e respeitoso com nossos alunos.

Após essa caminhada, em 2010 retornei para sala de aula. Uma turma de 4º ano de escolaridade. Norteei meu trabalho em empréstimos de livros de literatura, contação de histórias, brinquedos, acolhimento e autoestima dessas crianças que já não acreditavam em si mesmas. Muito trabalhoso, mas muito gratificante ver o desenvolvimento delas.

Durante todos esses anos, sempre que aparecia oportunidade, fazia algum curso de Formação Continuada. Sempre gostei de interagir e aprender com os cursos oferecidos e que eram do meu interesse.

Após esses caminhos dentro desse mesmo lugar, em 2013 fui convidada pela Diretora Geral da escola a assumir o cargo de Diretora Adjunta, e começa assim uma nova trajetória, um novo ziguezaguear no caminho. Participar e administrar a escola, um todo diverso e dinâmico, era um grande desafio dentro desse ambiente institucional, mas o mais difícil mesmo era o descaso da Secretaria de Educação diante das demandas que competem a ela, falta de recursos humanos, desvalorização dos profissionais, obras intermináveis, ausência de vagas para as crianças e a inclusão sem estrutura e formação do profissional.

O desejo de buscar ferramentas para pensar a realidade, levou-me em 2019 a frequentar algumas disciplinas do mestrado como ouvinte. Experiência que trouxe de volta a vontade de estar ali e partilhar pensamentos e ideais parecidos, ou não, com os meus. Desse modo, em 2020, voltei à Universidade, a convite da parceira e amiga, Diretora Geral da escola onde trabalho, para fazer um curso sobre linguagem e quem sabe tentar o Mestrado. Novos aprendizados. Novas amizades. Novo ânimo diante de tudo o que vivia o país naquele momento. Tínhamos no país um governo de extrema direita, conservador, preconceituoso, autoritário e negacionista. Reencontrei na UFF um olhar de mundo que compactuava com o meu. Isso me deu força para continuar meu caminho.

Em 2022 entrei para o Mestrado. Minha pesquisa se deu a partir da minha experiência como professora regente da turma de 5º Ano de Escolaridade, juntamente com o Museu de Arqueologia de Itaipu, que vem se realizando há cerca de 15 anos. Um trabalho de educação museal e ambiental junto com várias instituições, tal como a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Parque Estadual da Serra

da Tiririca (PESET), Reservas Extrativistas (RESEX) e com os alunos da E. M. Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis.

2.4 UM NOVO CAMINHO: O MAI VEM À ESCOLA

A sós ninguém está sozinho
É caminhando que se faz o caminho...

(Enquanto Houver Sol - 2003)

De 2009 até a presente data, sempre acompanhei o projeto que a Escola tem junto ao Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI). Como mãe, professora e gestora.

Nossa escola e o MAI ficam localizados no bairro de Itaipu, Região Oceânica, no Município de Niterói (RJ). A região é cercada pelo Parque Estadual da Serra da Tiririca e banhada pela Praia de Itaipu. Um lugar com vistas para a Serra e o mar, além de abrigar uma laguna que tem ligação, através de um canal, com o mar.

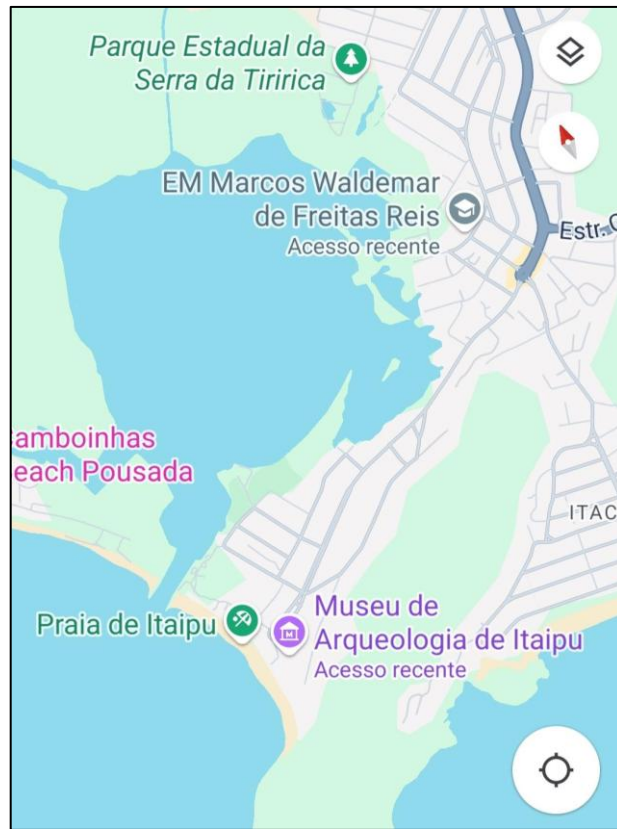
Figura 3 - Mapa de localização da E. M. Marcos Waldemar de Freitas Reis e do Museu de Arqueologia de Itaipu (1)



Fonte: Google Maps (2025)

A distância entre a escola e o MAI não é tão longa assim, mas não podemos fazê-la caminhando por causa do tempo. Geralmente, fazemos nossas visitas e aula-campo no horário escolar das crianças, de 7h30min às 12h.

Figura 4 - Mapa de localização da E. M. Marcos Waldemar de Freitas Reis e do Museu de Arqueologia de Itaipu (2)



Fonte: Google (2025)

Figura 5 - Atividade do PESA onde visualizamos a Laguna de Itaipu do Alto no Morro das Andorinhas



Fonte: Acervo da Pesquisa (2023)

Lembro-me quando em 2004, eu ainda trabalhava na Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), fomos convidadas a conhecer a nova escola que foi construída bem coladinha à creche. Fiquei admirada com a “brancura” da escola, estruturada em metal, sete salas de aula (com janelas bem altas, que impedem a visão da parte exterior), uma sala de informática, cozinha e refeitório, banheiros masculino e feminino, e um para as crianças com necessidades especiais que precisam de apoio para usar o banheiro. Muito me incomodou a Sala das Professoras, sem janela, com um banheiro e 1m² e com 06 portas voltadas para dentro dela. Logo pensei e verbalizei: É esse lugar que ocupamos na mente desses governantes e construtores! Do lado externo temos a sala de leitura, que foi construída depois e que tem janelas grandes de onde podemos ver a beleza da Serra da Tiririca. A escola está cercada por prédios residenciais de Classe Média, próxima à Praia de Itacoatiara, lugar que tem uma quantidade significativa de moradores de grande poder econômico.

Em seu livro “Pescadores de Itaipu: Meio ambiente, conflito e ritual”, Kant e Pereiranos trazem o seguinte:

Toda a área [...] vem sendo ocupada por residências de alto luxo, pois sua proximidade de praias não-poluídas (por enquanto...), do centro de Niterói e mesmo do Rio de Janeiro constitui-se em atrativo irresistível para as camadas privilegiadas da população que querem “ficar longe do lugar comum”, como dizia um dos anúncios visíveis na estrada (1997, p. 51).

Como vim morar em Itaipuaçu, em 2004, percebi no decorrer desses anos muitas dessas modificações que ele fala. Vi em terrenos, antes aparentemente abandonados, surgirem prédios residenciais e comerciais. O boteco da esquina agora é um restaurante. A rua, que era de chão batido, agora é coberta pelo asfalto.

Na minha primeira ida ao MAI, fiquei surpresa com a construção feita de pedra e óleo de baleia, segundo explicação feita pelos educadores de lá. Ele está localizado na entrada da Vila dos Pescadores, bem próximo à Praia de Itaipu. Depois descobri que ali foi um antigo Recolhimento de Santa Teresa, fundado em 1764. O caminho que fazemos da entrada da Vila dos Pescadores e visualizamos a fachada do museu é como uma viagem no tempo. Ele é construído por pedras justapostas, os portais em pedra e o pátio todo forrado de grama. O interior é formado por paredes também composta por pedras.

Figura 6 - Pátio do Museu de Arqueologia de Itaipu



Fonte: Acervo da Pesquisa (2023)

O trajeto e os lugares se modificaram. O caminho, o ir e vir, as diferentes funções: em casa, no trabalho, nas relações; eu também me modifiquei. “O que impressiona mais, aqui, é o fato de os lugares vividos serem como presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais: ‘aqui vocês *veem*, aqui *havia...*’, mas isto não se vê mais” (Certeau, 2014, pág. 175,).

Foi no final do ano de 2009 que a administração do MAI convidou a Direção da escola para a apresentação de um projeto, onde a escola seria o ambiente de desenvolvimento do mesmo (Anexo B - Ofício).

Esse projeto, Programa de Educação Sócio Ambiental (PESA), acontece até hoje, e tem como proposta educativa um cunho socioambiental, com oficinas de “Diagnóstico e Monitoramento da Saúde Lagunar e dos Recursos Pesqueiros de Itaipu”, bem como a participação da Colônia de Pescadores Z-7 de Itaipu e dos alunos da educação básica das escolas situadas no entorno do MAI.

A partir de 2010, então, o projeto teve início, tendo como participantes os alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental I, suas respectivas professoras e a equipe do MAI. Composto por etapas com objetivos específicos, que são apresentadas aos responsáveis e às crianças em uma reunião no início do ano, o trabalho com MAI tem como ponto alto a trilha no Morro das Andorinhas.

Desde então, todos os anos, inclusive em 2021 com a COVID 19, a escola e o MAI têm mantido essa parceria, envolvendo também a comunidade escolar. Nesse período, juntamente com os alunos/estagiários da UERJ, diante da impossibilidade do trabalho presencial, conseguimos realizar uma trilha virtual ao Morro da Andorinhas. Essa trilha acontece presencialmente todos os anos!

Integrar o digital no trabalho docente é mais do que incorporar uma 'tecnologia', é reconhecer as reverberações que os novos modos de ser, de agir e de pensar - constituídos na era digital - provocam na escola e ser capaz de os integrar como referências fundamentais no reposicionamento dos professores (Nóvoa, 2021, p. 12).

Depois desse período, tornamos a tecnologia nossa aliada na construção da aprendizagem. A escola segue investindo no uso de notebooks e no acesso a internet. Pouco a pouco vamos nos familiarizando com os recursos.

Cada ida ao MAI implica em uma preparação anterior que exige atenção e comprometimento. Sempre aprendemos algo com as crianças e elas conosco.

O cotidiano, portanto, como um rico espaço de construção de conhecimentos, as professoras como sujeitos de conhecimentos, assim como as crianças como sujeitos de saberes e a escola como locus de diferentes saberes que dialogam dialeticamente possibilitando ser cumprida a promessa de uma escola que contribua efetivamente para mudar as vidas de quem nela chega e por ela passa grande parte de sua vida." (Garcia, 2003, p. 204).

Preparar o bilhete para a autorização da saída das crianças da escola. Conversar sobre o trajeto que vamos fazer. Quem vai utilizar o Riocard? Quem vai pagar a passagem do ônibus com dinheiro? Vamos levar lanche? O que observamos no percurso até o MAI? O que tem no MAI?

Todas as vezes que saímos da escola para uma atividade no e com o MAI precisamos de organização e colaboração de todos na escola. Por vezes, é necessário deslocar uma professora para acompanhar o percurso, pagar algumas passagens, conseguir uma autorização de última hora. Na cozinha são separadas algumas frutas e pacotes de biscoito para dar um reforço no lanche

Depois de cumprir todas as etapas e chegando o final do todo ano letivo, fazemos o último passeio de confraternização. Nesse momento, vamos com as crianças, as professoras e os profissionais do MAI (Flávio e Eduardo) e do PESET (Michelle) à praia de Itaipu para um piquenique e banho de mar.

Todo ano, nesse ir e vir, da escola ao museu, e vice-versa, é um ‘banho de conhecimento’ de todos que estão envolvidos nesse projeto!

2.5 NO MESTRADO

Nossa! Expectativa, emoção e medo. É, medo!

No início de abril, de 2023, saio do trabalho às 12h e me dirijo à UFF. Há quanto tempo estou fora da Universidade? Entre uma Formação Continuada ou uma Especialização, voltar aquele lugar me trazia uma sensação de renovação.

Entro no Campus e vejo muitos jovens que caminham num ir e vir, com suas conversas e, por vezes, aquele riso farto que preenche meus ouvidos de uma alegria que essa idade traz. Fico feliz ao vê-los por ali. Sei assim como eles que o caminho até ali não foi fácil.

Na entrada dos prédios, sentados sob as árvores, mais um grupo, agora acompanhado de um violão. A música envolve aqueles que ali se reúnem.

Logo ali, embaixo dos pilotis, uma jovem sozinha mexe no celular e um leve sorriso se esboça em seu rosto. Ao lado, outro estudante, deitado, tira seu cochilo depois do almoço. Que saudade! Que nostalgia! Naqueles pequenos momentos, uma onda de lembranças invade meu pensamento. Segui e me dirigi à sala de aula. Nossa! Que garotada! Me dei conta que era a mais velha da turma. O medo voltou com força. Eles e elas falavam de autores que eu não conhecia e, alguns, nunca ouvira falar. E agora? Fiquei, no início, durante algumas aulas, observando e pensando como eu iria me virar. Na leitura dos textos fui descobrindo algo de familiar com a minha prática na escola. Então, num determinado momento, tomei coragem, e fiz uma fala que fazia um atravessamento com o que acontecia na escola. A turma me “viu”! Gostaram do que falei! Fui colocada em um grupo para apresentação de seminário.

Lembrei da frase que diz: *“Vai! E se der medo? Vai com medo mesmo.”* O autor é desconhecido.

E assim segui. Família, Escola e MESTRADO!

Depois descobri que o medo não era privilégio meu. Conversando com outras colegas de turma, até aquelas jovens, estavam inseguras sobre como seria o mestrado. Há quanto tempo não me sentia instigada e incomodada com novos conhecimentos que me faziam repensar minha prática e me apresentavam um novo olhar sobre a pesquisa. Converso com Nóvoa sobre a partilha formativa:

Talvez não seja muito importante o que a vida faz conosco; importante, sim, é o que cada um de nós faz com a vida. E não hesito em dizer-vos que a certeza é a distância mais curta para a ignorância. É preciso ter dúvidas. (2015, p. 14)

Não há universidade, nem ciência, sem debate, sem partilha, sem transmissão de uma herança. Por isso, é tão importante o trabalho colectivo e a dimensão intergeracional, bem presentes na ideia original de seminário, que junta a ciência e o ensino, a pesquisa e a formação avançada. É na conversa com os outros, mestres e colegas, que se definem e enriquecem os nossos próprios caminhos. (*ibid.*, p. 16)

Como concordo com ele nessas colocações! Como fui atravessada por esse ambiente, pelos debates, pelas partilhas, pelo convívio com esse lugar. E assim, lá vou eu, seguindo meu caminho. Cheio de histórias, minhas e dos outros. Vivendo e revivendo! Aprendendo e reaprendendo!

3 MAI E ESCOLA. CAMINHANDO...

Eu apenas queria que você soubesse
Que aquela alegria ainda está comigo
E que a minha ternura não ficou na estrada
Não ficou no tempo presa na poeira...

(Eu apenas queria que você soubesse, 2000)

3.1 EU, AS CRIANÇAS E O MUSEU

Nasci em Miracema, uma cidade pequena, no interior do Estado do Rio de Janeiro. Museu? O que era isso?

Na verdade, conheci alguns museus naquela viagem com a escola à Petrópolis. Mesmo vindo morar numa cidade maior, como Niterói, não tinha o hábito de frequentar museus. Eles não fizeram parte da minha trajetória, mesmo sendo lugares que guardam a história.

Pois é. Que pena!

Quando me tornei professora da Rede Municipal de Ensino de Niterói, eles começaram a atravessar minha vida.

Juntamente com algumas professoras, realizando alguns projetos coletivos, por vezes, levávamos os/as alunos/as para visitarem os Museus e lá estava eu aprendendo junto com eles a importância desses espaços de memória. Perez, Tavares e Araújo descrevem essa situação da seguinte maneira:

De modo geral, em cidades periféricas, a população não reconhece – e não se reconhece no – seu patrimônio. A complexidade do mundo contemporâneo coloca para a escola e a formação de professor@s o desafio de incorporar as diferentes leituras de mundo e os diversos contextos culturais à pluralidade de significações e à multiplicidade de saberes, que constituem a alteridade dos vários atores que circulam no cotidiano da escola. Essa alteridade se expressa nas diferentes leituras do espaço urbano.

A alfabetização patrimonial reconhece, valoriza e incorpora a linguagem que se manifesta no espaço urbano usado e habitado pelos sujeitos praticantes da cidade. Ela se insere na perspectiva dos estudos do cotidiano, em especial do cotidiano urbano – área pouco explorada no campo da educação formal e da alfabetização em particular –, revelando a forte carga simbólica que envolve a cidade e seus patrimônios, o que possibilita a professor@s e alun@s produzir e exercitar diferentes sistemas signícos presentes no espaço urbano (2009, p. 31-32).

Foi, então, no espaço da escola, junto com colegas de trabalho e com as/os alunas/os que eu me ‘alfabetizei’ em visitas a museus. Sim. A alfabetização é a palavra

que explica, para mim, o início e a permanência de conhecimentos sobre museus! O museu como espaço da memória, como acervo e patrimônio histórico e cultural, bem como sua dimensão ordinária - alfabetização patrimonial - narrativa - museu como parte do processo educativo e pedagógico em sua relação com a escola.

A partir das aulas-passeio (nomenclatura freinetiana que me inspirou) no sentido de aula-campo - espaço de pesquisa - que organiza o processo *aprendizagemensino* e experimentação - e resulta em experiência, converge-se em narrativa, comecei a me interessar por esses espaços de história e cultura e incorporá-las à prática cotidiana da sala de aula.

Em seu livro 'Celestin Freinet', Elias diz o seguinte:

Preocupado com a adaptação do ensino ao meio, Freinet revoluciona a pedagogia da escola pública... Preconiza uma escola onde a criança do povo possa se adaptar, sem divisões de classe social, que engendra a alienação e provocam bloqueios; uma escola comprometida com a vida íntima da criança, ao mesmo tempo, com o coletivo social; uma escola que permita à criança materializar na livre expressão os seus achados, oferecendo o máximo de abertura, não somente para o universo fechado da cultura acadêmica mas para todas as riquezas do mundo (Freinet *apud*, Elias, 1997, p. 91).

Essa nova maneira de enxergar a escola fez minha prática, como professora, unir-se aos conhecimentos que havia conquistado com a graduação em Serviço Social. Foi um momento onde os caminhos se convergiram e me fizeram buscar uma nova estrada, onde as crianças não seriam receptoras de conhecimento, mas construtoras de conhecimento e de sua autonomia numa escola classista inserida num sistema capitalista, hierarquizante e opressor dos saberes.

Trabalhando em uma escola de Ensino Fundamental I e II, com crianças e adolescentes, do ano de 1994 a 2003, na Escola Municipal Levi Carneiro, vivenciei nove anos de muito trabalho e aprendizado. Lembro-me que no ano de 2002, eu e a Professora de História, na época eu era professora da Sala de Leitura⁴, fizemos um trabalho conjunto sobre William Shakespeare. Entre a leitura de algumas peças e as aulas de história, tivemos a oportunidade de levar uma turma de oitavo ano ao Museu da República (Rio de Janeiro) no período em que um grupo teatral apresentava a peça 'Romeu e Julieta'. Aqueles/Aquelas jovens nunca tinham ido a um museu e nem mesmo a um teatro. Lembro-me de observar os olhares surpresos diante da

⁴ A professora da Sala de Leitura era a profissional que ficava exclusivamente neste lugar e realizava atividades com leitura como: contação de história, empréstimo de livros, apresentação de diversos tipos de textos, bem como participava de projetos junto a outros professores relacionados à leitura.

experiência. Eles não sabiam que aquele também era um dos primeiros contatos meu com essa realidade. Ainda muito jovem na profissão, naquele momento, eu era tão estudante quanto eles.

Lembrando esse momento do meu caminhar como professora, busco em Elias (1997, p. 48) um diálogo, quando fala que Freinet defendia a ideia de que “Todos somos pesquisadores; pesquisar é um processo instintivo através do qual o homem busca o próprio crescimento: tateia porque quer caminhar em direção a um objetivo que sirva à vida”. Ainda tão jovem na profissão, mesmo sem perceber, eu buscava no decorrer do caminho, e nos encontros, uma educação que fizesse sentido não só para os estudantes, mas também para mim, isto é, uma formação que estimulasse a busca de novos conhecimentos. E nessas curvas começava a nascer a *professorapesquisadora*.

Mas a vida traz novos caminhos e novos lugares. Em 2004 mudei minha residência e conseqüentemente mudei de escola. Fui trabalhar em uma UMEI. Ali não fizemos nenhuma visita a museus. Não fazia parte do Projeto Político Pedagógico da Escola. Essa nova realidade era a curva do caminho que me levou a uma estrada com a qual não conseguia caminhar com espontaneidade e com viajantes que quisessem alcançar o mesmo destino.

Então, fiz o caminho de volta, e em 2006 fui para a E. M. Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, Fundamental I, onde permaneço até hoje. Durante os três primeiros anos, trabalhei como Secretária Escolar. Nessa função conheci, de perto, a administração de uma escola. Quantos papéis para serem preenchidos. Era preciso comprovar cada quantitativo e todas as ações realizadas pela escola à Secretaria de Educação Municipal e ao Governo Federal, além de Históricos Escolares, Declarações e Bilhetes. Em 2010, retornei à sala de aula, com uma turma do 4º Ano de Escolaridade. Mas sempre estive atenta aos projetos em que a escola se envolvia.

Meu filho era aluno da escola e estava no 5º Ano de Escolaridade, participando da primeira turma que vivenciou o PESA. Então, pude acompanhar mais de perto, o que acontecia. Ele me falava do MAI, e eu nem sabia que existia em Itaipu um museu. Falava dos Sambaquis, da praia, da laguna. Tudo muito novo, para ele e para mim. Lembro-me de uma excursão que esse grupo fez a um museu na Região dos Lagos e que foi muito comentado por ele. Lá eles se encontraram com os educadores do museu, fizeram perguntas e puderam correlacionar algumas características com o MAI, em Itaipu.

Nesse mesmo ano, de 2010, a escola firmou o compromisso de participar do Projeto junto ao MAI, acreditando que o conhecimento do lugar em que se vive, bem como dos espaços de cultura e de convivência, têm fundamental importância na construção de um sujeito crítico e cuidadoso com os espaços sociais, como diz Castro: “A reafirmação do lugar é também a visibilidade dos modelos culturalmente diferentes e hegemônicos, específicos quanto à relação com a natureza. É a afirmação do plural e da diversidade do mundo, como realidade que atravessa o tempo.” (2018, p. 48)

Tínhamos assim, diante de nós, uma proposta de parceria que traria para a escola, e conseqüentemente para a comunidade escolar, muitas reflexões e aprendizagens que iriam estar na contramão da hegemonia estabelecida.

A partir de 2010, então, o projeto teve início, tendo como participantes os alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental I, suas respectivas professoras e o MAI.

Como nos diz Pérez, Tavares e Araújo, ao relatarem o trabalho desenvolvido a partir de experiências vividas por profissionais da Educação em várias escolas da cidade de São Gonçalo - RJ:

A construção de significados é um processo coletivo, que se encontra em contínua negociação/revisão/renegociação; portanto, ações, interpretações e significações só podem ser compreendidas a partir dos contextos específicos de relações nos quais foram gestadas. É esse nível do tecido de significados que tentamos precisar ao buscar articular alfabetização, memória e patrimônio aos fatos sociais, fenômenos humanos e contextos simbólicos e socioculturais que engendram significados (2009, p. 30).

Desde então, inclusive em 2021 com a COVID 19, a escola e o MAI têm mantido essa parceria, envolvendo a comunidade escolar. O projeto anualmente começa em março e se estende até dezembro, tendo, quase todos os meses, alguma atividade.

Para que essa e demais etapas aconteçam no MAI a escola solicita a autorização dos responsáveis, por escrito, para que haja o deslocamento, de ônibus comum das crianças e das professoras. Não conseguimos ônibus exclusivo para as visitas ao MAI, além do termo de autorização e uso das imagens das crianças para fins acadêmicos e de estudos, como nos recomenda o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Essas visitas entre a escola e o MAI acontecem durante todo o ano letivo. Acompanhadas de trilhas, visitas à Lagoa de Itaipu, aos Sambaquis e à Praia de Itaipu.

No primeiro encontro os profissionais do MAI: Flávio (Diretor do Museu), Eduardo (Educador do Museu) e Michelle (Arqueóloga do PESET) vão à escola e

explicam a cada turma de quinto ano como o projeto acontecerá. Atualmente, Eduardo e Michelle não estão mais no MAI, temos por agora, Flávio e Wanessa (do setor educativo). As crianças fazem perguntas e conversam com os profissionais buscando informações assim como tirando dúvidas. Então começa a se estabelecer um vínculo entre os participantes, o MAI e a escola.

Figura 7 - Michele apresentando etapas do projeto às crianças e às professoras



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Chega o dia das crianças e as professoras irem até o museu. Nossa, quanta euforia! Algumas professoras já conhecem o local, mas as crianças não. Muitas dizem que já passaram ali perto, afinal o MAI está no caminho da Praia de Itaipu. Elas entram com aquele olhar de encantamento e descoberta diante do novo. Nesse caso novo, mas velho. Conhecem o espaço, recebem informações sobre o seu histórico, sua importância na região e sua posição no contexto local. Visitam todo o espaço do museu vendo o acervo museológico da instituição, como a canoa centenária doada pela Colônia de Pescadores, bem como as peças encontradas em escavações e uma coleção de areias de várias partes do Mundo. No meio da visita a pergunta: *‘Isso tudo é daqui de Itaipu?’* - Diz uma das crianças, em meio a tantas outras falas.

Figura 8 - Eduardo, no interior do MAI, explicando sobre os objetos ali expostos



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Ficamos ali por um bom tempo entre olhares curiosos e perguntas sobre aquele acervo. Entre muitas observações, uma que causou curiosidade foram os sambaquis. Lembrei da primeira vez em que ouvi essa palavra.

3.1.1 Sambaquis

O que são Sambaquis?

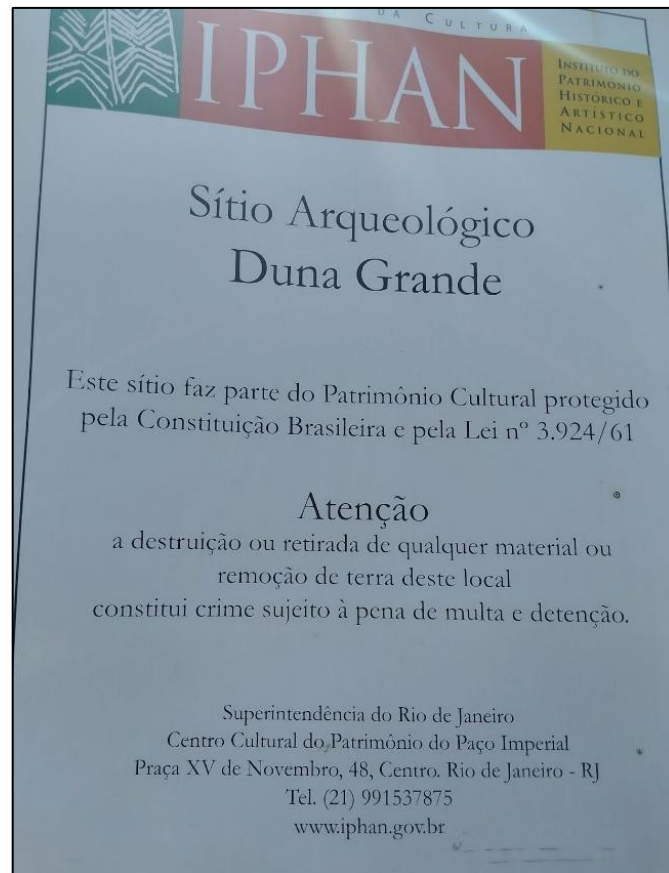
Quando ouvi essa palavra pela primeira vez, lá em 2010, enquanto Secretária Escolar e mãe de um aluno do 5º Ano de Escolaridade, fiquei intrigada. Nunca tinha ouvido nada sobre isso.

Então, as informações foram chegando através dos profissionais envolvidos e das crianças: *“Lá perto da praia tem um monte de areia, onde tem coisas escondidas, há mais de mil anos”*, disse uma delas quando chegou à escola.

Nessa etapa, os/as profissionais do MAI e do PESET, conversam e explicam sobre os povos sambaquieiros.

Continuamos a visita pelo MAI e depois fomos para a parte externa, bem próxima à praia, onde se encontra a Duna Grande. Ali, foram localizados fósseis dos sambaquis.

Figura 9 - Placa referente à Duna Grande



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Figura 10 - Michele Explicando o que é a Duna Grande e os Sambaquis



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Ao chegar na Duna Grande e ouvir falar que ali, naquele monte de areia tinha enterrado objetos e corpos há mais de seis mil anos, causou um espanto nas crianças. A história dos Sambaquis estava diante dos seus olhos. Elas queriam saber o que havia ali embaixo da areia, quem descobriu isso, tinha tanto tempo assim?

Foi quando uma das crianças lembrou do livro que estávamos lendo: “Uma aventura na terra dos sambaquieiros. Os primeiros habitantes de Niterói, de Leles, Guimarães e Pucu (2022). Esse livro mistura ficção e realidade, contando a história de Analu, uma menina de dez anos, moradora de Itaipu, que ao segurar um colar que era de sua avó (um amuleto), passa por um sono profundo e volta no tempo e vive uma aventura na época dos Sambaquis.

Agendamos uma entrevista com uma das autoras do livro, a Daniela, que foi à escola para uma conversa com as crianças. Elas ficaram ansiosas ao saber que conheceriam a autora do livro. Preparamos a sala, colocando as cadeiras em círculo para receber nossa convidada. Nesse momento elas queriam saber: *A Analu é você? Os sambaquis existiram mesmo? Por que você quis escrever essa história? Você já foi na Biblioteca do Engenho do Mato (BEM)? E no Museu de Arqueologia de Itaipu? Foi difícil escrever esse livro?*

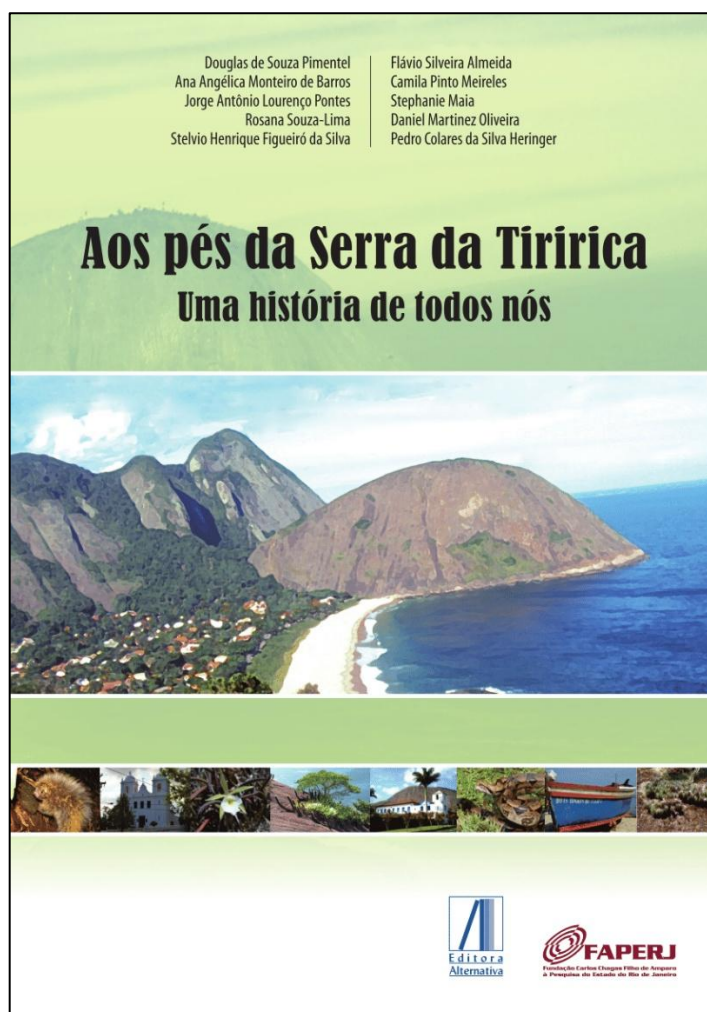
Daniela respondeu às perguntas e contou sua história dizendo que era Bióloga e que começou seu interesse pela biologia, mais ou menos na idade deles, a partir das aulas de uma professora sobre ciências e meio ambiente.

As crianças gostaram de conhecer Daniela e relacionar o que ela contou com o que estávamos vivendo com as aulas-campo.

Lembrei então, que em 2013, o PESA, participou junto à UERJ na confecção de um livro: “Aos pés da Serra da Tiririca: Uma história de todos nós”. Nesse livro, além das ilustrações feitas pelas crianças da nossa escola, encontramos a seguinte definição sobre os Sambaquis:

Sambaqui, na língua tupi, quer dizer ‘amontoado de conchas’ e por isso, também são chamados de “concheiros”. Neles, além de pontas de flechas, pedras polidas, conchas, restos de fogueiras e espinhas de peixes, também foram encontradas ossadas humanas, pois algumas áreas dos sambaquis eram locais para enterro dos mortos (2013, p. 17).

Figura 11 - Capa do livro produzido por profissionais da UERJ/SG, profissionais no MAI e pela professora da E.M. Marcos Waldemar, Marcia Hippert, com as crianças

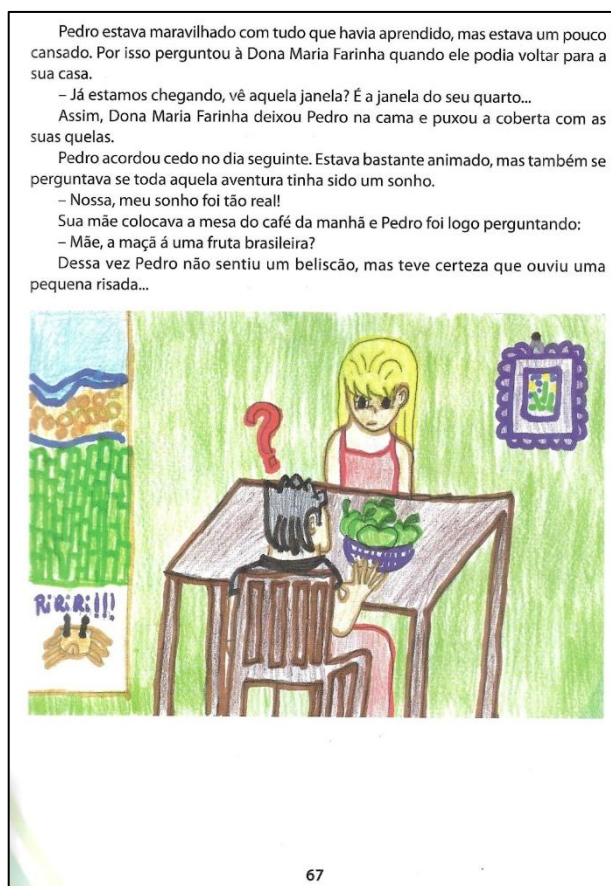


Fonte: Researchgate (2013)

Esse livro conta a história de um menino que mora em Itaipu, Região Oceânica de Niterói, mas que, em conversa com 'Maria Farinha', conhecida como Caranguejo Fantasma, numa noite de sono, é provocado a conhecer a Serra da Tiririca, a história dos Sambaquis, a história do MAI, quais as cidades vizinhas, os tipos de ambientes em torno da Serra da Tiririca e algumas espécies de animais que vivem ali.

As crianças gostaram de ver suas ilustrações no livro, sentiram que também eram autores dessa construção. Depois que o livro ficou pronto, cada criança recebeu como presente um exemplar. No entanto, as imagens não identificam qual criança fez o desenho. Hoje, depois do estudo, sei da importância dessa identificação.

Figura 12 - Última página do livro com desenho feito por uma criança



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Atualmente estamos fazendo a leitura desse livro com as crianças. Durante a leitura elas registram no diário de campo o que acharam interessante e depois compartilham com o grupo. Assim, escolhemos quais assuntos queremos investigar. Uma das curiosidades é o Morro das Andorinhas.

3.1.2 A cada subida novas descobertas

Uma, entre as atividades desenvolvidas, é a trilha ao Morro das Andorinhas. A subida é íngreme e exige um esforço significativo de todos/as os/as participantes. Subir a trilha, mostrar às crianças o que é uma planta nativa ou exótica, ver a localização das praias da região, conhecer um morador e saber que o Morro das Andorinhas é uma reserva florestal são alguns dos objetivos dessa aula-campo.

Geralmente os profissionais do MAI e do PESET vão à frente. Fico sempre no final do grupo, para ver melhor as crianças e também a resistência física não ajuda muito. Interessante ficar atrás do grupo e ir observando o movimento de todos.

Algumas crianças ficam atrás comigo, têm pouca resistência também e vão se queixando do cansaço: “Já está chegando, professora?”. Outras vão ali pelo meio, parando um pouco e seguindo mais de perto o grupo da frente. O grupo que está na frente, por vezes para e espera o restante, com sorriso nos olhos como se estivessem numa competição e fossem os mais preparados para tal empreitada.

Algumas crianças falam sem parar, riem e ‘zoam’ umas às outras. Outras só observam, e seguem juntas. Durante a trilha, temos algumas paradas para que os profissionais do MAI falem sobre o meio ambiente onde estamos inseridos naquele momento. As crianças perguntam o que querem saber sobre aquela diversidade do local. Quando chegamos ao ponto mais alto da trilha, podemos avistar a Praia de Itacoatiara, as Praias de Piratininga e Camboinhas, bem como a Laguna de Itaipu e o Canal que separa a Praia de Itaipu e Camboinhas. Nesse momento, a fala dos profissionais que estão conduzindo a trilha é sobre as questões geográficas que podem ser vistas lá de cima: praia, laguna, restinga, canal, costão e outras mais. Trabalho de pesquisa, aula-campo de geografia, transversalidade do conhecimento, tudo junto e misturado na vida cotidiana. Não aprendemos por disciplinas, conteúdos isolados. Aprendemos com a vida e nas ações cotidianas, vamos construindo conhecimentos. A escola nos permite fazer uma leitura epistemológica dessas práticas que produzimos cotidianamente. Esse é o princípio da aula-campo, que nos permite trabalhar os conceitos espontâneos (que as crianças trazem de suas experiências cotidianas) em conceitos científicos. Ou seja, passar da curiosidade (a partir de suas perguntas) à curiosidade epistemológica (conhecimento científico).

Nesse momento da trilha, de aprendizado coletivo converso com Freire, quando diz: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história” (2024, p. 133).

A trilha ao Morro das Andorinhas proporciona a todos nós essa inquietação, essa relação dialógica, visto que na relação com o meio e com os participantes vamos construindo novos conhecimentos e somos estimulados a buscar tantos outros. Somos atravessados e interagindo nos modificamos.

Figura 13 - Eduardo e Michele explicando sobre as praias e a restinga



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Depois dessa aula de meio ambiente e geografia passamos para outro momento importante de aprendizagem e produção de conhecimento que é a visita a uma família local, que vive no Morro das Andorinhas há mais de cem anos. Ficamos intrigados com as dificuldades daquelas pessoas em relação ao acesso às suas casas, visto que só conseguem fazê-lo a pé. Outra coisa que as crianças adoram nessa casa, especificamente, é o balanço e a tirolesa, feitos de maneira artesanal, para que seus/suas filhos/as possam brincar. Nesse lugar todos voltam a ser crianças e a liberação desses brinquedos faz com que a memória traga, para mim, de volta bons momentos da infância. Que vontade de ser criança outra vez, só pra sentir o vento batendo no rosto e aquele frio na barriga, quando o balanço sobe e desce. Fico observando e viajando no tempo. Então, me dizem Prado e Soligo (2009. p.1): “A História é feita com o tempo, com a experiência do homem, com suas histórias, com suas memórias”.

Figura 14 - Crianças brincando na tirolesa no quintal do morador do Morro das Andorinhas (Praça do Balanço)



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Espero que essa experiência também construa nas crianças e em todos os envolvidos nessa trilha memórias importantes.

Fazemos, então, o caminho de volta e quando as crianças avistam o portão da escola saem correndo, entram às pressas. Umas vão beber água, outras vão ao banheiro. Depois ao chegarem à sala de aula se jogam no chão, exaustas, e ali algumas ficam conversando, outras em silêncio e aguardando, por alguns minutos, o horário do almoço.

Na semana seguinte apresentamos às crianças a Trilha Virtual ao Morro das Andorinhas.

3.1.3 Trilhando o Morro das Andorinhas Virtualmente

Mesmo com a COVID 19, continuamos com o projeto com o MAI. Tínhamos, na época, alunos/as das Universidades, UERJ e UFF estagiando na escola. Quando veio a Pandemia, tivemos que parar todas as atividades. Começamos com atividades virtuais no final de 2020.

Então realizamos uma reunião virtual com o Setor Educativo do MAI e os professores responsáveis pelos estagiários da FFP/UERJ, que estavam na escola.

Surgiu, então, a ideia, da estagiária Carolina Gomes, de preparar uma trilha virtual para que as crianças pudessem ter a experiência e um pouco do que acontecia na parceria que realizamos.

Como nos diz Pérez, sobre pesquisa e o que acontece na realidade da escola:

A pesquisa como experiência é o que nos acontece – produção coletiva que envolve paixão, atenção, escuta, disponibilidade na produção de sentidos com o outro. Um acontecimento investigativo (que se atualiza em sua singularidade, que não separa o sensível do inteligível e o atual do virtual), extraordinário, surpreendente e único. (2016, p. 48).

Nessa produção coletiva, onde diante de toda adversidade que a pandemia nos trouxe, continuamos com o projeto com o MAI. Foram momentos únicos e que exigiu de todas/os as/os envolvidas/os muita dedicação e superação, pois vivíamos momentos de muita dor, que vinham de isolamento, mortes e angústias. Assim, as crianças puderam participar da Trilha do Morro das Andorinhas e conhecer o Museu através das aulas virtuais.

Desse trabalho, surgiu uma monografia em Ciências Biológicas de uma das estagiárias cujo título é “Análise do Desenvolvimento da Trilha Interpretativa Virtual do Morro das Andorinhas Niterói – RJ (Santos, 2024). Um trabalho que tive o prazer de ler e participar da Banca de Conclusão de Curso. Ela nos conta o seguinte sobre a criação da trilha virtual:

Em 2009 surge a proposta do envolvimento do GEIA, em um projeto elaborado para a comunidade local de Itaipu, o objetivo era integrar o grupo em ações referentes à ciência e Biologia, em sua abordagem. As atividades incluíam a elaboração de trilhas interpretativas, que foram analisadas e avaliadas por estudantes dos cursos de ciências biológicas da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). (2024, p. 24).

Em 2022 voltamos às aulas presenciais e consequentemente às visitas ao MAI e às etapas que o projeto propõe. Mas agora, fazemos também a trilha virtual com as crianças que reconhecem alguns locais por onde circulam e, por vezes, moram. Interligando o conhecimento a partir da trilha vivida com a trilha virtual.

Depois de aproximadamente um mês retornamos ao Morro das Andorinhas, na Praça do Balanço, para uma conversa com o Sr. Marcos.

3.1.4 Conversa com o Sr. Marcos, morador do Morro das Andorinhas

Depois que realizamos a trilha ao Morro das Andorinhas conversamos com as crianças e dizemos que faremos uma outra visita a um dos moradores da comunidade, o Sr. Marcos. Elas se animam! (Praça do Balanço outra vez!) É assim que a comunidade chama a casa do Sr. Marcos. Então, sugerimos que anotassem algumas perguntas a serem feitas a ele.

Após a conversa as crianças elaboraram suas perguntas que foram entregues ao MAI.

Nessa etapa os profissionais do MAI vão à escola, recolhem perguntas feitas pelas crianças e depois vamos, novamente, ao Morro das Andorinhas e o morador Marcos, ouve as perguntas feitas pelas crianças e responde a cada uma:

- *Há quanto tempo você mora aqui?*
- *Como vocês fazem para trazer compras aqui para cima?*
- *E os móveis?*
- *Você já foi mordido por cobra?*
- *Sempre teve luz na sua casa?*
- *Vocês vão à escola?*

Figura 15 - Conversa com Marcos, o morador do Morro das Andorinhas



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Mais uma vez, após um mês da primeira visita, subimos o Morro das Andorinhas para falar com Marcos. Ele é pescador e um ativista da preservação do meio ambiente. Sua família vive no Morro das Andorinhas há mais de 100 anos. Numa gentileza sem igual, abre o portão da sua casa e deixa que a gente entre, brinque e converse, fazendo perguntas sobre o local e a vida de quem mora num lugar de difícil acesso e cercado pela natureza. Ele nos conta que antigamente não se preocupava com a questão ambiental, mas como pescador, no convívio com os companheiros, começaram a observar a destruição do meio ambiente e o quanto isso interfere diretamente na atividade pesqueira. Começou, então, a se interessar pelo assunto e hoje, além de cuidar da preservação do local onde vive, participa também do Projeto “Mar de Conhecimento”⁵.

De volta à escola conversamos sobre a importância do meio ambiente, bem como nosso pertencimento a ele. As crianças gostam de falar sobre esse assunto e de contar algumas ações que realizam para colaborar nessa preservação: reciclar, recolher o lixo quando vão à praia, economizar água, plantar árvores, o consumismo, entre outras coisas.

A preservação do meio ambiente é a sobrevivência da humanidade. Fico aqui com a fala de Krenak:

A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. Porque, se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilita prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos... (2020, p. 47).

Diante desse ‘alarme’, estamos construindo o Projeto Instituinte⁶, neste ano de 2025, tendo como tema central o CUIDAR. Cuidar de si, cuidar do outro, cuidar do

⁵ “O Projeto Mar de Conhecimento foi criado no dia 21 de março de 2019, através da iniciativa dos pescadores Marcos André José de Santana e Marcos Antônio de Souza. A ideia inicial, que posteriormente se tornou realidade, era mostrar os peixes da região para as crianças e que estas pudessem interagir e aprender sobre a importância da preservação ambiental, explorando o lado lúdico e a magia do conhecimento marinho” (Mar de Conhecimento, 2024).

⁶ “Os Projetos Instituintes têm como objetivo contribuir para a construção de aprendizagens em rede e para a formação cidadã a ser vivenciada em práticas sociais. Também são importantes para a promoção da vida, da convivência e do afeto na escola, da leitura e da escrita numa perspectiva discursiva, da educação integral e do enfrentamento à evasão escolar. As escolas elaboraram seus projetos em consonância com a portaria conjunta SME/FME nº 04/2023, que institui os Referenciais Curriculares da Rede Municipal, e a política “Uma Rede Inteira pela Alfabetização e Inclusão”. Elas

Planeta! Importante assim, conhecer o ecossistema local e dentro dele, os peixes de nossas praias. Então, o PESA, vem trazendo, todos os anos, a oficina “Fala, Peixe”.

3.1.5 No caminho do mar: Oficina “Fala, Peixe”

Outra atividade desenvolvida é a chamada Oficina “Fala Peixe”. Chegamos ao museu e encontramos uma televisão, um banner e um tanque de madeira com areia e umas varas de pescar.

A curiosidade das crianças é grande! Flávio, o Diretor do museu, começa uma aula expositiva. Com o auxílio de imagens na televisão, fala sobre a história da pesca, os tipos de pesca (artesanal e industrial) e que tipos de peixes existem na região, de acordo com a profundidade do mar. Depois mostra o banner que representa o mar e a profundidade.

As crianças pegam a vara de pescar, vão ao tanque, que simula o mar, pescam e, de acordo com as características, localizam no banner em que profundidade vive o peixe que pescou.

Figura 16 - Flávio explicando sobre a história da pesca e a diferença entre pesca artesanal e pesca industrial



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

também dialogam com o Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), o Plano de Trabalho Anual de cada unidade e os Planos de Trabalho de Ciclo” (Secretaria, 2024).

Sentadas, ali na esteira e no pátio do museu, as crianças veem o vídeo, ouvem a explicação sobre pesca artesanal e pesca industrial, os diversos tipos de peixes da região, as plantas que existem no fundo do mar, bem como a restinga e sua importância nas praias. Então, elas fazem perguntas. Nessa conversa aprendemos todos.

Figura 17 - As crianças pescando no tanque de areia



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Figura 18 - Aluna localizando no banner a profundidade em que vive o peixe que ela pescou no tanque de areia



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

No ano de 2023 foi incluído nesta oficina uma conversa com pescadores de Itaipu. Com fala simples, sorriso nos lábios e cheio de conhecimento sobre a pesca e o mar, o Sr. Mauro explica que começou a pescar com oito anos de idade para ajudar o pai no sustento da família e que por causa disso parou de estudar e completa *“eu tinha, mais ou menos a idade de vocês”* (Acervo da Pesquisa, 2025), dirigindo-se às crianças. Conta como era a pescaria há algum tempo, *“Eram muitos pescadores artesanais, como falou o Flávio, mas agora é só eu e mais dois”* (Acervo da Pesquisa, 2025). Um aluno pergunta: *Você já sofreu preconceito por ser pescador?* E ele responde: *“Já fui até preso, uma vez que uma tartaruga agarrou na minha rede e um guarda achou que eu tava pegando pra matar. Fui parar na delegacia, mas veio uma pessoa do Projeto Aruanã e falou com a delegada que eu ajudava a defender as ‘tartaruga’ e não ‘matá’”* (Acervo da Pesquisa, 2025).

A rede que o sr. Mauro usa para pescar é confeccionada à mão por sua mãe de 93 anos e ele ensina para gente como é tecer uma rede. Uma aula linda! Professor de vida!

Figura 19 - Pescador Mauro falando sobre sua vida e atividade pesqueira



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Figura 20 - Pescador Mauro mostrando às crianças como se tece a rede de pesca



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Figura 21 - Pescador Mauro ensinando a tecer a rede de pesca



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Nessa experiência, que as crianças tiveram com esta aula-campo e a oportunidade de viver a transversalidade do saber, elas produziram conhecimento in loco, com o Sr. Mauro ampliaram seus saberes sobre pesca (artesanal e industrial), sobre meio ambiente (a história da tartaruga) e a legislação de proteção. Sobre a vida marinha e a diversidade de peixes e seus habitats que variam em função da profundidade do mar e sobre artes - como trançar uma rede de pesca. Verdadeiro diálogo entre saberes empíricos e científicos.

O trançar da rede do Sr. Mauro me permite compreender o movimento de conhecimentos “diversos”. Trago a fala de Gallo que me faz pensar sobre um rizoma:

Dessa forma, se tomarmos o mapa como um imenso rizoma, um liame de fios e nós, sem começo e sem fim, teremos infinitas possibilidades de transitar entre eles, sem nenhum vestígio de hierarquia, e aí entra a transversalidade. Ela seria justamente a forma de trânsito por entre os saberes, estabelecendo cortes transversais que articulem vários campos (2001, p. 24).

Como é interessante enxergar que fazemos parte desse rizoma e que nesse entrelaçar de experiências e conhecimentos vamos nos reinventando e modificando sempre.

E é nessa rede, nessa busca por conhecer, ainda mais sobre o ecossistema local, que nos deparamos com o projeto sobre as tartarugas.

3.1.6 Uma aula sobre as tartarugas

Numa terça-feira, entra na sala de aula Eveline, a Secretária da Escola, com a autorização para as crianças levarem para ser assinada pelos/pelas responsáveis.

— *Vamos passear de novo professora?* Pergunta que vem das crianças toda vez que Eveline entra com bilhete, seja para o que for, na sala de aula.

— *Sexta-feira, vamos para uma aula-passeio no Projeto Aruanã.*

E assim, como das outras vezes, na sexta-feira, saímos da escola para nossa aula-campo. Caminhada até o ponto de ônibus (euforia, música, fila e espera).

Figura 22 - Crianças caminhando até o ponto de ônibus



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Figura 23 - Crianças esperando no ponto de ônibus



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Seguimos para a casa que abriga o Projeto Aruanã. Essa aula-campo não está no cronograma sugerido pelo MAI. No entanto, estavam na escola para fazer uma oficina com as turmas. Achemos importante que as crianças conhecessem o lugar e as atividades que o projeto realiza mais de perto, além de ser uma grande oportunidade para fazermos a articulação com os conhecimentos produzidos no PESA. Buscamos trabalhar na construção de saberes produzidos no encontro dos projetos desenvolvidos na escola. Então, fizemos esse caminho até o local.

O Projeto Aruanã é dedicado à conservação das tartarugas marinhas da Baía de Guanabara e regiões costeiras adjacentes. Promovemos a participação da sociedade na proteção dos ambientes marinhos costeiros por meio da realização de pesquisas científicas e ações de sensibilização ambiental. Desde sua origem, busca atuar de forma colaborativa, em parceria com pescadores e diversas instituições, para a promoção de ações decisivas no fomento de políticas-públicas (Projeto Aruanã, 2025).

Na chegada uma vitrine expõe os objetos encontrados dentro de tartarugas que morreram com a poluição das águas: tampinhas e canudos de refrigerantes, linhas de pesca, sacolas plásticas, pedaços de plásticos variados. É impactante ver de perto aqueles objetos gastos, mas que não foram digeridos pelas tartarugas.

Figura 24 - Crianças observando os lixos que as tartarugas comem ao confundi-los com alimentos



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Figura 25 – Crianças acompanhando uma explicação sobre a poluição dos mares



Fonte: Acervo da Pesquisa (2023)

As crianças e nós vamos seguindo um trajeto dentro daquele espaço, enquanto estagiários/as nos explicam cada situação ali exposta. Do nascimento à morte das tartarugas, seu desenvolvimento e maneira de viver. Como podemos colaborar para que elas sejam preservadas.

Saímos dali conversando sobre as tartarugas que estavam perto de nós e pouco sabíamos sobre elas. A importância de cuidar e preservar essa e outras espécies de animais marinhos e cuidar do meio ambiente. Sabendo que fazemos parte desse ecossistema e que precisamos cuidar dele.

Ainda nesse rizoma e nos diversos caminhos que instigam novos conhecimentos, descobrimos que no Engenho do Mato, bairro próximo a Itaipu, e onde moram muitos de nossos estudantes, existe a Biblioteca do Engenho do Mato, a BEM.

3.1.7 Os livros da “BEM” e a aventura do conhecimento

Outro lugar que passamos a visitar é a BEM. Este projeto:

[...] nasceu da iniciativa local junto ao projeto da Roda Cultural do Engenho do Mato, com o objetivo de ocupar culturalmente a antiga biblioteca do CIEP do bairro, espaço anexo à escola, o qual se encontrava desativado e em

estado de abandono. O projeto BEM busca incentivar a leitura por meio da Biblioteca Comunitária Móvel, que ocorre aos domingos na Roda Cultural do Engenho do Mato e já distribuiu cerca de 500 livros para moradores e projetos parceiros, tendo arrecadado aproximadamente 3000 livros para acervo permanente da Biblioteca Engenho do Mato (Projeto Bem, 2025).

A visita à BEM também não está incluída no cronograma sugerido pelo MAI. Mas faz parte da articulação entre Projetos que desenvolvemos na escola. Conhecemos a BEM quando lemos o livro “Uma Aventura na Terra dos Sambaquieiros - Os primeiros habitantes de Niterói” (Leles; Guimarães; Pucu, 2022). Nesse livro as autoras, de uma maneira lúdica, escrevem a história de uma menina de 10 anos, moradora de Itaipu, que frequenta a BEM e o MAI, que ganha da avó um colar que faz com que ela volte no tempo e viva uma aventura junto ao povo Sambaqui. Foi esta leitura que possibilitou a articulação entre o PESA e a BEM. Levamos as crianças para conhecer a BEM, como proposta transversal de produção e ampliação de conhecimentos. Conhecemos os projetos lá desenvolvidos e oferecidos gratuitamente à comunidade (iniciação musical e de informática, dança, judô e empréstimos, bem como doação de livros). No dia da visita tivemos roda de leitura e uma contação de história para as crianças, que saíram de lá cada uma com um livro doado pela BEM.

Figura 26 - As crianças visitando a BEM e explorando o lugar, olhando as estantes de livros



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Figura 27 – Roda de Conversa e contação de história na BEM



Fonte: Acervo da Pesquisa (2023)

Estar em uma biblioteca fora da escola e bem próxima a casa de muitos foi uma experiência importante. Agora, as crianças descobriram, com essa aula-campo que existem outros espaços de leitura, empréstimos de livros e outras atividades, como ali na BEM.

A transversalidade de saberes, como a articulação de projetos nos permite pensar e praticar a perspectiva transversal de currículo em ação, articulando e ampliando conhecimentos.

A cada saída da escola para uma aula-campo percebemos o novo olhar que adquirimos diante das situações que aparecem.

Nesse caminho de novas descobertas, fomos conhecer o Caminho de Darwin.

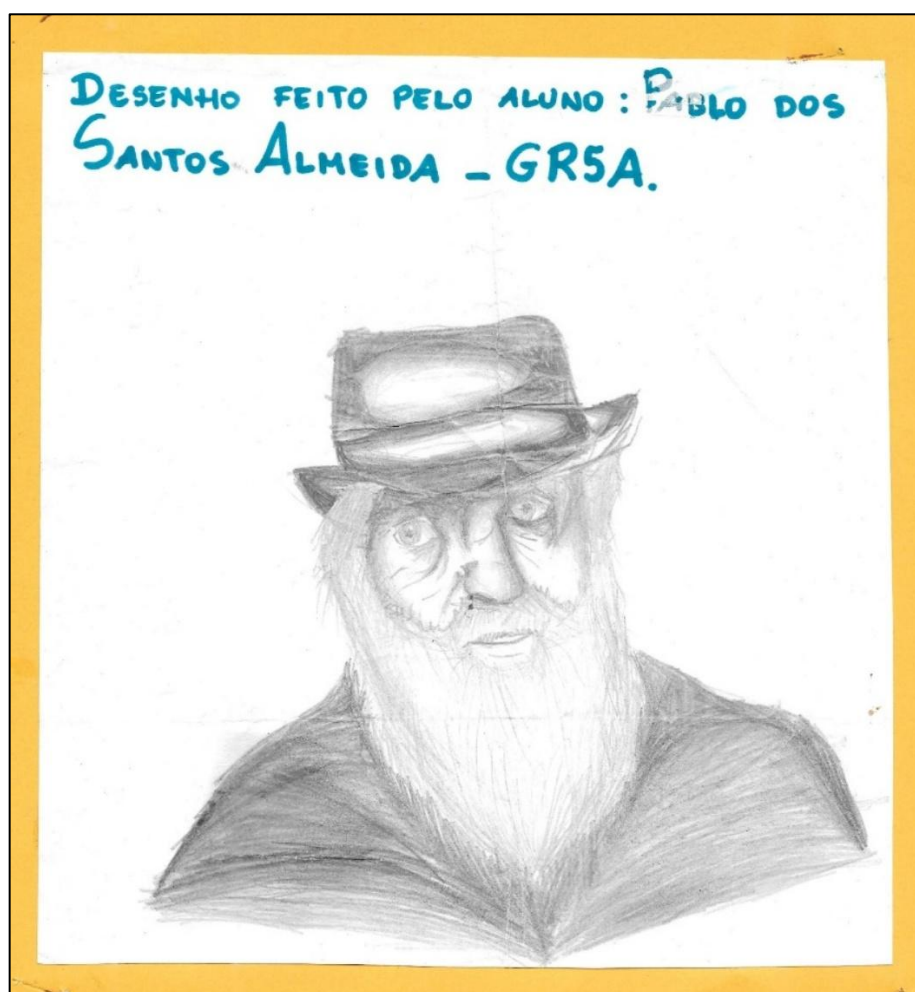
3.1.8 No “Caminho de Darwin”

Na perspectiva de articulação entre os projetos desenvolvidos outra aula-campo que realizamos, foi a trilha conhecida como “Caminho de Darwin”, assim denominado por ter sido explorado e registrado no diário de bordo do naturalista britânico Charles Darwin, em 1832. Com aproximadamente 2,5 km de extensão, o percurso começa “no Engenho do Mato, em Niterói, e termina no bairro Itaocaia Valley, no município de Maricá.” (Inea celebra Charles Darwin no Parque Estadual da Serra da Tiririca, 2023). A trilha traduz um aprendizado histórico e ambiental. Nesse

momento a guia, Jaqueline Ribeiro (Condutora Ambiental credenciada pelo Instituto Estadual do Ambiente - INEA, bióloga, especialista em gestão de projetos ambientais e taxidermista) vai parando e explicando cada parte do percurso. Fala de Darwin, da vegetação, dos animais e do relevo local.

Descobrimos essa trilha porque Jaqueline Ribeiro é mãe de um ex-aluno da escola. Ao descobrir que ela realizava a trilha de Darwin, manifestei meu interesse em realizá-la com as crianças. Comprei o livro “A origem das espécies” de Charles Darwin, levei para a sala de aula e deixei que eles pudessem ver e ler. Um dos alunos, Pablo de Almeida, que tem habilidade para desenhar, ficou tão envolvido com a história de Darwin e o desenhou:

Figura 28 - Desenho produzido pelo aluno Pablo dos Santos Almeida após a trilha do Caminho de Darwin



Fonte: Acervo da Pesquisa (2023)

No meio da trilha encontramos a Nascente de Darwin, onde as crianças, em uma conversa com Jaqueline entenderam a importância da preservação do meio ambiente para que a nascente permaneça 'viva'. A educadora explicou que essa nascente é fonte de vida para muitos animais e também para a vegetação local.

Figura 29 - Jaqueline Ribeiro mostrando às crianças a nascente d'água que existe no Caminho de Darwin e sua importância para o ecossistema local



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Seguimos a trilha e encontramos, na divisa entre o município de Niterói (Engenho do Mato) e Maricá (Itaocaia Valley) o Núcleo de Darwin. Ali conhecemos diversas espécies de animais, alguns estavam empalhados (foram encontrados mortos na região), bem como tipos de rochas, plantas e a história de Darwin.

As crianças circularam pelo local, fizeram perguntas e conversaram para saber mais sobre o lugar. Jaqueline falou da importância do cuidado com os animais e com a natureza. Que cuidar do ambiente em que vivemos é também cuidar da gente. Animais, plantas e seres humanos fazem parte de um ecossistema e o nosso bioma Mata Atlântica, precisa ser cuidado e preservado.

Ficamos ali, por um bom tempo. Entre olhares e curiosidades que cada um conseguiu guardar na memória.

Figura 30 - Pequeno museu, Núcleo de Darwin, com a história da passagem de Darwin por Niterói



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Figura 31 - Outra sala do Núcleo de Darwin com animais, plantas e sedimentos de rochas do ecossistema local



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Ao voltar para a escola, conversamos sobre o que experimentamos e a partir de suas colocações, contamos sobre a passagem de Darwin pelo Brasil e a escrita do livro, bem como puderam manusear o mesmo. Trabalhamos também a localização da Mata Atlântica, suas características e a importância da sua preservação. Agora, era interessante falar sobre a região onde vivemos.

3.1.9 Revisitando o passado para construir um futuro

Em 2023, no início do ano letivo, novamente escolho o quinto ano de escolaridade para trabalhar. A equipe de professoras escolhe como tema para o Projeto Instituinte o tema 'antirracismo', intitulado pelo grupo como Projeto Sankofa.

Eram duas turmas de quinto ano. Eu e a outra professora, Cristina Figueiredo, resolvemos nos unir e dividir o trabalho das duas turmas entre nós. Eu trabalharia com Matemática, Ciências e Geografia e ela com Português e História. Assim, poderíamos compartilhar as ideias e, ao mesmo tempo, as impressões sobre os grupos, bem como dar a oportunidade às crianças de encontrarem com professoras diferentes durante as semanas. Pensamos que isso poderia ajudar na preparação para o sexto ano, já que esse seria o último ano dessas crianças na escola.

Cristina é uma mulher negra, com um conhecimento e experiência de vida, de preconceitos e muita luta por causa da cor da sua pele. Seu protagonismo no Projeto Sankofa trouxe para todos e todas muitas reflexões e mudanças muito importantes. Estudar nossa ancestralidade, nossa cultura e a origem de vários tipos de conhecimentos vindos da África e entender essa história racista e preconceituosa nos trouxe para um caminho de luta e de práticas antirracistas.

Visitamos a história da escravização sob um novo olhar, onde descobrimos o quanto foi "roubado" dos africanos, entendendo que os brancos se apropriaram de sua cultura, embranquecendo seus atores. Muitas vezes, durante essas aulas, senti vergonha por ser branca. Conhecer a verdadeira história me fez uma nova pessoa.

Conhecemos a história de Zumbi e Dandara. Lemos livros infantis e conhecemos autores que estão nessa luta contra o preconceito e o desrespeito por esse povo que foi e é violentado pelos brancos.

Mas depois de muito aprender cheguei à seguinte reflexão: se o significado de Sankofa é "voltar para buscá-la" ou "volte e pegue", e ensina que é importante aprender com o passado para construir o presente e o futuro, o projeto com o MAI

ressignifica o passado trazendo para o presente reflexões e aprendizados que podem contribuir para a construção do futuro.

Esse projeto trouxe para a comunidade escolar muito aprendizado, histórias e conhecimentos de parte da cultura africana. A história da humanidade começa na África e influencia diretamente nossa história. O preconceito e o racismo foram discutidos e combatidos em cada trabalho. Saber da nossa ancestralidade e encontrar no presente o resultado de ações do passado trouxe para toda a comunidade escolar a importância de lutarmos contra o preconceito.

Foram várias experiências e pesquisas com os grupos: músicas, compositores, alimentação, vestuário, vocabulário, literatura, ciência, descobertas científicas, etc.

As crianças, bem como as professoras, cantaram, produziram murais, cartazes, desenhos e trouxeram para discussão a pauta do preconceito.

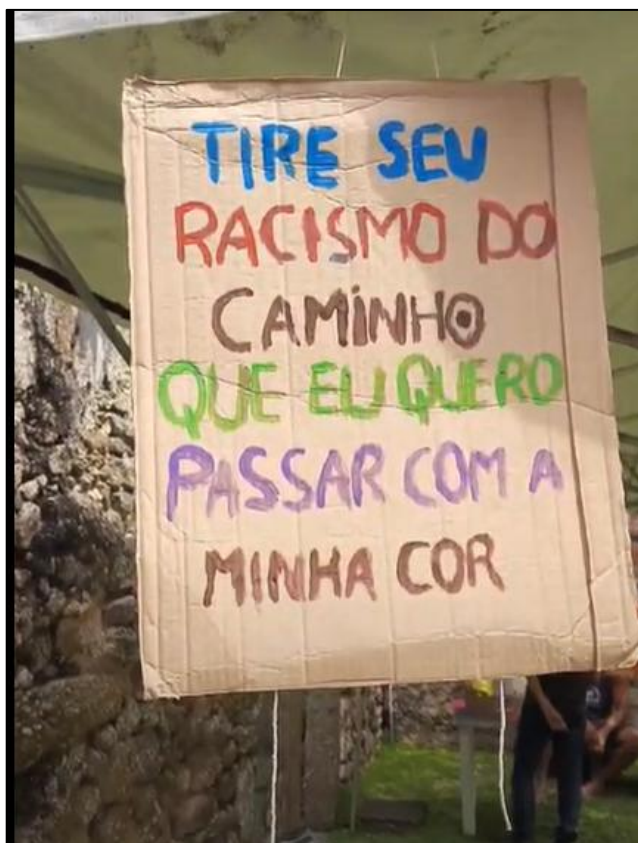
No final do ano fizemos uma exposição do Projeto Sankofa no MAI e tivemos a participação de toda a comunidade escolar.

Figura 32 - Mural produzido por professoras e alunos da escola



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Figura 33 - Cartaz produzido pelas crianças do quarto ano de escolaridade



Fonte: Acervo da Pesquisa (2024)

Praticar um currículo em ação baseado na transversalidade do saber e na articulação de conhecimentos. Ver a comunidade escolar envolvida com a escola faz a prática ter vida.

Mergulhada no PESA, que existe há quinze anos consecutivos, até a “raiz do cabelo”, me sinto instigada a pesquisar sobre, com toda a potência dessas aulas-campo⁷, como metodologia de ensino, na construção de conhecimento na formação da *professorapesquisadora* e das crianças do 5º Ano de Escolaridade na E.M. Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, por que a escola não sistematiza em um acervo as ações educativas realizadas com e a partir do PESA? É uma proposta ousada, mas talvez construir um museu de ações pedagógicas desenvolvidas pela equipe de docentes da escola pode significar a instauração de um museu na escola, resgatando a memória das ações realizadas ao longo desse tempo e ao mesmo tempo fortalecendo nosso protagonismo na parceria Escola-MAI.

⁷ Aula-campo em lugar de aula-passeio. Inspiração em Freinet, mas inclui a dimensão de pesquisa que acontece além dos muros da escola.

Ao revisitar essa parceria com o MAI faço um inventário de nossas ações pedagógicas ao longo desses quinze anos com o PESA e vislumbro novas possibilidades para o nosso fazer docente assumindo o protagonismo pedagógico. É dessa forma que entendo o processo de rememoração de que nos fala Walter Benjamin: Presentificar o passado para vislumbrar outro futuro, quando diz:

O passado traz consigo um índice secreto, que impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que envolveu nossos antepassados? Não existem, nas vozes a que agora damos ouvidos, ecos de vozes que emudeceram? ... Se é assim, então existe um encontro secreto marcado entre as gerações precedentes e a nossa (2022, p. 242).

Rememorar a história do PESA, desde o seu nascimento até aqui, me fez ressignificar a participação da escola nessa parceria para que buscássemos um futuro de maior protagonismo na realização das atividades.

Como *Professorapesquisadora*, mediadora dos conhecimentos, instigada a partir das experiências e das relações, nesse contexto tão cheio de acontecimentos, trilhar essa estrada que pode transformar a prática dessa parceria, contribuindo para a transformação de todos que estão envolvidos nesse projeto. Converso assim com Garcia, quando me diz:

Será que neste momento de crise global, que pode levar até a destruição do planeta Terra, mas que também pode ser o prenúncio de novas formas de auto-eco-organizativas, alguém que se pretenda intelectual pode estar insensível ao que acontece?
Este me parece um momento desafiador a que os intelectuais públicos são chamados a participar se comprometendo com a radicalização da democracia, pondo as suas pesquisas, os seus escritos e as suas falas a serviço de um projeto emancipatório (2011, p. 40).

Nessa trajetória da pesquisa, vivendo esse protagonismo docente de forma coletivizada, dentro e fora do espaço escolar percebo a potência da relação *aprendizagem ensino* que as aulas-campo fomentam, ou seja, um ensino mais significativo. Esse meio ambiente tão rico e diverso, traz experiências formativas para toda a comunidade escolar, bem como provoca movimentos em direção à preservação ambiental e o cuidado com o Planeta.

4 PROFESSORA E PESQUISADORA. MESMO CAMINHO?

Quando não houver caminho
Mesmo sem amor, sem direção
A sós ninguém está sozinho
É caminhando que se faz o caminho

(Enquanto houver Sol, 2003)

Quando ingressei no Mestrado em Educação, na linha de pesquisa dos Estudos do Cotidiano e Educação Popular, na UFF, em abril de 2022, eu já estava afastada da Academia há 19 anos. Nesse caminho que fiz até aqui, estive na universidade para participar de Formações Continuidas, muitas oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação de Niterói.

E agora? Como seria essa nova experiência? Afinal, como nos diz Regina Leite Garcia:

O cotidiano assusta, dá medo, intriga, fascina. Há quem se assuste, há quem fique intrigado, há quem morra de medo e há também os afortunados, eu diria, modestamente, mais afortunadas que afortunados, que ficam absolutamente fascinadas com o misterioso cotidiano, que vive a nos revelar em suas dobras que, ao se desdobrar, deixa aparecer o que estava escondido e que à primeira vista não aparecia (2003, p. 193).

É exatamente assim que me sentia e me sinto, muitas vezes: intrigada, assustada, fascinada e com medo. Em curva desse caminho que fiz até aqui, vejo uma estrada com acontecimentos e paisagens que nem sempre são fáceis, mas que me atravessam e me fazem uma *professorapesquisadora*. Enfrentar esse desafio diante da vontade de conhecer me faz pensar nas crianças. Como será que elas sentem a escola?

Lembro-me, então, de Isabelly, uma menina com uma história familiar que trazia para ela grande sofrimento. Vez por outra, estava chorando com saudades da mãe. Vivia com o pai e só via a mãe e a irmã menor esporadicamente. Quando começamos o PESA, ela nos disse que não queria participar da trilha ao Morro das Andorinhas pois tinha medo por causa de bichos. Conversamos com ela explicando que estaríamos acompanhados pelo pessoal do MAI, alguns guardas florestais do PESET. Explicamos como seria a aula-campo⁸ (Freinet, 1997), pois estaríamos aprendendo

⁸ “Aula-passeio é um momento de vivenciar, descobrir e sentir novas sensações, despertando novos interesses e curiosidades nos alunos. São experiências humanizadoras que ressignificam a posição do professor em formação inicial, transformando tanto sua visão de ser, quanto de estar no mundo”

além dos muros da escola. Ela me olhou e concordou em realizar a trilha. O dia esperado chegou. Isabelly começou a trilha 'grudada' em mim, mas aos poucos foi tomando confiança. Caminhou, conversou, brincou na tirolesa e fez perguntas na hora das explanações do Eduardo. Ao final, já na escola, ela se aproximou e disse que havia gostado. Pedi que ela fizesse um desenho para expressar o que tinha experienciado.

Figura 34 - Desenho produzido por Isabelly após participar da Trilha no Morro das Andorinhas



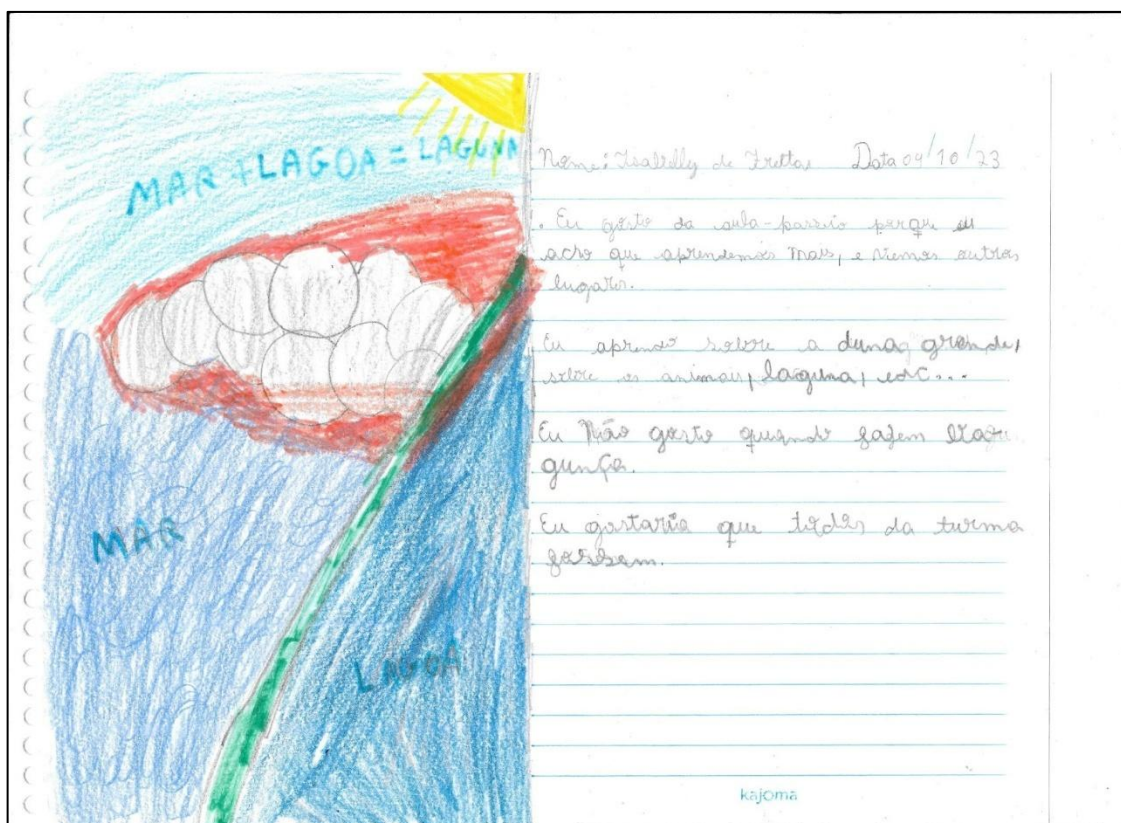
Fonte: Acervo da Pesquisa (2023)

No final do ano, após as outras aulas-campo, registrando o que gostaria de falar, Isabelly expressou o seguinte⁹:

(Barros; Vieira, p. 82). Na presente dissertação, inspirada por Pérez (2010), substituo o termo aula-passeio por aula-campo pois, como autora, para além da definição de Freinet, entendo aula-campo como instrumento de investigação no qual as crianças produzem novos conhecimentos a partir da pesquisa e problematização.

⁹ Texto escrito por Isabelly na foto: "Eu gosto da aula-passeio porque eu acho que aprendo mais, e vemos outros lugares. Eu aprendo sobre a duna grande, sobre os animais, laguna, etc. Eu não gosto quando fazem bagunça. Eu gostaria que todos da turma fossem".

Figura 35 - Texto produzido por Isabelly ao final do ano letivo de 2023 sobre o PESA



Fonte: Acervo da Pesquisa (2023)

Essas experiências com as crianças e o PESA, vez por outra, nas aulas do mestrado, me faziam refletir sobre esse lugar de *professorapesquisadora* nos caminhos que o dia a dia da escola me proporciona.

No primeiro período, frequentei disciplinas obrigatórias que fizeram com que eu pudesse me inteirar de alguns conteúdos em Educação que até então eram desconhecidos para mim. Sentada, no meio da garotada da Universidade (eu era a mais velha da turma), alunos e alunas, entre 20 e 30 anos, faziam considerações e reflexões sobre os temas estudados que eu não conhecia, visto que minha formação acadêmica é em Serviço Social.

No entanto, quando eu falava da sala de aula e das experiências que vivia na escola, eles ficavam perplexos.

Em epistemologia, vislumbrei as muitas maneiras de como entendemos e “lemos” o mundo, e mais especificamente como lemos e percebemos o cotidiano escolar. O que o meu projeto de pesquisa questionava? Minha “ficha” começava a “cair”! Acho que hoje usaria “minha internet começava a logar”!,

As narrativas que eu fazia contando da escola e das crianças eram ponto de ligação para a reflexão provocada pelas leituras. Era teoria e prática em relação.

Um certo dia, nessa mesma disciplina, contei à turma o seguinte fato: Lembro-me uma vez que tínhamos agendado com uma das turmas do 5º Ano a subida à trilha do Morro das Andorinhas, como acontece todos os anos, no projeto com o MAI. Os bilhetes foram enviados para os responsáveis serem esclarecidos sobre a atividade, bem como autorizarem as crianças na realização dessa trilha.

No momento da entrega da autorização assinada, Emanuelle, uma aluna que sempre participava das aulas com interesse, nos entrega o pequeno papel dizendo: - Aqui, professora, minha mãe assinou, mas não autorizou minha saída.

Fiquei intrigada com a recusa da responsável em não deixar Emanuelle participar da aula-campo no Morro das Andorinhas. Inquieta e querendo descobrir o porquê dessa atitude, bem como querendo que a aluna participasse da aula, procurei a direção da escola para que pudéssemos conversar com essa mãe, no intuito de ter Emanuelle em todas as saídas da escola para as atividades.

A Diretora da escola, Minna, fez o contato com a mãe e descobriu que antes de ter Emanuelle, essa mulher havia tido dois abortos, de duas meninas, e por isso tinha medo de também perder essa filha. Depois da conversa explicando como seria o trajeto e o objetivo das aulas-campo, a aluna participou de todas as saídas, junto dos colegas de classe e dos profissionais. Lembro-me aqui de Marisa Del Cioppo Elias, quando ao escrever sobre Célestin Freinet, nos fala:

Ao avaliar a sua força frente ao obstáculo e levar ao outro sua ajuda - a que se acrescentam outros esforços -, o indivíduo, diz Freinet (1976a: 41), "mudará o aspecto do mundo, dominará a natureza, glorificará o destino do homem" (1997, p. 39).

Foi nesse caminho de escuta e busca de conhecer a realidade dessa criança que conseguimos juntas, escola e família, garantir a participação da aluna às aulas-campo. Essa autora ainda acrescenta: "O meio deve ser o determinante da mudança. Freinet destaca a importância da integração entre família e escola, uma vez que estas dependem da sociedade à qual a criança pertence" (*ibid*, pág. 39).

Mesmo sem ter muita clareza do lugar de *professorapesquisadora*, onde sempre questioneei os acontecimentos e coisas que me incomodavam dentro da profissão e do cotidiano na escola, ia em busca de respostas que pudessem contribuir com as crianças para que participassem e construíssem seus conhecimentos.

Nessa trajetória, agora no mestrado, eu começava a entender esse lugar a partir das leituras e dos questionamentos que vinham em minha direção quando ouvia os jovens colegas me perguntarem: — *Como você consegue trabalhar com uma turma que tem 28 crianças?*, perguntava Igor, um garoto com 23 anos e com licenciatura em Educação Física. — *Leva todo esse grupo para fazer trilha? Visitar Museu? Tomar banho de mar? Vão de ônibus comum? A Prefeitura não manda um ônibus pra vocês?*, questionava Thayana, uma menina com seus 24 anos, também com licenciatura em Educação Física.

“*Conta mais!!!!*”. Eles queriam saber como é a escola no dia-a-dia. Enquanto eu me percebia protagonista de uma vida na escola pública, ia encontrando as ferramentas para pensar essa realidade.

Na disciplina Educação Brasileira, pude entender e relacionar os fatos históricos que aconteceram na Educação Brasileira com a história de vida da minha família. A leitura e o estudo do Manifesto me fez compreender o que vivi e pude perceber o que aconteceu comigo e ainda acontece com a maioria das famílias brasileiras que vivem na pobreza. Isso foi importante mudança de ponto de vista. Não cabe mais naturalizar ou romantizar os fatos.

Em Temas e Pesquisas, com o professor Walter Filé, minha cabeça deu um nó. Pensei até em mudar meu objeto de pesquisa. A cada aula mais perguntas surgiam e me incomodavam, me tiravam da tal “zona de conforto”. Comecei a participar do Laboratório de Estudos e Aprontos Multimídia: Relações Étnico-raciais na Cultura Digital (LEAM). Grupo também coordenado pelo mesmo professor, onde as/os participantes compartilham seus conhecimentos e projetos. Quanto incômodo e conhecimento nas tardes de segunda-feira! Mas a pergunta que me moveu ao mestrado sempre me atravessava: “Por que a escola não tinha um registro dessa atividade tão duradoura do MAI com a nossa escola?”.

O medo, de não conseguir concluir o período e cumprir as tarefas de cada disciplina, era meu companheiro nas idas e vindas para UFF. Quando me deparo, entre uma leitura e outra com a seguinte colocação de Regina Leite Garcia:

Como lidar com a incerteza, quem foi criad@ com certezas definitivas, como aceitar a dúvida com método, quem formou-se na crença de conhecimentos absolutos, como rever a própria ideia de um progresso contínuo quando são apontados outros caminhos, novos caminhos, novas possibilidades para as sociedades, para os homens e mulheres, e até posta em questão a ideia de progresso, associada a desenvolvimento, e tantas vezes confundida com o desenvolvimento (2003, p. 194).

Me senti acolhida com essa leitura. Mas ela fez com que meu medo desaparecesse? Claro que não. No entanto, saber que ter medo também faz parte do processo fez com que eu persistisse em meus estudos e aprendizados.

Ainda nesse período, participei também do Grupo de Estudos e Pesquisas, Memória e Cotidianos (GEPEMC), com a professora Carmen Pérez, este em algumas quintas-feiras à noite. Leituras sobre o cotidiano escolar e Educação, relatos e discussões sobre os projetos de outras colegas. Algumas até trabalham na mesma escola que eu.

No final do período, era outra de novo. Agora, sabia que havia muito para aprender! Ufa! Consegui cumprir as tarefas exigidas pelas disciplinas. Era tempo de seguir o movimento que eu ia experimentando nas aulas e nos grupos de pesquisa que ia se alargando e alcançando minha sala de aula. Não era uma transposição de didática, mas uma mudança de postura que me fazia “dividir e multiplicar” o conhecimento. Uma experiência de horizontalidade nas relações. Compreensão, empatia sim. Mas também uma necessidade constante de manter a atenção nos objetivos. Rodas de conversa, leituras coletivas, diferentes linguagens.

No entanto, ainda havia muito caminho a percorrer. Um caminho com algumas pistas, mas ainda cheio de muitas curvas e relevos, que me trariam muitos atravessamentos.

Então, comecei o segundo semestre. Escolhi como disciplina eletiva: Currículo e Cultura. Tinha a perspectiva que esta disciplina traria para o meu projeto de pesquisa algumas leituras que relacionassem a cultura com o cotidiano escolar. Mas, qual a surpresa? A disciplina trazia para minha reflexão um conteúdo sobre “Narrativas de Histórias de Vida e Trabalho Docente”. Li muitos textos interessantes e ouvi muitas histórias de professores e sua trajetória de vida, e profissional. Descobri, então, que poderia desenvolver minha dissertação sob a metodologia da Narrativa. Poderia visitar o meu passado, para entender o presente e construir a dissertação a partir das memórias.

Nesse mesmo período cursei a disciplina Tópicos Especiais em Estudos do Cotidiano e Educação Popular, com a Professora Carmen Lúcia Vidal Perez. Os textos sugeridos pela professora trouxeram para mim perguntas que me atravessaram de maneira única. Por que estava fazendo essa pesquisa? Para quem? Com quem?

Eu estava vivendo o dia-a-dia na escola, com turmas de 5º Ano de Escolaridade do Fundamental I, que participam do PESA junto ao MAI. Como mãe de um aluno que foi da primeira turma do projeto. Como Secretária. Como Diretora Adjunta. Vejo a necessidade de descobrir por que esse projeto tem tanto tempo? Como será que as crianças veem o projeto? Só é um passeio ou aprendem algo fora dos muros da escola?

Nessa dinâmica, surgiu o livro de Regina Leite Garcia (2011), “Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais.” Em seu texto “Para quem investigamos - para quem escrevemos: Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador”, ela coloca o seguinte:

Hoje, com os recursos teóricos de que disponho, posso saber que muitas vezes nos ouviam, não a partir do que dizíamos, mas a partir do que acreditavam dever ser dito, para o bem e para o mal. Com a ajuda de Martins agora sabemos que a crise de interpretação é nossa, pesquisadores e pesquisadoras que íamos, e muitos continuam a ir a campo tão cheios e cheias de certezas, que me parecem, hoje, inimigas da pesquisa. Hoje sabemos que a dúvida, a incerteza, a insegurança, a consciência de nosso ainda não saber é que nos convida a investigar e investigando, podermos aprender algo que antes não sabíamos (*ibid.*, 2011, p. 20).

Pois bem, ali estava eu, *professorapesquisadora*, cheia de dúvidas, instigada a olhar para a escola onde trabalho, agora não só como professora, mas como pesquisadora também. Como é difícil aprender a fazer a pergunta da pesquisa. Faço parte dessa estrada e me sinto tomada pela incerteza de qual caminho seguir.

No final desse período, então, todas as disciplinas, mais o LEAM e o GEPEMC, trouxeram para mim uma nova maneira de enxergar o mestrado. Comecei a aprender a perguntar. Participar e ouvir outras histórias de pesquisa me trouxeram um novo olhar sobre o caminho.

Passei a entender a fala do professor que me dizia: *Se você já tem a certeza do que está pesquisando, não existe pesquisa.*

Em dado momento, senti o incômodo com a fala da colega Kelly do LEAM que ao ler minha proposta de pesquisa me disse: *“Me incomoda você dizer que na escola tudo é maravilhoso. Não existe nada que te incomoda por lá?”.*

Como assim?! A escola era a extensão da minha casa, que naquele momento descobri que também não era maravilhosa. O mais incrível e intrigante é que descobri que não há problema nenhum nisso. Pois, dentro dessas contradições, posso me movimentar, aprender mais e me reinventar.

Assim me sinto perplexa, incomodada e agradecida por essas experiências que tenho vivido na Universidade e em Sala de Aula com as crianças. A partir dessas experiências, optei por realizar minha pesquisa em Narrativa, procurando contar minha história como *professorapesquisadora*. Conversando com Walter Benjamin, quando diz: “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (2012, p. 217).

Acredito que a pesquisa em narrativa traz para discussão a realidade que acontece no universo da escola, transformando acontecimentos em fatos históricos, como bem dizem Pérez e Miguel, citando em sua fala Leal e Freire:

A narrativa da prática educativa transforma o ato em história – a história de uma experiência que engendra aprendizagens: “aprende quem conta, quem escuta, quem escreve, quem lê. Aprendem todos os que sabem o valor de restituir ao outro um saber que resulta da experiência” (Leal, 2009, *apud*). Narrativa e experiência transformadas em saber: saberes da experiência feitos que todos e todas possuímos, pois aponta Freire (1996), somos capazes de travar relações no e com o mundo e experienciá-lo. A experiência é singular, engendra e é engendrada, pelas nossas tentativas de responder os diversos desafios que nos são lançados. As experiências, ao mesmo tempo que produzem conhecimentos, potencializam o processo formativo (2016, p. 58).

Sendo parte integrante desse universo de pesquisa, Escola - Museu - Comunidade, busco ouvir as crianças, professoras, responsáveis e profissionais do museu; através de conversas, relatos - aqui entendido com Certeau (1998) como narrativa - e participar nos movimentos que fazemos durante todo o ano letivo. Além de registros, através da escrita e de desenhos das crianças.

Nesse ponto, recobro a questão inicial da pesquisa: Por que a escola não tem um acervo sistematizado desse projeto tão duradouro? No movimento de buscar a resposta, converso com quem, de alguma forma, participou do projeto.

A professora Milena Melo, que vivenciou esse projeto em alguns anos, me trouxe o seguinte relato, através de um acróstico, em Fevereiro de 2025:

Pesa
Professor
Estudantes
Ancestralidade
Marcos Waldemar

Parto desse acróstico para tecer as relações múltiplas que vivencio como professora participante do PESA.

Como nó tecido reafirmo a Escola com o PESA e a perspectiva de Formação cotidiana em cada etapa compartilhada.

O PESA traduz um movimento de pertencimento com o local, como vivemos o entorno da escola, mediada pelo aspecto ambiental, social e histórico.

Quando o Museu vai à Escola, entendo como uma via de mão dupla, isto é, a escola, a vida dos estudantes e dos professores insta uma nova lógica de produção de saberes e fazeres.

Para além da visita até o Museu, como diz Michel de Certeau (1994), praticamos aquele lugar, homens e mulheres entre astúcia e táticas de sobrevivência e aprendizados postulam um novo significado e arranjo social a essa dinâmica.

A relação teoria e prática se entrecruzam com múltiplos nós tecidos por todos os participantes, seja num familiar de um aluno que participa como uma oficina de fazer rede de pesca, com o professor que refina seu olhar, desenvolve sua pesquisa, lendo e relendo a sua formação, assim como técnicos e licenciandos que se formam conjuntamente.

Nesse texto da professora, vejo um momento do caminho, que também percebo como *professorapesquisadora*, que é o entrelaçamento entre conhecimentos que o PESA proporciona a todos/todas envolvidos nesse caminho. No entanto, ainda não encontrei eco na pergunta que me move nesse caminhar. Por que a escola não criou um acervo desse projeto? Mesmo tendo tantos atravessamentos e fazendo parte dessa trajetória?

Nessa busca por encontrar um caminho que me trouxesse alguma nova paisagem, percebo que, como nos diz Regina Leite Garcia, no prefácio de Memórias e Patrimônio:

Esse misterioso processo só se revela em seu movimento para quem mergulha no cotidiano da escola. Para @s outr@s, @s que fazem ou pensam fazer pesquisa usando luvas de pelica para não serem confundid@s ou se confundirem, o mistério não se revela (2009, p. 10).

Mergulhada no dia a dia da escola e como *professorapesquisadora*, e sem luvas de pelica, continuei minha pesquisa buscando outras narrativas que me conduzissem a entender o envolvimento da escola com o PESA.

Precisava ouvir outros participantes. Olhei em diferentes direções e resolvi voltar um pouco na estrada e procurar pelo professor da UERJ, Douglas Pimentel. Então, em fevereiro de 2025, através de um relato do professor, descobri que ele foi um dos primeiros participantes do PESA. É, esse mesmo! O que fez a pergunta que me trouxe ao Mestrado. Ele nos relatou alguns fatos e que até produziu alguns artigos sobre o projeto. No meio dessas descobertas, ele me diz o seguinte:

O projeto junto à escola está institucionalizado, assim como no MAI, que pede as autorizações ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ao Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), etc. Então é uma outra instituição ali que guarda a cultura. Então, essa dinâmica é importante também. O projeto também partiu do MAI. Eu estava lá desde a gênese mesmo (Acervo da Pesquisa, 2025).

Ao longo de seu relato, o professor Douglas nos trouxe ainda:

“[...] você construir uma parceria, uma colaboração entre parceiros, ela não é tão simples quanto possa parecer, e ali se ajustou de uma tal maneira, que com todas as especificidades de gestão do espaço formal e dos espaços não formais, a coisa funciona, ao meu ver, por esse respeito, por essa disposição das pessoas em participar...” (Acervo da Pesquisa, 2025).

Então me deparo com a seguinte fala de Maria Teresa Esteban, no livro “Método, Métodos, Contramétodo”, organizado por Regina Leite Garcia:

A dinâmica da pesquisa no cotidiano, marcada pela incerteza, ressalta que em muitos momentos não é possível dar visibilidade aos laços que conectam o fragmento à teia de relações que o conformam e que também por ele é conformada (2003, p. 129).

No momento em que o professor Douglas fala dessas relações que fazem com que esse projeto continue por tantos anos, percebo que a escola faz parte dessa “teia de relações” que leva esse projeto por essa estrada tão longínqua. Quantas vidas envolvidas nesse caminho entre a escola e o MAI.

Ainda ouvindo o relato do professor Douglas, me deparo com a seguinte colocação:

Tem uma coisa engraçada que aconteceu lá no início, que foi o seguinte: Maria de Simone (Diretora do MAI, em 2010, quando o PESA teve início), a gente estava conversando sobre o início desse projeto, ela falou assim..., a gente faz um ‘brainstorming’¹⁰, quem tá animado com a coisa, começa a ter um monte de ideia. E a Maria de Simone falou assim: poxa você tá falando aí e eu só penso em exposição aqui pro museu, né? Aí eu falei assim: bom, você está falando aí e eu penso em vários trabalhos publicados. Quer dizer, cada instituição, cada gestora, cada membro das instituições, eles têm perspectivas diferentes, né? Sobre como fomentar, e como interagir e quais os frutos que esse projeto pode dar. Podia e podem dar ainda. E eu sempre tentei buscar e foi por isso que eu até pensei nessa pergunta que ainda permanece, e é uma coisa importante que vocês precisam responder: Qual a perspectiva da escola em relação a isso? Como vocês acham que lucram, que assim, tem frutos, quais são os frutos importantes pra vocês na escola em relação a esse projeto? (Acervo da Pesquisa, 2025).

Ouvi com cuidado e atenção essas palavras e me senti ainda mais instigada a buscar entender melhor essa parceria. São anos de participação no PESA e não temos o registro dessa estrada em que caminhamos juntos.

Mais uma vez me encontro com a fala de Maria Teresa Esteban me dizendo:

¹⁰ O *brainstorming* é uma “tempestade de ideias”; técnica definida pela apresentação espontânea de pensamentos e ideias, tendo como propósito solucionar alguma questão, problema ou produzir algo criativo” (Brainstorming, 2025).

O olhar que procura juntar os fragmentos encontrados como peças de um quebra-cabeça é através de relações lineares e de causalidade alcançar a totalidade, ao mirar o cotidiano, perde-se atônito diante da intensidade dos movimentos encontrados, da impossibilidade de localizar todas as peças, e de encaixá-las correntemente, e da incoerência e inconstância das figuras produzidas (2003, p. 128).

Essa travessia é feita de muitas curvas e por muitas peças que não consigo encaixar, fico mesmo atônita e me sinto instigada a continuar minha procura sobre essa participação da escola com o PESA.

Há tanto tempo! E aí escola?

Então, vou na busca por outros olhares. A Diretora da escola, Minna Gondim, antes como Diretora Adjunta e hoje como Diretora Geral, trouxe algumas palavras sobre essa parceria. Ela me fala sobre o primeiro contato da escola com o MAI em 2009, recebendo a visita de dois profissionais do setor educativo do museu, que apresentaram à escola o texto do projeto e o cronograma com as etapas a serem realizadas. Assim ela relata:

O objetivo, compreendido de forma mais geral, consiste em ressignificar a prática do museu enquanto “exposição de um passado” para uma experiência de construção de conhecimento e de memória. Desta forma, o movimento é do MAI em direção à escola (Acervo da Pesquisa, 2025).

Começo, a partir dessas narrativas, a entender um pouco dessa trajetória da escola com o MAI. Aprendemos a importância do museu junto à escola. Mas existe mesmo essa parceria? Continuei minha pesquisa, ouvindo outros participantes dessa viagem.

4.1 NAS CURVAS DO CAMINHO: MAI E ESCOLA, UMA PARCERIA?

Eu já me perguntei
Se o tempo poderá
Realizar meus sonhos e desejos
Será que eu já não sei
Por onde procurar
Ou todos os caminhos dão no mesmo
E o certo é que eu não sei
O que virá...

(Todos os Caminhos, 2004)

Muitos trajetos são feitos de curvas, altos e baixos, sinalizações, tempestades, ventos e paisagens. Como também é feito de pessoas e relações. Antes de partir para

a viagem, fazemos planos, buscamos um destino, arrumamos a mala e partimos. No entanto, algumas vezes, o destino final não é bem o que planejamos e a bagagem que trazemos conosco é, por vezes, muito maior. Experiências múltiplas nos direcionam para estradas não conhecidas, mas que nos transformam e, nessas idas e vindas, já não somos mais as mesmas pessoas. “Caminhar é ter falta de lugar. É processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio” (Certeau, 2014, p. 170).

Foi assim que comecei minha pesquisa no mestrado. Eu não tinha a dimensão do quanto essa estrada me transformaria. Na busca de encontrar uma resposta para meu questionamento, precisei de leituras, que serviram como mapas com muitas informações, e conhecimentos, que fizeram com que eu viajassem até outros lugares, para que pudesse alcançar o meu objetivo, mas de uma maneira mais enriquecida, visto que a partir delas pude apreciar os detalhes. Encontrei muitas pessoas, de diferentes histórias, com visões e interpretações múltiplas dessa trajetória, completamente diferentes de mim. Essa multiplicidade de olhares me trouxe reflexões que me transformaram e continuam transformando, que vou carregar em minha bagagem para o resto da vida.

Conversei com muitos envolvidos nesse projeto. Fiz laços de amizade e ouvi relatos desses participantes do PESA, que estiveram nessa caminhada comigo, no decorrer desses quinze anos. Alguns, sempre presentes, outros pontualmente.

No início do projeto conheci Stelvio, do setor educativo do MAI e depois diretor do mesmo. Agora com a pesquisa, procurei por ele e pedi que contasse o que pensava sobre a parceria do MAI com escola no PESA. Diante do que eu investigava e do seu relato, encontrei algumas colocações que achei interessantes. Ele conta o seguinte:

O programa de educação socioambiental foi criado com objetivo de despertar no público jovem, um olhar mais atento para as ciências biológicas, utilizando como matéria-prima os recursos naturais do Parque Estadual da Serra da Tiririca (Peset-Inea), bem como os demais elementos presentes na praia de Itaipu. Naquele momento a Reserva Extrativista Marinha (Resex) ainda não havia se constituído de fato.

Outrossim, a relação com a Marcos Waldemar e seu quinto ano do fundamental, consolidou-se de tal forma que o programa, inicialmente pensado para apenas um semestre, foi agregando novas etapas e passou à configuração anual.

A escola aprendendo e ensinando fora da escola. O Museu reforçando laços com a comunidade de seu entorno, participando ativamente de seu empoderamento. Impraticável pensar toda essa exitosa integração sem qualquer um de seus partícipes, escola ou museu, nessa difícil arte de educar (Acervo da Pesquisa, 2025).

Fiquei lembrando daquele começo do caminho, onde pensávamos que o PESA duraria seis meses e, agora, está completando quinze anos. “Livres da armadilha da verdade objetiva e real, eis-nos entregues a dúvidas e incertezas, que, afinal, são uma boa razão para pesquisarmos, pois, como já disse, quem tem certezas não tem motivos para pesquisar” (Garcia, 2011, p. 22). Foi bom ouvir a Regina.

Continuei minha busca e ouvi outros participantes dessa viagem. Então ouvi Flávio, atual diretor do MAI, que fala sobre como o projeto inicial vai se transformando à medida que vamos estabelecendo o diálogo e a troca de experiências:

Ao meu ver, o papel da escola no PESA é fundamental. As atividades pensadas inicialmente para o Programa tinham um perfil muito técnico, como se fosse voltado para pesquisadores, pois foi elaborado por profissionais que não possuíam experiência em sala de aula. Várias das ações previstas nos primórdios do PESA exigiam da equipe algum cuidado na sua realização junto aos alunos da escola... Após o primeiro ano do Programa, as atividades ofertadas foram sendo adaptadas de forma a melhor se adequarem a seu público alvo. O contato com as professoras foi essencial nesse processo de adaptação, pois são as profissionais que têm a experiência para direcionar, junto aos educadores do museu, a melhor forma de aplicação das atividades. Além disso, o contato próximo com a equipe diretiva sempre se caracterizou como um fator extremamente positivo, pois a aplicação do Programa exige que a escola adeque seu dia a dia ao PESA, o que demonstra que a parceria é profícua tanto para o museu, quanto para a escola (Acervo da Pesquisa, 2025).

A partir dessa fala, precisei olhar para trás e ver o quanto havíamos caminhado e o quanto mudamos a partir da realidade colocada no decorrer desses anos. Algumas mudanças foram apenas metodológicas ou momentos com maior ou menor recurso. Porém, a principal mudança continua acontecendo. O projeto se reescreve a cada ano. É sensível às histórias individuais e coletivas, aos objetivos e referenciais, aos acontecimentos políticos, às lutas sociais e de preservação ambiental.

Atualmente, fazemos as saídas da escola em ônibus comum, não podemos mais alugar o transporte com as verbas que a escola recebe. Isso prevê autorização específica, visto que o risco é bem maior e algumas crianças precisam de dinheiro para a passagem, pois não têm o RioCard. Anteriormente, saíamos da escola, duas professoras e as crianças, afinal, o ônibus pegava a gente na porta e deixava na entrada da Vila dos Pescadores, bem próximo ao MAI. Hoje precisamos de pelo menos quatro pessoas. Um fato importante para o projeto foi a inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais.

Figura 36 - Confraternização no último dia do PESA, na praia, com Eduardo (setor educativo do MAI), Milena (professora do 5º ano de escolaridade), Flávio (Diretor do MAI) e Kamille (aluna do 5º ano de escolaridade)



Fonte: Instagram (2025)¹¹

Então, contamos com a colaboração de profissionais do museu e por vezes estagiários/as do Grupo de Estudos Interdisciplinares do Ambiente da Faculdade de Formação de Professores (GEIA/UERJ). Atualmente, quando temos criança cadeirante, solicitamos a “Cadeira Julietti”¹² e a “Cadeira Anfíbia”¹³, e em contato com a Secretaria de Acessibilidade podemos levar a criança para realizar as trilhas com a gente.

¹¹ Museu de Arqueologia de Itaipu. **Que ano incrível de #pesa2024 realizamos este ano! [...]**. Rio de Janeiro, 30 dez. 2024. Instagram: @museudearqueologiadeitaipu. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DEOJlc9v0ec/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 17 jun. 2025.

¹² A cadeira Julietti foi projetada e construída para permitir que pessoas com deficiência física possam percorrer as trilhas mais desafiadoras. O equipamento é desmontável, fácil de transportar, possui apenas uma roda com pneu de borracha e amortecedor e necessita de dois operadores, além do passageiro (Julietti, 2025).

¹³ “As cadeiras anfíbias são desenvolvidas para permitir o acesso de pessoas com deficiência ao mar. Fabricada com materiais resistentes à água, como plástico, aço inox e alumínio, ela não afunda, sendo resistente à ação da água salgada. Além disso, para evitar que a cadeira fique presa na areia, o equipamento possui rodas mais largas. Para propiciar a acessibilidade a todos, as praias gaúchas precisam ter o acessório à disposição” (Izidro, 2023).

Nessa busca, junto ao pessoal do MAI, também ouvimos a Michelle Tizuka, que atuou por dois anos, 2023/2024, como monitora/educadora junto ao PESA. Delas recebemos a seguinte colocação:

O contato com as professoras foi essencial nesse processo de adaptação, pois são as profissionais que têm a experiência para direcionar, junto aos educadores do museu, a melhor forma de aplicação das atividades. Além disso, o contato próximo com a equipe diretiva sempre se caracterizou como um fator extremamente positivo, pois a aplicação do Programa exige que a escola adeque seu dia a dia ao PESA, o que demonstra que a parceria é profícua tanto para o museu, quanto para a escola (Acervo da Pesquisa, 2025).

Ao ouvir essas pessoas percebi que para o MAI a escola tem muita importância, e que sem ela o PESA não continuaria. Conversei então com Paulo Freire, em Pedagogia da Autonomia, quando diz:

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (2024, p. 40).

Na reflexão, a partir dessa fala, continuava intrigada com esse lugar da escola no MAI. Minhas leituras, minhas observações e indagações ganhavam mais força.

Busquei ouvir outras pessoas nessa travessia, em busca de uma resposta para minha pergunta. Entre uma “curva” e outra me lembrei de alguns/algumas estagiários/as que estiveram na escola e me deparei com colocações bem interessantes.

No ano de 2023, tivemos na escola estagiárias/estagiários da UFF, do Programa de Residência Pedagógica (PIRP). Luiza Gravina foi a estagiária que participou diretamente com o PESA. Então, perguntei a ela o que pensava sobre o PESA e a escola. Ela me relatou o seguinte:

A parceria proporciona às crianças a visita a locais familiares, um olhar mais atento aos contornos da escola, à praia de Itaipu, comumente frequentada pelas crianças e suas famílias, ao Morro das Andorinhas e aos trajetos percorridos cotidianamente. Além da revista, a parceria promove, de forma inédita para muitos, o contato com os espaços cotidianos de forma outra, com visitas ao Museu, às comunidades de pesca artesanal e às comunidades tradicionais. A escola, por sua vez, tem como horizonte de possibilidades o trabalho pedagógico a partir das experiências vividas, não apenas dos livros didáticos e paradidáticos, mas das vivências e curiosidades epistemológicas das crianças em seus percursos (Acervo da Pesquisa, 2025).

Consigo perceber na fala de Luiza uma leitura do caminho de mão dupla feito entre a escola e o museu, mas ainda não consegui resposta para o que me intrigava.

Figura 37 - Luiza Gravina (PIRP/UFF), desenvolvendo atividade com as crianças do 5º ano de escolaridade sobre o Planeta Terra e a Poluição



Fonte: Acervo da Pesquisa (2023)

Outra estagiária, estudante de Biologia, é Carolina Lopes do GEIA/UERJ. Ela participou do PESA na época da Pandemia da COVID 19. Sua monografia de conclusão de curso, “Análise do Desenvolvimento da Trilha Interpretativa Virtual do Morro das Andorinhas Niterói - RJ” (Uerj, 2024), traz a experiência vivida por ela durante esse período. Atualmente, como estudante do Mestrado, está de volta à escola para viver o PESA em todas as etapas. Nessa conversa com Carolina, também descobrimos que ela é moradora de Itaipu desde criança e que participar desse projeto foi e é muito importante para ela. Ela evidencia a relação do projeto com a história de vida de cada participante.

[...] Depois foi muito importante pra mim, como profissional atuar no PESA em parceria tanto com o museu como com a escola e com o parque. Porque foi algo como se eu estivesse devolvendo o que eu vivenciei durante a minha vida, a minha juventude e infância. E agora, como profissional, como bióloga. Espero que esse projeto continue assim por longos anos... (Acervo da Pesquisa, 2025).

Fiquei pensando na atuação da escola junto ao PESA e como ele impacta na vida dos envolvidos com ele durante toda essa caminhada. Como será o olhar de outros sujeitos para o projeto? Busco, então, ouvir mais algumas pessoas. Procuro por Glauber Carvalho, graduando do curso de Pedagogia na UFF, também do PIRP, no ano de 2023, participando ativamente no Projeto Instituinte da escola. Ele nos conta como foi caminhar conosco junto a toda a comunidade escolar e sobre a relação que vai se estabelecendo entre os projetos.

Durante esse período, ajudei a potencializar o projeto instituinte da unidade chamado “Projeto SANKOFA”, o qual tinha por finalidade a busca por uma educação na perspectiva decolonial e antirracista... Paralelamente ao SANKOFA, existiam outros projetos como o PESA, que tinha uma parceria com o Museu de Arqueologia de Itaipu, o qual penso haver uma grande sincronia. O próprio significado do nome SANKOFA nos remete a ideia de reconstrução, de olhar para trás e ressignificar o presente. E é exatamente o que esses dois projetos tinham em comum, utilizar a história, a arte e a educação para re(construir) uma nova trajetória (Acervo da Pesquisa, 2025).

Ouvindo esses estagiários, fico pensando na importância da presença deles na escola e junto ao PESA. O quanto essa participação dos estudantes da universidade trouxe para nós e o quanto eles também aprenderam. A escola visitada por teoria e os estudantes vivenciando a prática.

O que me parece importante é que possamos refletir no espaço acadêmico sobre qual o lugar da teoria num projeto emancipatório e como se pode reaproximar a teoria da prática e a prática da teoria, potencializando aqueles e aquelas que vêm sendo excluídos e impedidos de aprender a dizer a sua própria palavra de modo que mudem as suas próprias vidas e comprometam-se num processo de mudança social (Garcia, 2011, p. 38).

Com a chegada dos graduandos da Pedagogia/UFF, em 2023, vivenciamos e aprendemos, na relação teoria e prática, e nesses atravessamentos, a olhar para as diversas possibilidades que essa realidade mostra.

Figura 38 - Glauber Carvalho construindo com as crianças a evolução das leis abolicionistas e relacionando com o racismo que existe, até hoje, em nossa sociedade



Fonte: Acervo da Pesquisa (2023)

Agora, fui em busca de outras conversas, ouvir alguns profissionais da escola. O que pensavam desse projeto/parceria da escola com o MAI?

Nesse instante do caminho, paro para ouvir a professora Cristina Figueiredo. Ela já participou do projeto há alguns anos e me trouxe uma fala que me fez parar, olhar para trás, como no Sankofa, tentar entender o presente e, voltar meu olhar em direção a estrada que estava a minha frente, tentando ver onde ela iria me levar. A professora fala assim:

Apesar de toda essa riqueza que representa o projeto percebemos que ainda se faz necessário aulas mais interativas e práticas no lugar das expositivas. Também acreditamos que um processo avaliativo em cada etapa do projeto para diagnóstico do que tem sido assimilado pelos estudantes, traria uma contribuição para as instituições envolvidas.

Outra limitação do projeto no meu olhar é o fato de ser algo que vem de fora pra dentro da escola. Acredito que um planejamento participativo, envolvendo todas as instituições, inclusive os próprios estudantes, quem sabe até com algum deles tornando-se guia nas trilhas, traria uma riqueza ainda maior do que tem sido. Penso que o projeto ainda tem um aspecto de oferecer, ofertar e não de construir e reconstruir algo, como um movimento dialético mesmo (Acervo da Pesquisa, 2025).

Ouvi essas palavras e estava claro que os andantes dessa longa estrada achavam o projeto interessante, rico em conhecimentos e aprendizados coletivos.

Todos fazem uma avaliação do PESA e contam, de certa forma, como foram afetadas por ele. Existe afeto em suas palavras.

Fui ouvir, mais uma vez, a Diretora Geral da escola, Minna Gondim, e ela nos coloca o seguinte:

Me parece não haver dúvida em relação à relevância curricular, porém, seria necessário ouvir o que pensam as crianças e as professoras. E esse é o ponto fundamental. Com o tempo o projeto foi se tornando parte do cotidiano da escola, de forma que passamos a não mais pensar sobre ele. Podemos neste momento extrapolar a reflexão acerca deste projeto e pensar se essa não é uma prática da escola. A naturalização e consequente perpetuação de estratégias pedagógicas que se consolidam nas salas de aula e nas relações entre crianças e professoras, e delas com o conhecimento (Acervo da Pesquisa, 2025).

Ao me deparar com essa fala e buscando os caminhos pelos quais passei até aqui, fechei um pouco o olhar no intuito de enxergar no que essas palavras me incomodavam e ao mesmo tempo faziam com que eu encontrasse alguma sinalização diante da realidade onde estou como *professorapesquisadora*.

Portanto, é preciso *treinar o olhar* para pesquisar, para ver além do que está posto. Pesquisar é um processo de (re)criação e dependendo do olhar do pesquisador, diferentes questões vão se constituindo e nos convidando a reformular o estudo. Assim, é de grande importância ter um *olhar investigativo* e uma *escuta sensível* em relação ao espaço físico, material e arquitetônico em que o trabalho de campo está sendo realizado (Andrade, 2009, *apud* Pérez, Goudard; Araújo, 2009, p. 304).

Fiquei pensando sobre esse “treinar o olhar” e quanto o meu olhar, do decorrer dessa estrada, havia mudado e estava mais atento ao meu objeto de pesquisa. Foi quando Ana Léa, uma antiga pedagoga, retornou à escola, mas agora como pesquisadora de Mestrado da FFP/UERJ. Sua pesquisa também é voltada para o PESA, mas buscando saber qual era o uso que fazíamos do livro “Aos pés da Serra da Tiririca, uma história de todos nós”. Então resolvi escutá-la também e ouvi o seguinte:

O livro “Aos pés da Serra da Tiririca, uma história de todos nós” nasceu de uma parceria entre o Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI), a Escola Municipal Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis e o Grupo de Estudos Interdisciplinares do Ambiente (GEIA), da UERJ. Ele é um convite para enxergarmos o entorno da escola como um grande laboratório de aprendizado. Assim, mais do que um conteúdo pronto, o livro é um ponto de partida para a valorização das riquezas da Serra da Tiririca e de seu entorno. Contudo, um levantamento de artigos acadêmicos sobre o Programa de Educação Socioambiental (PESA) revelou uma lacuna na literatura: a ausência de estudos que avaliem especificamente o referido material didático. A partir dessa constatação, surge a necessidade de investigar a

adequação e a eficácia do livro, com o objetivo de avaliar sua aplicabilidade pedagógica e identificar possíveis necessidades de reformulação (Acervo da Pesquisa, 2025).

Realmente o livro ficou guardado na estante da Sala das Pedagogas. Não fizemos uso dele durante todo esse tempo.

Toda a viagem por essa estrada até aqui. Relembrar minha trajetória, visitar todas as etapas do PESA, ouvir vários atores dessa caminhada e chegar ao final da pesquisa descobrir que a escola não foi protagonista dele, mas executora de atividades propostas pelo MAI. A diretora Minna ainda conclui sua fala assim:

Podemos então levantar a hipótese de que apesar de haver um relevante trabalho coletivo, na medida que é executado pelas duas partes, pode não haver de fato uma parceria. É importante dizer que esse fato não invalida o projeto e não diminui o que foi realizado até aqui. Mas sim, aponta a necessidade de ressignificar a proposta, olhar com cuidado seus objetivos e expectativas, ouvir os envolvidos, crianças, professoras e pesquisadores. E quem sabe desenhar uma nova trilha que vá olhando cada novidade que aparecer no caminho (Acervo da Pesquisa, 2025).

Então, fui invadida por um sentimento de decepção com minha história junto ao PESA. Durante esses quinze anos, fui mãe de aluno do primeiro ano do projeto, fui Secretária Escolar, Diretora Adjunta, professora e não havia percebido que éramos executores e não parceiros e protagonistas nessa travessia. Olhei para todos os lados dessa estrada e não sabia que trilha seguir.

Mas como uma viajante que não acredita no fim do caminho. Abri as malas da memória, vi as curvas e as paisagens do trajeto. Peguei os binóculos da experiência que adquiri até aqui e no início desse ano de 2025, como *professorapesquisadora* do quinto ano de escolaridade, busquei o setor educativo do MAI e a Direção da escola e fizemos uma reformulação, escola e museu, de um PESA onde possamos pensar juntos cada etapa e trazer novas descobertas no decorrer de cada ano letivo. Para isso precisamos ouvir as crianças.

Num primeiro momento, Wanessa, do setor educativo do MAI, foi à escola conversar com as crianças sobre o que é um museu e o que é o PESA. Nesse momento as crianças registravam em seus diários de campo o que gostariam de aprender durante esse ano no projeto.

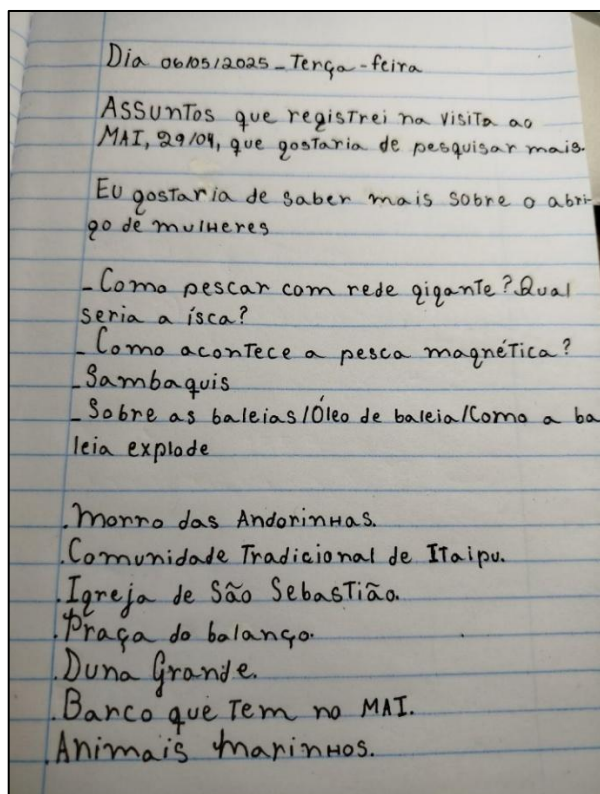
Figura 39 - Wanessa conversando com as crianças sobre Museus



Fonte: Acervo da Pesquisa (2025)

Após esse momento de conversa e registro, fizemos um levantamento das questões que as crianças gostariam de pesquisar e aprender.

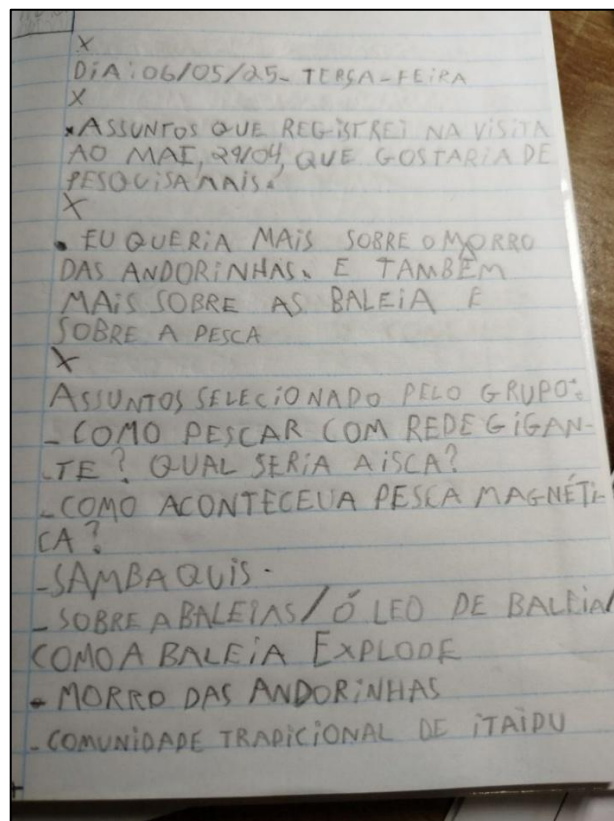
Figura 40 - Registro de uma crianças sobre o que gostaria de pesquisar no PESA



Fonte: Acervo da Pesquisa (2025)

Transcrição:
 Dia 06/05/20025 - Terça-feira
 Assuntos que registrei na visita a MAI, 29/04, que gostaria de pesquisar mais
 Eu gostaria de saber mais sobre o abrigo de mulheres
 Como pescar com rede gigantes? Qual seria a isca?
 Como acontece a pesca magnética?
 Sambaquis
 Sobre as baleias/Óleo de baleia/Como a baleia explode
 Morro das Andorinhas
 Comunidade Tradicional de Itaipu
 Igreja de São Sebastião
 Praça de Balanço
 Dunga Grande
 Barco que tem no MAI
 Animais Marinhos

Figura 41 - Registro de uma criança sobre uma visita ao MAI



Fonte: Acervo da Pesquisa (2025)

Transcrição:
 Dia: 06/05/25 - Terça-feira
 Assuntos que registrei na visita ao MAI, 29/04, que gostaria de pesquisar mais
 Eu queria mais sobre o morro das andorinhas. E também mais sobre a baleia e sobre a pesca
 Assuntos selecionados pelo grupo:
 Como pescar com rede gigante? Qual seria a isca?
 Como aconteceu a pesca magnética?
 Sambaquis
 Sobre baleias/Óleo de baleia/Como a baleia explode
 Morro das Andorinhas
 Comunidade Tradicional de Itaipu

Depois levamos as respostas para os profissionais do setor educativo do MAI, Vanessa e Flávio, e a partir desse movimento estamos começando a construir e viver o projeto.

Agora começamos a dar um novo sentido ao PESA. As crianças estão participando e intervindo nesse roteiro. A partir de seus questionamentos vamos seguindo e mudando de rota se preciso for.

A primeira visita ao MAI foi diferente, pois as crianças acompanhadas de seu diário de campo, sabiam que podiam perguntar e registrar o que achavam importante. Nesse dia visitamos cada setor do museu e ouvimos a história dele.

Figura 42 - Crianças registrando, no diário de campo, enquanto visitam o acervo do MAI



Fonte: Acervo da Pesquisa (2025)

Perguntar, interagir e ver, através das peças expostas, a história do MAI e dos Sambaquis, trouxe um registro nos diários de campo mais prazeroso. Depois fomos para a parte externa e a Wanessa propôs que elas fizessem um pequeno registro, da

história do MAI. As imagens de um desses pequenos livros estão em anexo (Anexo C - Pequeno livro sobre o MAI produzido pela estudante Beatriz Veras Monteiro).

Figura 43 - Crianças desenhando

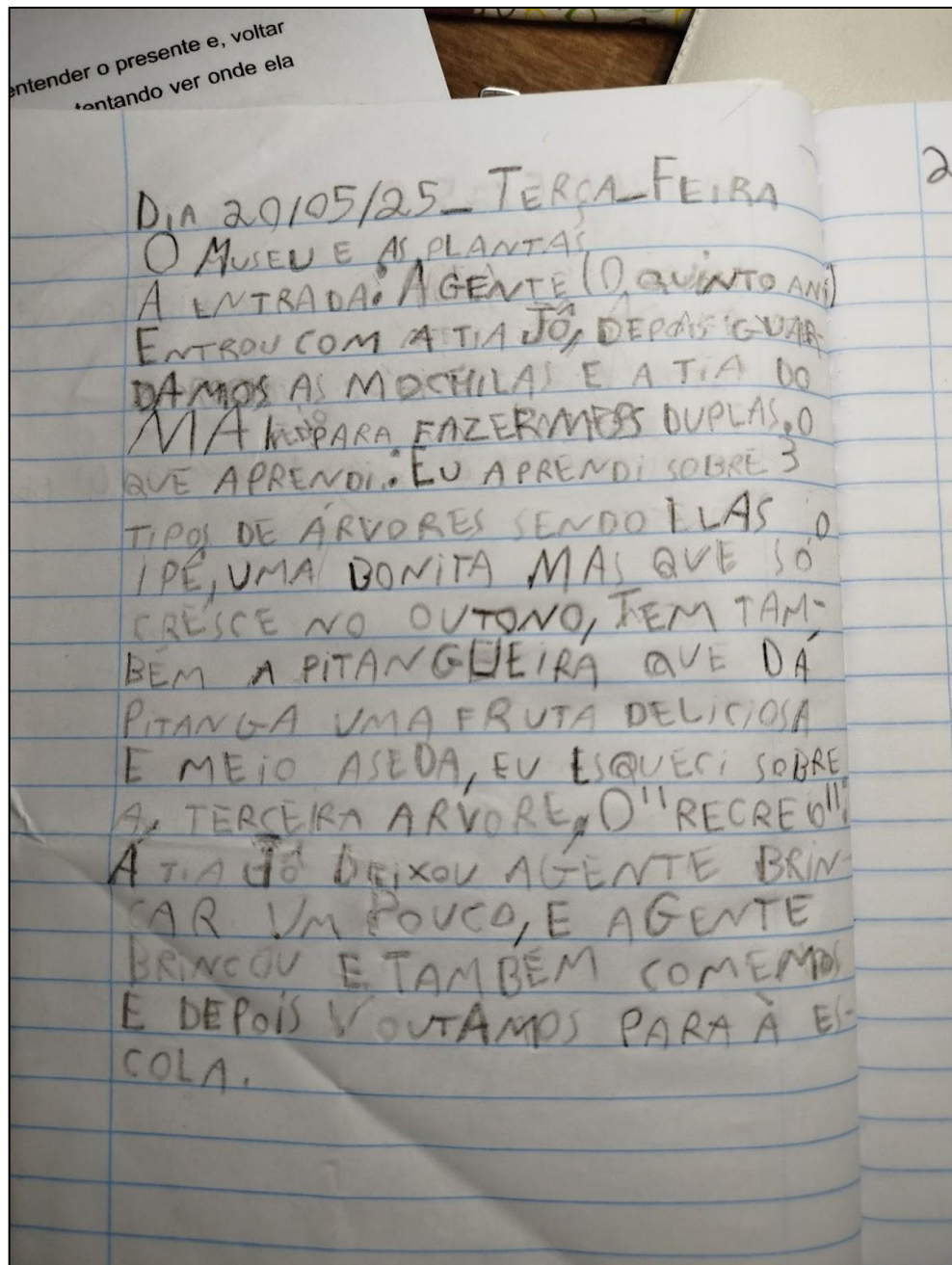


Fonte: Acervo da Pesquisa (2025)

Entre uma visita e outra, estamos lendo o livro “Aos pés da Serra da Tiririca: Uma história de todos nós”. Assim, vamos entrelaçando a prática e a teoria de maneira a tornar essa travessia mais interessante e com mais conhecimentos para todos.

Em uma das visitas, Michelle, nos convidou a conhecer algumas plantas nativas: aroeira, pitangueira e o ipê. As crianças viram as árvores, observaram suas características e depois fizeram mudas para um futuro reflorestamento do Morro das Andorinhas. Esse dia também foi registrado no diário de campo.

Figura 44 - Registro em diário de campo sobre atividade realizada no MAI (1)



Fonte: Acervo da Pesquisa (2025)

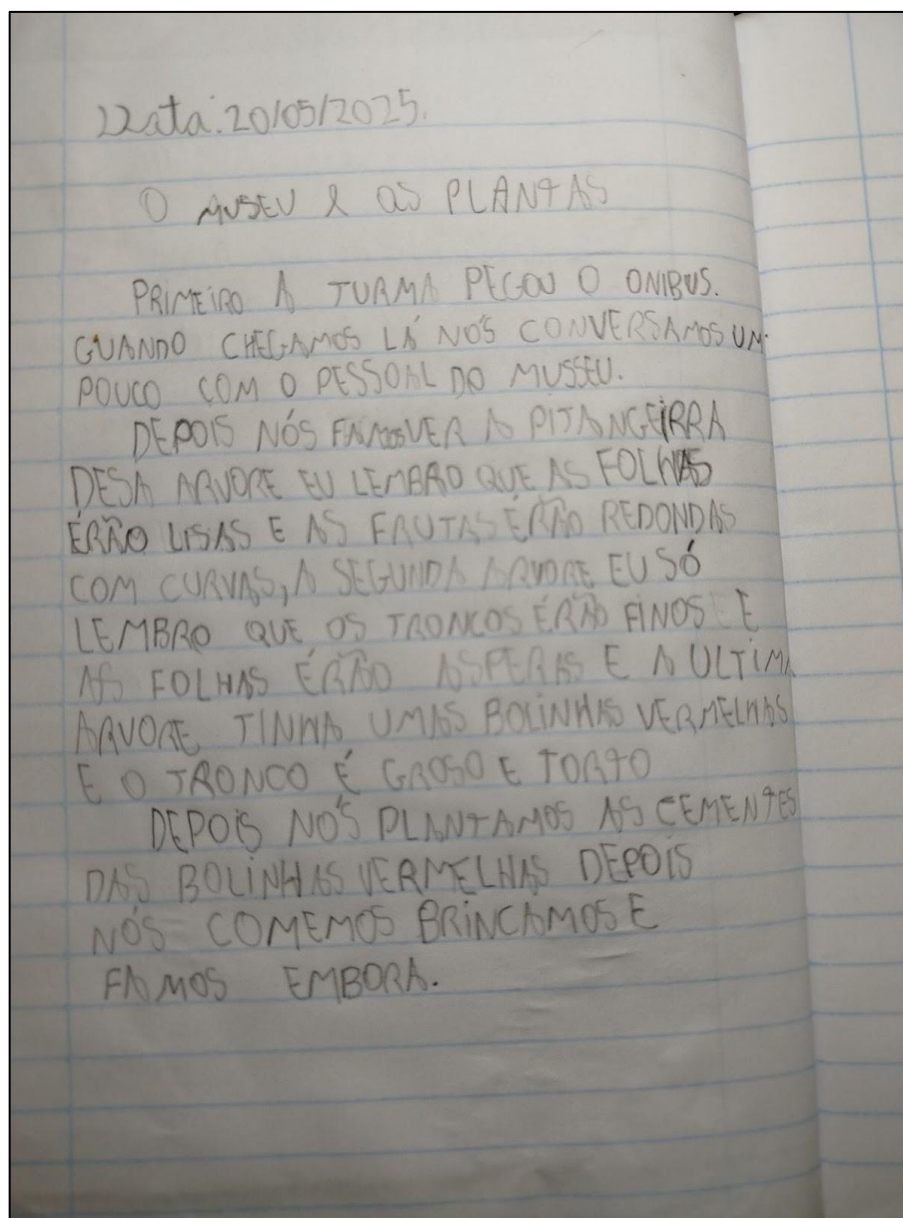
Transcrição:

Dia 20/05/25 - Terça-feira

O museu e as plantas

A entrada. A gente (o quinto ano) entrou com a tia Jô, depois guardamos a mochila e a tia do MAI "pedio" para fazermos duplas. O que aprendi: Eu aprendi sobre 3 tipos de árvores sendo elas o Ipê, uma bonita, mas que só cresce no outono, tem também a pitangueira que dá Pitanga uma fruta deliciosa e meio "aseda", eu esqueci sobre a terceira árvore. O "recreio": a tia Jô deixou "agente" brincar um pouco, e "agente" brincou e também comemos e depois "voutamos" para à escola.

Figura 45 - Registro em diário de campo sobre atividade realizada no MAI (2)



Fonte: Acervo da Pesquisa (2025)

Transcrição:

Data 20/05/2025

O museu e as plantas

Primeiro a turma pegou o ônibus. Quando chegamos lá nós conversamos um pouco com o pessoal do museu.

Depois nós fomos ver a pitangueira. "Desa" árvore eu lembro que as folhas "erão" lisas e as frutas "erão" redondas com curvas, a segunda árvore eu só lembro que os troncos "erão" finos e as folhas "erão" ásperas e a última árvore tinha bolinhas vermelhas e o tronco é grosso e torto.

Depois nós plantamos as "cementes" das bolinhas vermelhas. Depois nós comemos, brincamos e fomos embora

Perceber, a partir do interesse e da participação das crianças, que a escola vem adquirindo protagonismo no projeto com o MAI faz de mim uma *professorapesquisadora* em um novo percurso. O mestrado, através de toda a

experiência em leituras e convivências, na escola e na universidade, me fez voltar ao passado para ressignificar e construir um presente onde a partir do olhar das crianças elaboramos o PESA juntos. Converso então com Regina Leite Garcia, quando fala: “Se a escola é o fim de nossas pesquisas e de tudo o que escrevemos, o resultado de nossas pesquisas deveria a ela chegar e, de algum modo, a ela beneficiar” (2011, p. 16).

Vejo, então, no final dessa pesquisa, mas nessa estrada que ainda tem um longo percurso, chamado PESA, que os atravessamentos, que todos os participantes desse projeto vivenciaram e vivem, transformaram a cada um do seu jeito e fazem com que continuemos mais envolvidos e construindo essa parceria.

5 CONCLUSÃO

Caminhando e cantando
 E seguindo a canção
 Somos todos iguais
 Braços dados ou não
 Nas escolas, nas ruas
 Campos, construções
 Caminhando e cantando
 E seguindo a canção
 Vem, vamos embora
 Que esperar não é saber
 Quem sabe faz a hora
 Não espera acontecer...

(Pra não dizer que não falei das flores, 1968)

Esse é o final do caminho?

Comecei essa estrada na barriga da minha mãe. Aprendendo, interagindo, interferindo e sendo transformada o tempo todo como ser humano em construção permanente. Me inspiro assim na fala de Paulo Freire (2024, p. 52): “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir além dele.”

Saber que fui além do que havia planejado, fez com que continuasse em busca de outras histórias e outros propósitos que me incomodassem, que me alegrassem, que me transformassem sempre, me estimulou a continuar a pesquisa.

Quando comecei o Mestrado com a expectativa de uma viajante, não sabia a estação final da minha busca. Arrumei as malas, sabia que provavelmente precisaria de alguma coisa pelo caminho. Muitas vezes, existem tribulações que não planejamos, mas achava que tinha bagagem suficiente para a viagem.

Pois é, não foi bem assim! Descobri que quem já tem resposta, não precisa pesquisar. Que eu não tinha resposta alguma pra questão a ser pesquisada.

A cada aula, a cada texto, a cada discussão, a cada retorno à escola e ao MAI, percebi que precisava de mais bagagem, de leituras, de conversas, de olhares e de mais atenção aos detalhes do caminho.

Encontro-me, então, com Certeau quando diz:

A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita, etc. as trajetórias que “fala”. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. Indefinida

diversidade, dessas operações enunciadoras. Não seria, portanto, possível reduzi-las ao seu traçado gráfico (2014, p. 166).

Percebi que essa travessia não seria fácil. Agora precisaria colocar a cabeça para o lado de fora da janela, a escola, e olhar mais atentamente para a relação desta instituição com o MAI, e entender por que, apesar de um projeto como o PESA, que tem uma trajetória de 15 anos, ainda não ter sido registrado por ela?

Nessa estrada cheia de sinalizações, transeuntes e muitas direções, fiquei, por muitas vezes sem saber que rumo tomar. Parava, ouvia, observava, tinha medo, o coração acelerava e ia seguindo, sem saber muito bem onde ia chegar.

Busquei em minha história de vida a inspiração para esse percurso. Filha de professora e de 'poeta misterioso'/leitor, com quatro irmãos professores, vindo de uma cidade pequena do interior do RJ, percebi que o gosto pelo estudo e pela busca de conhecimento estavam alicerçados nesses pilares. No entanto, lembrei que o museu era uma passagem na minha vida escolar.

Esse retorno ao passado me fez enxergar o quanto esse percurso foi importante para o ponto do caminho onde me encontro, afinal, estudei em escola pública, em escola particular, em Universidade Pública e me tornei professora da Rede Municipal de Ensino em Niterói, no Ensino Fundamental I, através de um concurso público. Sempre meus caminhos eram atravessados e mergulhados na escola.

Trabalho na E.M. Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis que, em 2009, abraçou a proposta do Museu de Arqueologia de Itaipu para desenvolver um projeto Sócio Ambiental. Esse projeto acontece até os dias atuais. No entanto, a escola não tem nenhum registro sistematizado desse projeto, que é conhecido como uma parceria entre escola e MAI; e muito menos o incorpora ao currículo oficial. Vivemos a dicotomia entre o instituído (Currículo Oficial) e o instituinte (Currículo-vida). Por quê?

Como *professorapesquisadora* da minha própria prática, me reconheço nos diversos caminhos trilhados ao longo da estrada. Depois de ziguezaguear nesse trajeto, cheio de experiências e aprendizados, concluo que a escola nunca foi protagonista no PESA. Ela sempre foi executora das atividades propostas pelo projeto e os conhecimentos produzidos nunca foram, de fato, reconhecidos como saberes curriculares validados.

Como foi doloroso reconhecer esse lugar na nossa história. Afinal, estamos participando do PESA há anos e nunca havíamos refletido sobre nossa posição nessa

parceria. Se não fosse o Mestrado, talvez não conseguisse ver esse outro lado da estrada. Foi quando ouvi o conselho de Nóvoa:

É preciso ler, ler muito, ler devagar, coisas diversas, coisas inúteis. É preciso pensar, pensar muito, conquistar o tempo de pensar. ... Nunca te esqueças que a inteligência vem *inter-legere*, da capacidade de interligar. E que complexidade vem de *complexus*, daquilo que é tecido em conjunto (2015, p. 15).

Mergulhei nas leituras, nas aulas, nas conversas e nas discussões. Cada encontro era uma sacudida em conceitos e práticas. Entender a narrativa, o cotidiano e a rede de relações que se encontram no espaço escolar agora tinham um novo significado para mim. Sempre gostei de trabalhar em parceria com outros colegas, com as famílias e, principalmente, com as crianças. Mas tudo intuitivamente. Agora, descobri que existem autores que escrevem e refletem sobre essa prática. A partir desse ponto, comecei a rever e a entender melhor o universo em que transito. Reconhecer que tudo é movimento e interação, que transformamos e somos transformados o tempo todo.

No entanto, sabemos que a estrada não termina para quem quer continuar em busca de novos conhecimentos, novas pessoas, novos discursos, novos aprendizados.

Afinal, os caminhos são feitos de idas e vindas. E foi esse retorno ao passado, esse voltar percebendo os acontecimentos em seus detalhes, que me fizeram entender como a escola esteve participando do PESA. Pensei nas crianças, o quanto poderiam intervir? Os responsáveis, o quanto tivemos de pescadores, moradores de toda a região, que sendo pais e mães das nossas crianças, poderiam ter participado do PESA? Não estávamos atentos a essas peculiaridades tão importantes nesse contexto.

Reporto-me, então, a Nóvoa quando me mostra a responsabilidade de um investigador:

Ninguém pode ser investigador em Educação fechado numa redoma. Quer queiramos quer não, andamos sempre misturados com as práticas, com as instituições, com as políticas. Mais vale conhecer esta condição do que ignorá-la.

Mas isso não me condena nem à miopia nem à indiferença. Antes pelo contrário. Mudei de pele muitas vezes na minha vida. Mas, de cada vez, procurei fazê-lo refletindo sobre o meu lugar e a minha responsabilidade. Em Educação, nunca se é apenas investigador, no sentido mais acanhado do termo (2015, p. 19).

Percebi que era uma *professorapesquisadora*, que as aulas de campo me fizeram ‘trocar de pele’ muitas vezes. Mudei de lugares, mudei a prática, mudei as relações, mudei o caminhar, mudei a mim mesma.

Espero continuar nessa transformação até o fim da estrada...

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** 1. ed. Campinas: Verus Editora, 2005. 126 p. ISBN 8587795775.
- ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos: Após muitas 'conversas' acerca deles. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (Org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: Questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. cap. 1, p. 19-46.
- ANDRADE, Priscila Pedro. Lendo o espaço para compreender a complexidade do cotidiano escolar. *In*: PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal; TAVARES, Maria Tereza Goudard; ARAÚJO, Mairce da Silva. **Memórias e Patrimônios**: Experiências em Formação de Professores. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 303-316. ISBN 9788575111413.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas). Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. 272 p. v. 1.
- BORGES, Edna Martins; CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. Qualidade da educação: os desafios de uma escola justa e eficaz. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 23, n. 39, p. 8–26, 2020. DOI: 10.24934/eefv23i39.3294. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/3294>. Acesso em: 27 maio. 2025.
- BRAINSTORMING. **Dicio**. [s. l.], 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/brainstorming/>. Acesso em: 17 jun. 2025.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é e não é este livro. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos**: A Experiência da Pesquisa no Trabalho do Educador. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2003. cap. 1, p. 2-15. Disponível em: <https://www.apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2019/02/A-PERGUNTA-A-V%C3%81RIAS-M%C3%83OS-rosa-dos-ventos.pdf>. Acesso em: 27 maio 2025.
- CAMINHAR. Intérprete: Beraderos, Milton Nascimento. Compositores: Danilo Mesquita, Ravel Andrade. *In*: MESQUITA, Danilo; ANDRADE, Ravel. **Caminhar**. [s.l.]: Biscoito Fino, 2021. Faixa 7 (5:36 min). Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/7mLy1fgM7cmou0c9Cl6hhz>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- CAMINHOS do coração. Intérprete: Gonzaguinha. Compositor: Luiz Gonzaga Jr. *In*: Gonzaguinha. **Caminhos do Coração**. [Compositor e intérprete]: Gonzaguinha. São Paulo: EMI Records Brasil, 1982. Disco Vinil, faixa 10 (3:50 min).
- CARIOCA ADVENTURE. **Carioca Adventure**, 2014. O fantástico Alto Mourão [...]. Disponível em: <https://www.cariocadventure.com.br/mourao.asp>. Acesso em: 17 jun. 2025.
- CASTRO, Edna. Epistemologias e caminhos da crítica sociológica latino-americana. *In*: CASTRO, Edna; PINTO, Renan Freitas (org.). **Decolonialidade e sociologia na**

América Latina. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA, 2018. cap. 1, p. 25-52. ISBN 9788571431843.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano:** Artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 320 p.

CHENÉ, Adèle. A narrativa de formação e a formação de formadores. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto) biográfico e a formação.** Tradução: Maria Nóvoa. 2. ed. Natal, RN: EdUFRN, 2014. p. 121-132. ISBN 9788542503043.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Célestin Freinet:** Uma pedagogia de atividade e cooperação. Petrópolis: Vozes, 1997. 108 p. ISBN 8532618260.

ENQUANTO Houver Sol. Intérprete: Titãs. Compositor: Sérgio Britto. *In*: MELLO, Branco; MIKLOS, Paulo; BRITTO, Sérgio; BELLOTTO, Tony; GAVIN, Charles. **Como estão vocês?** [S. l.]: Sony BMG Music Entertainment, 2003. CR-ROM, Faixa 8 (3:02 min).

ESQUINAS. Intérprete: Djavan. Compositor: Djavan. *In*: VIANA, Djavan Caetano. **Lilás.** [S. l.]: Discos CBS I.C.L., 1984. Disco Vinil, Faixa 3 (5:29 min).

EU apenas queria que você soubesse. Intérprete: Gonzaguinha. Compositor: Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior. *In*: JÚNIOR, Luiz Gonzaga do Nascimento. **Bis (Dois CDs).** [S. l.]: EMI Music Brasil Ltda, 2000. 2 CD-ROM, Faixa 1 (2:35 min).

FORÇA Estranha. Intérprete: Gal Costa. Compositor: Caetano Veloso. *In*: COSTA, Gal. **Gal.** Intérprete: Gal Costa. [S. l.]: Universal Music Ltda, 1994. Disco Vinil, Faixa 2 (3:33 min).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024. 143 p.

GALLO, Silvio. Transversalidade e Meio Ambiente. **Ciclo de Palestras sobre Meio Ambiente:** Programa Conheça a Educação - Cibec/Inep, Brasília, ano 2001, p. 15-26. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/ciclodepalestras.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.

GARCIA, Regina Leite (org.). **Método, métodos, contramétodo.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 208 p. ISBN 9788524909290.

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Conversa sobre pesquisa. *In*: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (org.). **Professora Pesquisadora:** Uma práxis em construção. 2002. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-125.

GARCIA, Regina Leite. Para quem investigamos - Para quem escrevemos: Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador. *In*: GARCIA, Regina Leite (org.). **Para quem pesquisamos Para quem escrevemos:** O impasse dos intelectuais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011. cap. 1, p. 11-36.

UERJ, Geia. Trilha virtual interpretativa do Morro das Andorinhas. **Youtube**, 16 set. 2022 (20:38 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y6w5OzsaaYg&t=299s>. Acesso em: 17 jun. 2025.

GOODSON, Ivor Frederick. **A vida e o trabalho docente**. Tradução: Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis: Vozes, 2022. 264 p.

INEA celebra Charles Darwin no Parque Estadual da Serra da Tiririca.

Disponível em: <https://www.inea.rj.gov.br/inea-celebra-charles-darwin-no-parque-estadual-da-serra-da-tiririca/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

IZIDRO, Chico. Cadeiras Anfíbias: uma ajuda para quem só quer tomar um banho de mar. **Correio do Povo**, 2023. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/verao/cadeiras-anf%C3%ADbias-uma-ajuda-para-quem-s%C3%B3-quer-tomar-um-banho-de-mar-1.972905>. Acesso em: 17 jun. 2025.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito...: Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Tradução: Maria Nóvoa. 2. ed. Natal, RN: EdUFRN, 2014. p. 57-76. ISBN 9788542503043.

JULIETTI. **Julietti Tecnologia Assistiva**, 2025. Disponível em: <https://www.cadeirajulietti.com.br/>. Acesso em 17 jun. 2025.

KANEKO, Sidineia Muniz. **Ciclos e sucesso escolar**: Questões teóricas e práticas.. Orientadora: Mary Rangel. 2008. 121 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2008.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 102 p. ISBN 9788535933581.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Universidade Estadual de Campinas, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2025.

LELES, Daniela; GUIMARÃES, Fernanda; PUCU, Elisa. **Uma aventura na terra dos “sambaquieiros”**: os primeiros habitantes de Niterói/. Ilustração: Leila Guimarães. 1. ed. Niterói, RJ: Faperj, 2022. 100 p. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/25060/SAMBAQUIEIROS%20-%20E-BOOK-2.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 30 maio 2025.

MAR DE CONHECIMENTO. **Mar de Conhecimento**, 2024. Uma jornada ambiental protegendo o planeta, através da Educação Sustentável. Disponível em: <https://mardeconhecimento.org.br.robertopinheiro.com.br/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

NADA Será como Antes. Intérprete: Beto Guedes, Milton Nascimento. Compositores: Milton Nascimento, Ronaldo Bastos. *In*: NASCIMENTO, Milton; BORGES, Lô. **Clube da Esquina**. [S. l.]: EMI Records Brasil Ltda, 1972. Disco Vinil, Faixa 20 (3:23 min).

NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em Educação. **Investigar em Educação**: Educação em Tempo de Crise, Porto - Portugal, ano 2015, v. 2, ed. 3, p. 13-22, 31 ago. 2015.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106–1133, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/4843>. Acesso em: 30 maio. 2025.

NÓVOA, António. Os professores depois da Pandemia. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 42, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.249236>. Acesso em: 30 maio 2025.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução: Leny Werneck. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 167 p. ISBN 9788532504258.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Experiências e narrativas em educação (sob forma de uma apresentação). *In*: PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Experiências e narrativas em educação**. Niterói, RJ: EdUFF, 2017. p. 15-27. ISBN 9788522810802.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal; MIGUEL, Aline Cântia Corrêa. “Fazer” (e narrar) experiência na pesquisa e na formação de professores narradores. **Roteiro**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 41–66, 2016. DOI: 10.18593/rv41i1.9270. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9270>. Acesso em: 30 maio 2025.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Rodas de memórias e saberes: Uma prática de formação. *In*: PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal; TAVARES, Maria Tereza Goudard; ARAÚJO, Mairce da Silva. **Memórias e Patrimônios**: Experiências em Formação de Professores. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 253-267. ISBN 9788575111413.

PIMENTEL, Douglas; BARROS, Ana Angélica Monteiro de; PONTES, Jorge Antônio Lourenço; SOUZA-LIMA, Rosana; SILVA, Stélvio Henrique Figueiró da; ALMEIDA, Flávio Silveira; MEIRELES, Camila Pinto; MAIA, Stephanie; OLIVEIRA, Daniel Martinez; HERINGER, Pedro Colares da Silva. **Aos pés da Serra da Tiririca**. 1. ed. Niterói, RJ: Alternativa, 2013. 68 p. ISBN 9788563749109.

PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. Professora–pesquisadora no tecido escolar. *In*: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (org.). **Professora pesquisadora**: Uma práxis em construção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 87-103

PRA não dizer que não falei das flores. Intérprete: Geraldo Vandré. Compositor: Geraldo Vandré. *In*: VANDRÉ, Geraldo. **Pra não dizer que não falei das flores**. Compositor: Geraldo Vandré. [S. l.]: Som Livre, 1979. Disco Vinil, Faixa 1 (6:49 min).

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: Quando as memórias narram a história da formação.... *In*: PRADO, Guilherme do Val

Toledo; SOLIGO, Rosaura (org.). **Porque Escrever é Fazer História**: revelações, subversões, superações. 2. ed. Campinas: Alínea, 2007. cap. 2, p. 45-60.

PRAIAS-360. **Praias-360**, 2025. Praia de Itaipuaçu. Disponível em: <https://www.praias-360.com.br/rio-de-janeiro/marica/praiadeitaipuacu>. Acesso em: 17 jun. 2025.

PROJETO ARUANÃ. **Projeto Aruanã**, 2025. O Projeto de monitoramento de tartarugas marinhas surgiu em 2010 [...]. Disponível em: <https://projetoaruana.org.br/sobre/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

PROJETO BEM - BIBLIOTECA ENGENHO DO MATO. 2025. Disponível em: <https://projetobem.wixsite.com/projetobem>. Acesso em: 9 jun. 2025.

RESEARCHGATE. Pimentel et al. 2013. Aos pés da Serra da Tiririca. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347985982_Pimentel_et_al_2013_Aos_pes_da_Serra_da_Tiririca. Acesso em: 08 junho 2025.

SANTOS, Carolina Lopes Silva. **Análise do Desenvolvimento da Trilha Interpretativa Virtual do Morro das Andorinhas Niterói - RJ**. Orientador: Douglas de Souza Pimentel. 2024. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, RJ, 2024.

SECRETARIA de Educação divulga lista de Projetos Instituintes aprovados para 2024. **Prefeitura de Niterói**, 2024. Disponível em: <https://niteroi.rj.gov.br/secretaria-de-educacao-divulga-lista-de-projetos-instituintes-aprovados-para-2024/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

TODOS os caminhos. Intérprete: Lenine. Compositores: Lenine, Dudu Falcão. *In*: PIMENTEL, Oswaldo Lenine Macedo. **Lenine In Cité**. [S. l.]: Mameluco Produções Edições Musicais Ltda., 2004. CR-ROM, Faixa 4 (4:03 min).

ANEXO A – POEMA

PRESENTE DE AMIGO

Trinta e dois anos de amor inseparável
A tua ausência me deixava a vida louca
Até a minha voz ficava muito rouca
De ansiedade e tristeza incomparável.

Sempre juntinhos, dia e noite, noite e dia
O teu prazer era estar nos lábios meus
Eu era tão feliz, que nem pensava em Deus
Sugava os teus venenos com grande alegria!

Dormíamos sempre juntos, na mesma cama
Estavas dentro de mim e sobre o meu peito
Mas eu não pensava no teu letal defeito
É muito cego o amor que muito ama!...

Eu já estava totalmente dominado
Pelo prazer constante que sempre me davas
Eu te amava enquanto tu só me matavas
És o diabo, és pior que um cão danado.

Esgotado, envenenado, fiquei doente
E chorei copiosamente a minha sorte
Num leito de hospital, fui abraçado pela morte
E foi aí que o meu bom Deus se fez presente!...

Médicos dedicados, meus irmãos fraternos
Enfermeiros, enfermeiras, grandes amigos
Livraram-me do abismo, cheio de perigos
Deste amor covarde, maldição dos infernos!...

O meu amor, meu inimigo e assassino
Hoje está preso nas grades do esquecimento
Não é mais habitante do meu pensamento
Morreu queimado pelos lábios do destino!...

Adeus cilindro de papel com cinza e brasa
Quanto tempo perdido nós vivemos juntos
Eu sei que ainda farás milhares de defuntos
Peço a Deus que não voltes mais à minha casa.

Agradeço a todos, amigos e parentes
Que levaram para mim doces lenitivos
Palavras de conforto de apóstolos vivos

Semeadores das mais sagradas sementes!...

À minha esposa a minha eterna gratidão
Que foi meu farol na escuridão dos trilhos
Agradeço a grandeza do amor dos meus filhos
Que nunca me deixaram perder a razão.

Clóvis Tostes – 07.11.1982

ANEXO B - OFÍCIO



Ministério da Cultura
Instituto Brasileiro de Museus
Museu de Arqueologia de Itaipu
Praça de Itaipu s/nº - Itaipu - Niterói-RJ
(21)3701-2966/3701-2994 – mai@iphan.gov.br

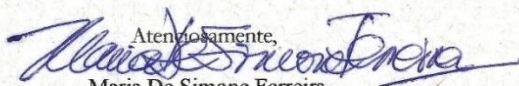
Ofício nº 46/09/MAI

Niterói, 27 de novembro de 2009.

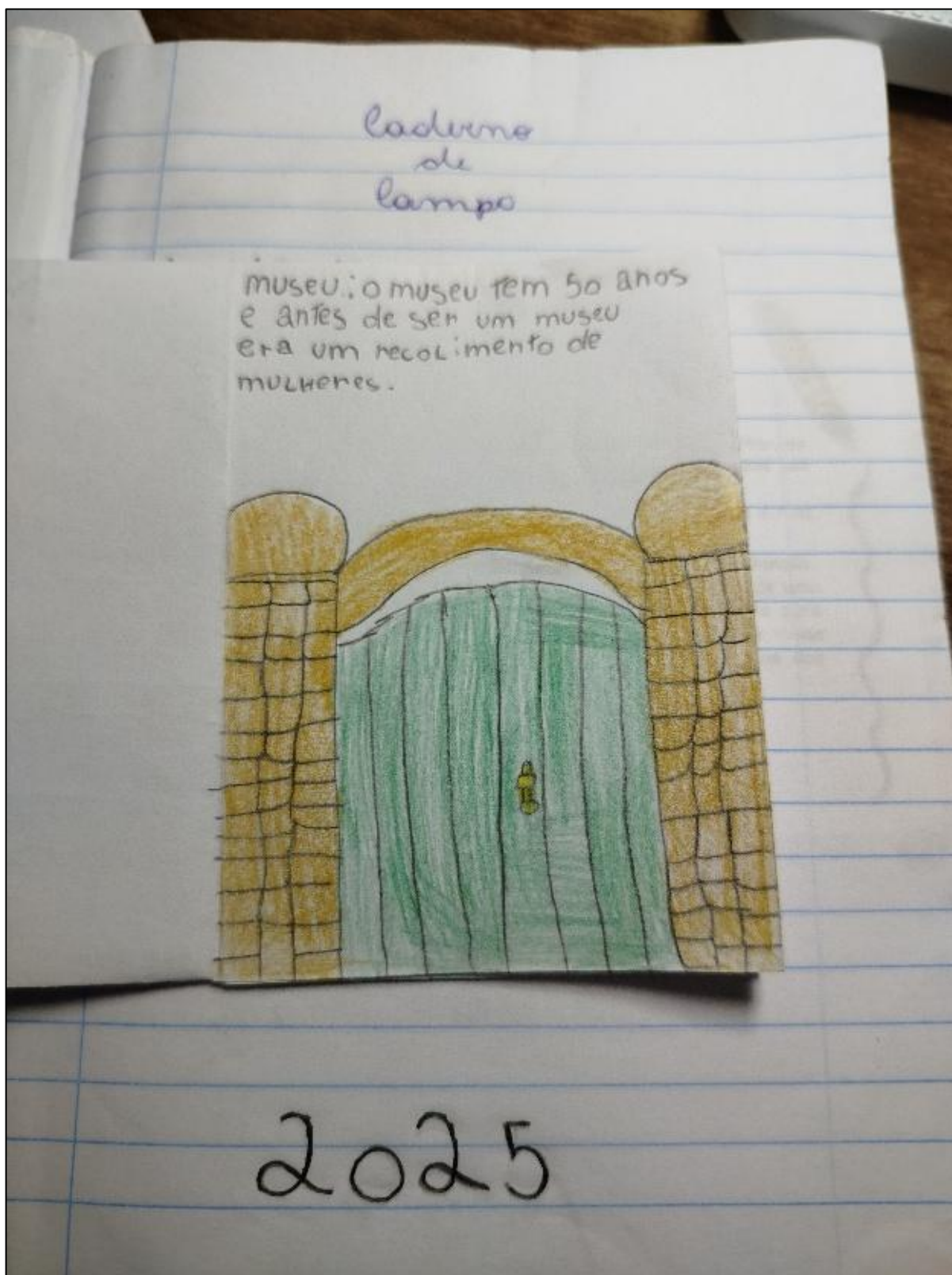
À Senhora Fernanda Faria Marques da Silva
Diretora da Escola Municipal Prof. Marcos Waldemar.
Rua Antonio Luiz Saião, s/nº - Campo Belo - Itaipu
24.340-000 Niterói-RJ

Prezada Senhora,

1. Conforme entendimentos anteriores, vimos convidar essa instituição de ensino para participar do Projeto “Oficina de Educação Ambiental”, que será desenvolvido no Museu de Arqueologia de Itaipu, no ano letivo de 2010.
2. A oficina tem por objetivo despertar nos alunos o interesse pela preservação do meio ambiente, contribuindo com o processo de formação de sujeitos comprometidos com as questões socioambientais.
3. No aguardo da confirmação de participação dessa instituição no projeto, subscrevemo-nos

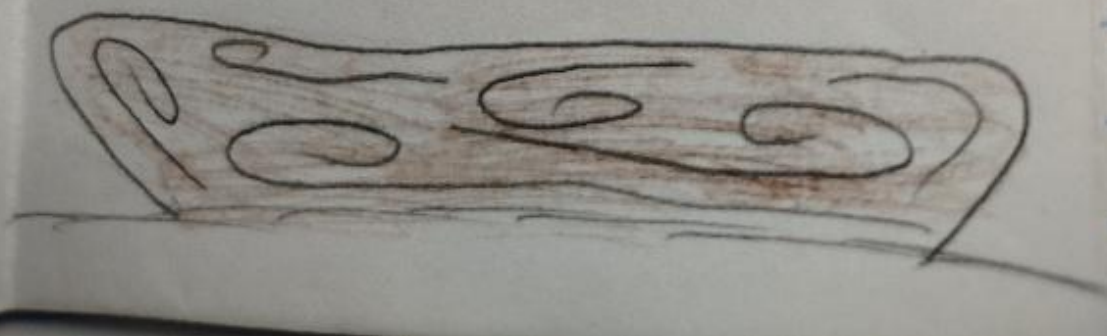
Atenciosamente,

Maria De Simone Ferreira
Diretora

**ANEXO C – PEQUENO LIVRO SOBRE O MAI PRODUZIDO PELA ESTUDANTE
BEATRIZ VERAS MONTEIRO**



de
campo

em contraram um Barco em
terrado na areia na praia de
itaipu.



alguns ossos foram encontrados
por cachorros e por pessoas

